

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CRISTIANE GABRIELA BOESING DE SOUZA**

**A POLÍTICA E O GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÃO NA OFICINA DE MÚSICA  
DE CURITIBA: UMA ANÁLISE DE DADOS**

**CURITIBA  
2015**

**CRISTIANE GABRIELA BOESING DE SOUZA**

**A POLÍTICA E A GESTÃO DA INFORMAÇÃO NA OFICINA DE MÚSICA DE  
CURITIBA: UMA ANÁLISE DE DADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Pesquisa em Informação do Curso de Gestão da Informação do Departamento de Ciência e Gestão da Informação do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Maria do Carmo Duarte Freitas, Dr.<sup>a</sup> Eng.<sup>a</sup>

**CURITIBA**

**2015**

Dedico este trabalho ao guerreiro Vitor,  
dono do meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por sua bondade.

Ao Vitor, meu doce e amado filho, que todos os dias me permite enxergar as motivações e que resistiu fortemente a algumas ausências decorrentes da dedicação acadêmica. É impossível expressar em palavras o meu amor por você.

Aos meus pais, Ilson e Gleci, por lembrar que os sonhos continuam existindo e renascendo, para serem alcançados, e que eu sou capaz. Em especial a minha mãe, que com todo seu amor, me ensinou a ser a mãe que sou hoje.

Às minhas irmãs, Elana e Helen, por toda a proteção em mim depositada. Em especial, à Nana, por ser minha musa inspiradora.

Ao Jorge, que revelou-se mais que meu namorado, mas também meu melhor amigo. Que não limitou seus esforços para me ensinar, incentivar e caminhar ao meu lado. Você é demais!

Aos meus avós, Harry (*in memoriam*) e Ivone, concedentes dos valores e conselhos experientes que carrego comigo.

Às madrinhas, Clarice e Gladis, padrinho Alzir e tio Valter (pela farofa de matinho), por sua disposição e por estarem sempre prontos para auxiliar em qualquer missão que lhes fosse dada. E a todos os familiares, que me apoiaram nesta caminhada.

Aos professores que a vida me deu, Joelson e Derik, pelos diversos dias (e noites) que despenderam seu tempo, em função de me ensinar algo que eu provavelmente eu não conseguiria sozinha.

Aos meus amigos-irmãos, Rafaela e Mateus, por entrarem na minha vida, e com fidelidade e companheirismo, não permanecerem nela por acaso.

Aos meus amigos Deniz, William e Giovanna, que com sua companhia me ajudaram a superar os momentos de devaneio, e compartilharam os de alegria.

Às amigas e companheiras de caminhada e que levarei para toda a vida, Amanda e Ana Paula, que me ensinaram o significado de trabalho em equipe. Às 'Bests UFPR' por me acolherem no início assustador de uma nova fase, por aceitarem minhas decisões, e por estarem sempre presentes.

Aos meus colegas de trabalho, do TCE-PR, que estavam sempre dispostos a repassar os seus conhecimentos. Em especial, ao Maury, que hoje deixa de ser chefe, e passa a ocupar o cargo de amigo.

Às gerentes da Oficina de Música de Curitiba, Ingrid Seraphim Prosser e Janete Andrade, por abrirem suas portas, para que eu conhecesse melhor esse ambiente que me apaixonei à primeira vista, aos 9 anos.

À professora Helena, por estimular meus sonhos, e não se restringir seu acolhimento apenas à sala de aula. E também à professora e orientadora Maria do Carmo, que acreditou no meu potencial, no meu trabalho e na minha paixão pela música.

*"Deus dá a todos uma estrela. Uns fazem da estrela um sol. Outros nem conseguem vê-la."*

*(Helena Kolody)*

## RESUMO

O aumento do volume de informação atrelado à expansão das tecnologias tem proporcionado experiências singulares ao público participante dos festivais de música, responsáveis por colaborar no desenvolvimento cultural, social e comercial da sociedade. A Oficina de Música de Curitiba, ao completar 33 anos de existência, comprova esse exponencial desenvolvimento. Esta pesquisa, objetiva analisar as potencialidades da política e do gerenciamento da informação existentes na Oficina de Música de Curitiba até o ano de 2015 nos momentos de utilização de informação para dar subsídios ao evento e aos seus gestores para futuras tomadas de decisão. Para tal, exploram-se os conceitos envolvidos, analisou-se a política de informação e o modelo de gerenciamento de informação existentes na Oficina por meio de entrevista com as gerentes e, por fim, uma pesquisa documental com coleta, análise e tratamento dos dados (quantitativo), que revelam a progressão e as potencialidades do evento. O estudo indica que durante os 33 anos de existência da Oficina dois diferentes tipos de políticas de informação foram adotados. Revela-se também que não existe um modelo de gerenciamento de informação definido. Para isto busca-se o modelo mais apropriado para o ambiente confrontando o referencial teórico estudado. Por fim, apresentam-se os dados tratados, análises e avaliações que permitem identificar falhas e realizar recomendações para facilitar o funcionamento da Oficina, como, por exemplo, o crescimento de 726% no número de inscritos entre o primeiro e o último ano. A partir disso, comprova-se a evolução e a importância da existência da Oficina de Música de Curitiba, também, a necessidade de adoção de um modelo de gerenciamento de informação que seja capaz de orientar as futuras tomadas de decisão do evento.

**Palavras chave:** Gestão da Informação; Oficina de Música de Curitiba; Análise de dados; Política de Informação;

## ABSTRACT

The increased volume of information linked to the expansion of technology has provided unique experiences to the participating public of music festivals, responsible for assisting in cultural, social and commercial society. The Curitiba Music Workshop, completing 33 years of existence, proves that exponential development. This research aims to analyze the potential of policy and management of existing information in Curitiba Music Workshop by the year 2015 in times of usage information to give subsidies to the event and its management for future decision making. To do this, explores the concepts involved, analyzed the information policy and the existing information management model in the Workshop through interviews with managers and, finally, a documentary research with collection, analysis and processing of data (quanti), that reveal the progression and potential of the event. The study indicates that during the 33 years of the workshop two different types of information policies were adopted. It turns out also that there is not a defined information management model. Pursuing this purpose the most appropriate model for the environment was searched, opposing theoretical references studied. Finally, we present the data processed, analyzes and assessments for identifying faults and carry out recommendations to facilitate the operation of the workshop, for example, growth of 726% in the number of subscribers between the first and the last year. From this it demonstrates the evolution and the importance of the existence of Curitiba Music Workshop also the need to adopt an information management model, able to guide future decision-making event.

**Key-words:** Information Management; Curitiba Music Workshop; Data Analysis; Information policy;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| FIGURA 1 - CICLO DE VIDA DA INFORMAÇÃO .....   | 21 |
| FIGURA 2 – CICLO DE PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO .....   | 22 |
| FIGURA 3 - TAREFAS DO PROCESSO DE GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÃO<br>.....                               | 26 |
| FIGURA 4 - O PROCESSO DE GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO .....   | 27 |
| FIGURA 5 – MODELO DE USO DA INFORMAÇÃO .....   | 28 |
| FIGURA 6 – MODELO DE REPRESENTAÇÃO DO FLUXO DA INFORMAÇÃO .....                                      | 30 |
| FIGURA 7 – ORGANOGRAMA DO MINISTÉRIO DA CULTURA.....   | 35 |
| FIGURA 8 –LINHA DO TEMPO DA MÚSICA .....   | 42 |
| FIGURA 9 - DESENVOLVIMENTO DE UMA ANÁLISE.....   | 54 |
| FIGURA 10 - LINHA DO TEMPO DAS DIREÇÕES DA OFICINA DE MÚSICA .....                                   | 57 |
| FIGURA 11 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....  | 59 |
| FIGURA 12 – FONTES PARA O DESENVOLVIMENTO DO MODELO DE<br>GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÃO UNIFICADO..... | 64 |
| FIGURA 13 – MODELO DE GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO UNIFICADO..  | 65 |
| FIGURA 14 - MAPA MENTAL DO MODELO DE GERENCIAMENTO DE<br>INFORMAÇÃO UNIFICADO PROPOSTO .....         | 66 |
| FIGURA 15 - GRÁFICO DO NÚMERO DE ALUNOS INSCRITOS .....  | 68 |
| FIGURA 16 – REPRESENTATIVIDADE MUNDIAL DE ALUNOS NA OFICINA DE<br>MÚSICA DE CURITIBA .....           | 69 |
| FIGURA 17 - REPRESENTATIVIDADE NACIONAL DE ALUNOS NA OFICINA.....                                    | 70 |
| FIGURA 18 - GRÁFICO DO NÚMERO DE PROFESSORES.....  | 71 |
| FIGURA 19 – REPRESENTATIVIDADE MUNDIAL DE PROFESSORES NA<br>OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA .....      | 72 |
| FIGURA 20 – REPRESENTATIVIDADE ESTADUAL DE PROFESSORES .....   | 73 |
| FIGURA 21 – NÚMERO DE CURSOS REALIZADOS NA OFICINA DE MÚSICA DE<br>CURITIBA POR ANO .....            | 74 |
| FIGURA 22 – DURAÇÃO EM DIAS DO EVENTO NO DECORRER DOS ANOS .....                                     | 75 |
| FIGURA 23 - NUVEM DE PALAVRAS DA REPRESENTATIVIDADE DE<br>INSTRUMENTOS .....                         | 76 |

|  |    |
|--|----|
| FIGURA 24 - REPRESENTATIVIDADE DOS INSTRUMENTOS POR CATEGORIA .....      | 77 |
| FIGURA 25 – ÍNDICE ALUNO POR PROFESSOR.....                              | 79 |
| FIGURA 26 – ÍNDICE CURSO POR PROFESSOR .....                             | 80 |
| FIGURA 27 - GRÁFICO DE DISPERSÃO ENTRE CURSOS E ALUNOS.....              | 80 |
| FIGURA 28 - GRÁFICO DE DISPERSÃO ENTRE DURAÇÃO DA OFICINA E CURSOS ..... | 81 |
| FIGURA 29 - ANÁLISE SWOT DA OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA .....          | 82 |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| QUADRO 1– CONCEITOS DE DADO, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO .....  | 19 |
| QUADRO 2 – DIFERENCIAIS ENTRE DADOS, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO .....  | 20 |
| QUADRO 3 - ETAPAS QUE COMPÕEM OS MODELOS DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO .....  | 25 |
| QUADRO 4 – TIPOLOGIA DE EVENTOS PROPOSTO POR GETZ .....   | 47 |
| QUADRO 5 – TIPOLOGIA DE EVENTOS PROPOSTA POR SMALL .....  | 47 |
| QUADRO 6 – TIPOLOGIA DE FESTIVAIS PROPOSTO POR FIALHO .....   | 48 |
| QUADRO 7 - POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO DA OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA POR PERÍODO .....                             | 61 |
| QUADRO 8 - ETAPAS QUE COMPÕEM A GESTÃO DA INFORMAÇÃO NA OMC   | 63 |
| QUADRO 9 – CATEGORIAS DE INSTRUMENTOS MUSICAIS PARTICIPANTES DA OMC .....   | 77 |
| QUADRO 10 - DIFICULDADES ENCONTRADAS NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA A PARTIR DO CICLO DE VIDA DA INFORMAÇÃO ..... | 86 |

## LISTA DE SIGLAS

|      |                                      |
|------|--------------------------------------|
| FCC  | Fundação Cultural de Curitiba        |
| ICAC | Instituto Curitiba de Arte e Cultura |
| GI   | Gestão da Informação                 |
| OMC  | Oficina de Música de Curitiba        |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | 13 |
| <b>1.1 Objetivos</b> .....  | 14 |
| 1.1.1 Objetivo Geral .....  | 14 |
| 1.1.2 Objetivos Específicos .....   | 14 |
| <b>1.2 Justificativa</b> .....  | 15 |
| <b>2 A GESTÃO E A POLÍTICA DE INFORMAÇÃO EM FESTIVAIS DE MÚSICA</b> .....                 | 17 |
| <b>2.1 Gestão da Informação</b> .....   | 17 |
| 2.1.1 Informação .....  | 18 |
| 2.1.2 Ciclo de Vida da Informação .....   | 21 |
| 2.1.3 Valor da Informação .....   | 22 |
| 2.1.4 Modelos de Gestão da Informação .....   | 24 |
| 2.1.5 Gestão da Informação para reconhecimento de resultados e prospecção .....           | 31 |
| <b>2.2 Políticas</b> .....  | 32 |
| 2.2.1 Política de Cultura .....   | 33 |
| 2.2.2 Políticas de Informação: estilos de gerenciamento da informação organizacional..... | 36 |
| <b>2.3 Festivais de Música</b> .....  | 39 |
| 2.3.1 Música.....   | 39 |
| 2.3.1.1 História da Música .....  | 40 |
| 2.3.1.2 Educação Musical.....   | 43 |
| 2.3.2 Definição de Festival de Música.....  | 44 |
| 2.3.3 Tipos de Festivais de Música .....  | 46 |
| 2.3.4 Turismo e Marketing da Informação presentes nos Festivais de Música .....           | 49 |
| <b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....  | 50 |
| <b>3.1 Caracterização da pesquisa</b> .....   | 50 |
| 3.1.1 Estudo de Caso .....  | 51 |
| 3.1.2 Entrevista e coleta de dados .....  | 52 |
| 3.1.3 Análise documental .....  | 52 |
| 3.1.4 Análise de conteúdo .....   | 53 |
| <b>3.2 Caracterização do ambiente</b> .....   | 55 |
| <b>3.3 Fases da pesquisa</b> .....  | 58 |
| <b>4 REFLEXÕES E DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS</b> .....                                 | 60 |
| <b>4.1 Análise da Informação</b> .....  | 60 |
| 4.1.1 Análise da Política da Informação .....   | 60 |
| 4.1.2 Análise do Modelo de Gestão da Informação .....                                     | 62 |

|   |    |
|---|----|
| <b>4.2 Análise de conteúdo: estatísticas e progressão do evento</b> .....           | 67 |
| 4.2.1 Alunos x Professores .....  | 67 |
| 4.2.2 Cursos x Instrumentos x Duração .....   | 73 |
| 4.2.3 Cruzamento de Variáveis .....   | 78 |
| <b>4.3 Análise SWOT</b> .....   | 81 |
| <b>4.4 Resultados</b> .....   | 84 |
| 4.4.1 Avaliação dos Resultados .....  | 84 |
| 4.4.2 Necessidades Identificadas.....   | 87 |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 89 |
| <b>5.1 Resultados dos objetivos</b> .....   | 89 |
| <b>5.2 Sugestões de trabalhos futuros</b> .....                                     | 90 |
| <b>5.3 Perspectiva de atuação do Gestor da informação na temática de estudo</b> ... | 91 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 92 |
| <b>APÊNDICES</b> .....  | 98 |

## 1 INTRODUÇÃO

A música remonta aos tempos mais primórdios como elemento que compõe a história cultural das civilizações. Desde então, houve mudanças na forma de se fazer e ensinar música. Ela se disseminou pelo mundo, desenvolvendo novas facetas de acordo com o local em que se propagava. No Brasil, um dos maiores países do mundo, dotado da cultura mais diversificada, não foi diferente.

Frey (1994) citado por Petininga (2014) revela que em 1994, na Europa, já existiam uma média de mil festivais de música. O Instituto Moreira Salles (2007) citado a autora, que o sul do Brasil é a sede de 28% dos festivais de música que existem em todas as regiões do país. Os festivais de música promovidos no Paraná desde o século XX são destaque no cenário nacional, pois influenciaram no desenvolvimento de estruturas de educação musical e empreendimentos para a área de música. (KLEBER; CACIONE, 2007). Os festivais são apresentados por Petininga (2008) como elementos que também contribuem para o desenvolvimento do turismo, da economia local, para geração de emprego e renda, além da troca de experiências entre os participantes.

A Oficina de Música de Curitiba é um evento que proporciona uma capacitação para profissionais da música e novas oportunidades para estudantes iniciantes, trazendo benefícios para a sociedade e para o desenvolvimento local. Em sua última edição, aproximadamente 1900 alunos disputaram vagas nos cursos oferecidos. Inicialmente o evento era direcionado à música antiga e erudita, para que em 2001 evoluísse de forma a abranger também o rock, o blues, a música raiz e a música eletrônica.

A Oficina obteve um crescimento significativo no que se refere a número de alunos, número de professores, locais representados por participantes e também no público que prestigia o evento. No ano de 2014, o seu público estimado foi de 50 mil pessoas, o que, apesar de ser representativo e de grande importância para o desenvolvimento cultural, social e econômico, esse evento não possui a devida valorização. Paes (2013) afirmou que a falta (ou melhor: o corte) de dinheiro público para aplicação na Oficina de Música já foi motivo para abandono da gerência do evento em função de protesto. Percebe-se assim que é importante a apresentação de informações pertinentes ao poder público para que isso não ocorra novamente.

Nesse contexto, o presente trabalho visa analisar os modelos de gestão e de política da informação presentes nas 33 edições da Oficina de Música de Curitiba realizadas ao longo dos anos de sua existência, com uma diversidade de direções e de formas de administração. A partir da identificação dessas características, poder-se-á propor a forma mais adequada de se gerenciar a informação da Oficina em seu formato atual e analisar os dados referentes a cada edição, a fim de identificar falhas e facilitar a prospecção de necessidades do evento, bem como as melhorias ocorridas e possíveis mudanças, evitando possíveis transtornos.

## **1.1 Objetivos**

Diante do contexto explicado no tópico acima, a presente pesquisa propõe os seguintes objetivos:

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as potencialidades da política e do gerenciamento de informações da Oficina de Música de Curitiba até 2015.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

Para se atingir este objetivo, complementa-se com os objetivos específicos, que também deverão ser cumpridos. São eles:

- a) realizar um estudo bibliográfico sobre os temas: Gestão da informação, políticas de informação e festivais de música;
- b) identificar as práticas de gerenciamento da informação e as políticas de informação ocorrentes na Oficina de Música de Curitiba ao longo de seus 33 anos de existência;
- c) revelar o formato de política e modelo de gerenciamento de informação pertinentes para esse ambiente;
- d) mensurar dados da evolução e das potencialidades das Oficinas de Música de Curitiba.

## 1.2 Justificativa

A Oficina de Música de Curitiba, mesmo sendo considerada um patrimônio cultural da cidade, não é valorizada de forma adequada pela Prefeitura, que deve ser subsidiária para o desenvolvimento da mesma. Por se tratar de uma política pública, cabe aos próprios organizadores do evento demonstrar a importância que este evento tem no que se refere ao turismo, à economia, e outros elementos importantes para o desenvolvimento da cidade e dos cidadãos que nela se encontram.

Pelo exposto, a autora desta pesquisa, que aos nove anos iniciou seus estudos nas classes de violino da Oficina de Música de Curitiba, e o considera o evento como importante para a sociedade, justifica seu interesse em contribuir com o evento a fim de agregar a inovação da pesquisa acadêmica em gestão da informação direcionada ao ambiente cultural.

A Oficina de Música de Curitiba, em sua primeira edição, contou com apenas duzentos alunos e nove cursos. Em sua segunda edição, o número de alunos dobrou e em sua mais recente edição atendeu em torno de 1900 alunos. O crescimento exponencial em seus primeiros anos foi uma surpresa para seus organizadores, e revelou-se fruto da qualidade de ensino proporcionada. Estes dados devem ser apresentados aos responsáveis, a fim de requerer suporte para a continuidade do evento, com qualidade e representatividade.

Neste ambiente, identifica-se o desafio da realização de uma pesquisa aplicada que correlaciona aspectos históricos, econômicos e sociais antigos com os mesmos aspectos já transformados para o mundo contemporâneo.

Sabe-se que a informação é um recurso estratégico de valor intangível e que muitas vezes não é tratada e utilizada com todo seu potencial. Caberia à política de informação definir qual forma de gerenciamento seria utilizada pelos integrantes da organização do evento, embora não exista uma política definida. O mesmo ocorre com o gerenciamento da informação, que ao proporcionar uma coleta, tratamento, armazenamento e disseminação da informação corretamente, pode ser utilizado como técnica para facilitar as tomadas de decisões; porém, também não há um modelo de gerenciamento informacional definido no evento.

Frente a estes desafios, o cumprimento dos objetivos traçados para esta pesquisa resulta na identificação de quais são os modelos de política de informação existentes no evento, bem como qual o modelo que mais se adequaria às necessidades organizacionais do mesmo. Em complemento a essa identificação, podem-se reconhecer os modelos de gerenciamento de informação aplicados ao longo dos anos de existência da Oficina e revelar qual o mais eficaz. É importante também que além de existir uma política e um modelo de gerenciamento de informação adequada, a informação seja tratada e utilizada estrategicamente. Além desses fatores, a colaboração trás resgata parte da memória institucional da Oficina.

A tabulação dos dados realizada deverá dar subsídios para apresentação aos órgãos de maior instância sobre a importância da Oficina de Música de Curitiba para o desenvolvimento cultural, social e econômico da cidade, possibilitando a reivindicação de auxílios para a evolução do evento e para criação de projetos complementares ao mesmo.

## 2 A GESTÃO E A POLÍTICA DE INFORMAÇÃO EM FESTIVAIS DE MÚSICA

A fundamentação teórica tem como objetivo auxiliar o entendimento da comparação entre conceitos e realidade, além da análise de dados, que compõem o objetivo deste projeto de pesquisa. Assim, os conceitos aqui fornecidos permitirão um aprofundamento na área temática de música, festivais de música e gerenciamento de informação, contribuindo para uma melhor compreensão das informações posteriormente fornecidas.

### 2.1 Gestão da Informação

A gestão da informação não consiste apenas em localizar informação, pois isto é uma função operacional, mas sim uma atividade profissional onde seus profissionais devem ter conhecimento de seu ambiente interno e externo, juntamente ao uso de tecnologias e demais ferramentas em função do interesse dos usuários. (PONJUÁN DANTE, 2008)

A gestão da informação surgiu da percepção de que a informação precisa de gerenciamento “da mesma forma que os recursos humanos e materiais de uma organização, devem ser igualmente administradas e seu caráter estratégico vem sendo destacado nos últimos tempos”. (CANONGIA *et al.*, 2001, p. 7)

Esse caráter estratégico e a valorização desse recurso requer explicar que:

Quanto mais importante for determinada informação para as necessidades da empresa, e quanto mais rápido for o acesso a ela, tanto mais essa empresa poderá atingir os seus objetivos. Isto leva-nos a considerar que a quantidade de informação e os dados donde ela provém, são, para a organização, um importante recurso que necessita e merece ser gerido. (BRAGA, 2000, p. 2-3)

Marchiori (2002) afirma que a gestão da informação é agregada de três recortes: administrativo, da tecnologia e da ciência da informação. O primeiro, direcionado a competitividade, visando o uso estratégico das tecnologias. O segundo, voltado para otimização das arquiteturas de acordo com os sistemas de informação, tendo como vantagens a velocidade de transmissão e a confiabilidade dos dados. Por fim, o terceiro recorte, direcionado para o estudo da informação em

si, envolvendo a criação, identificação, coleta, validação, representação, recuperação e uso.

Braga (2000) sublinha que é objetivo da gestão da informação amparar a política global da organização, de modo que as subpartes da mesma tornem seus conhecimentos e a relação entre eles mais eficazes.

Assim como muitos outros trabalhos, o gerenciamento informacional deve ser reconhecido como um processo, composto por um conjunto estruturado de atividades, que poderão ser responsáveis por recomendar o caminho para mudanças benéficas e buscando uma cooperação interfuncional entre os setores da organização, direcionados à satisfação das necessidades dos clientes. (DAVENPORT, 2002)

Em virtude dessas considerações, as seções a seguir apresentarão conceitos sobre a informação, seu ciclo e seu valor, além dos modelos de gerenciamento de informação desenvolvidos por alguns autores que, se colocados em prática, resultam na gestão sistemática da informação, podendo ser agregadores de valor à informação disponível, visto que a mesma pode ser usada como critério na tomada de decisão.

### 2.1.1 Informação

Considerando que todos os eventos, organizações, objetos e tudo que existe no mundo geram informações, serão apresentados alguns conceitos de elementos que dão origem a informação, bem como a informação propriamente dita.

Na visão de autores de diferentes épocas, o Quadro 1 expõe as diferentes facetas de dados, informação e conhecimento.

QUADRO 1– CONCEITOS DE DADO, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

| <b>Autor</b>              | <b>Dado</b>   | <b>Informação</b>   | <b>Conhecimento</b>  |
|---------------------------|---|---|--|
| Davenport e Prusak (1998) | Conjunto de fatos distintos e objetivos, relativos a eventos.   | São dados que fazem a diferença. Possui significado, relevância e propósito.  | Mistura fluída de experiência condensada, valores e informação contextual, que estrutura a avaliação e incorporação de novas informações.  |
| Setzer (1999)             | Uma sequência de símbolos quantificados ou quantificáveis   | Uma abstração informal (isto é, não pode ser formalizada através de uma teoria lógica ou matemática), que representa algo significativo para alguém através de textos, imagens, sons ou animação.                               | Uma abstração interior, pessoal, de alguma coisa que foi experimentada por alguém  |
| Sianes (2006)             | Forma primária da Informação: sinais não processados, correlacionados, ou interpretados sem nenhum sentido inerente em si mesmos. | Série de dados organizados de um modo significativo, analisados e processados, que geram hipóteses, sugerem soluções, justificativas de sugestões, críticas de argumentos, utilizada em apoio ao processo de tomada de decisão. | Grupo de informações avaliadas quanto a sua confiabilidade e relevância e assimiladas pelo indivíduo ou pela organização, integrando-se ao seu saber anterior e construindo um quadro da situação. |
| Sordi (2008)              | Coleção de evidências relevantes sobre um fato observado.   | Interpretação de um conjunto de dados segundo um propósito relevante e de consenso para o público-alvo (leitor).  | É o novo saber, resultante de análises e reflexões de informações segundo valores e modelo mental daquele que o desenvolve.  |
| Beal (2008)               | Registros ou fatos em sua forma primária, não necessariamente físicos.  | Registros ou fatos organizados ou combinados de forma significativa.  | Originado da informação e agregado a outros elementos da mente como experiência, valores e contexto.   |

Fonte: A autora (2014)

Dessa forma, subentende-se que os conceitos de ambos os elementos apresentados, apesar de variados, se direcionam a um mesmo significado, e são distinguidos apenas na aplicabilidade. Como base para esta pesquisa será utilizado o conceito de Sianes (2006) por ser direcionado à tomada de decisão.

Sordi (2008) pontua no Quadro 2 as diferenças entre dado, informação e conhecimento. Vale ainda ressaltar que existe um crescimento do dado até se transformar em conhecimento e, portanto, a informação é o ponto intermediário entre os dois. Sobretudo, Beal (2008) relembra que é necessário que exista qualidade,

pois apenas um conjunto de dados não se transforma em informação, bem como apenas um conjunto de informações não se transforma em conhecimento.

QUADRO 2 – DIFERENCIAIS ENTRE DADOS, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

| Características                               | Dados   | Informação   | Conhecimento  |
|---|---|--|---|
| Estruturação, captura e transferência         | Fácil   | Difícil  | Extremamente difícil  |
| Principal requisito para sua geração          | Observação  | Interpretação  | Análise e reflexão  |
| Natureza                                      | Explícita   | Predominantemente explícita  | Predominantemente tácita  |
| Percepção de valor no contexto administrativo | Baixa   | Média  | Grande  |
| Foco  | Operação  | controle e gerenciamento   | inovação e liderança  |
| Abordagens administrativas que os promovem    | Execução de transações de negócios, processamento de dados                                      | Gerenciamento de sistemas de informação  | Gerenciamento do conhecimento (KM), aprendizagem organizacional   |
| Tecnologias que os promovem                   | Sistemas de processamento de dados (EDP, batch, OLTP) e transações via internet (b2b, b2c, etc) | Sistemas de informação gerenciais (MIS), sistemas analíticos (OLAP, análise multidimensional), sistemas de suporte a decisão (DSS), e sistema de informação executiva (EIS). | <i>Data mining, text mining, natural language processing systems, sistemas especialistas, sistemas de inteligência artificial</i> |

Fonte: Sordi (2008, p. 14)

McGee e Prusak (2003, p. 23-24) acentuam essas diferenças quando afirmam que:

A informação não se limita a dados coletados; na verdade informação são dados coletados, organizados, ordenados, aos quais são atribuídos significados e contexto. Informação deve informar, enquanto os dados absolutamente não têm essa missão. A informação deve ter limites, enquanto os dados podem ser ilimitados. Para que os dados se tornem úteis como informação a uma pessoa encarregada do processo decisório é preciso que sejam apresentados de tal forma que essa pessoa possa relacioná-los e atuar sobre eles.

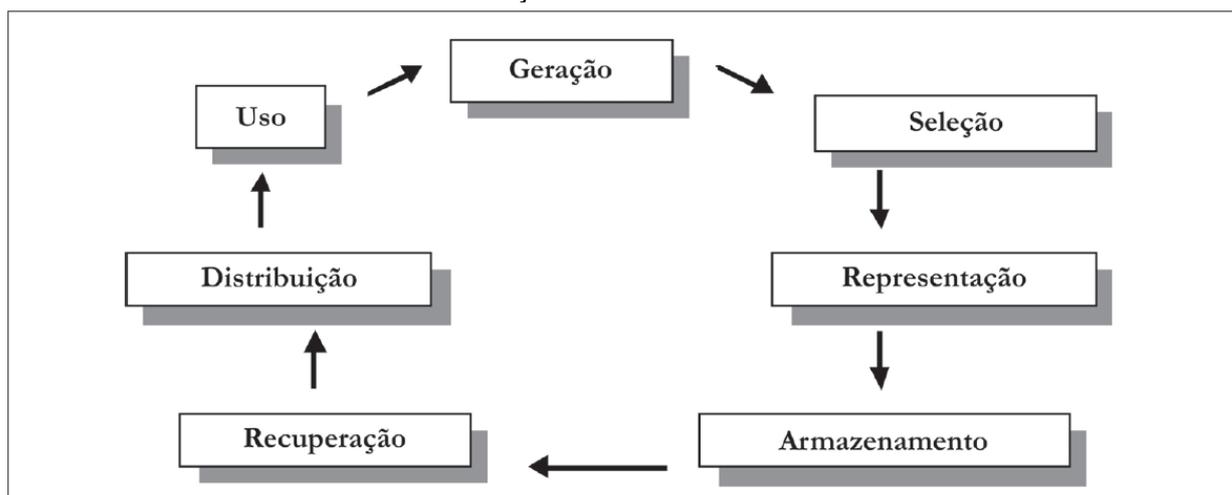
À medida que os dados se transformam em informação, e as informações são buscadas para serem utilizadas, inicia-se o ciclo de vida da informação, que será descrito a seguir.

## 2.1.2 Ciclo de Vida da Informação

Como afirma a OMB (1997, p. 18) citada por Malin (2006, p. 4) “o termo “ciclo de vida da informação” representa os estágios através dos quais a informação passa, tipicamente caracterizados como criação ou coleção, processamento, arquivamento, disseminação e distribuição e uso da informação”.

Fantini (2001) ilustra que o ciclo de vida da informação inicia-se na identificação de um problema, que necessita de uma pesquisa, e posteriormente da análise do conteúdo informacional encontrado para aquisição da mesma. A concepção acontece utilizando esta informação para aperfeiçoar produtos ou serviços. Faz-se então a revisão e estruturação da informação para que esta possa ser adaptada e delineada conforme seu público alvo, e por fim, a publicação e disponibilização da informação.

FIGURA 1 - CICLO DE VIDA DA INFORMAÇÃO



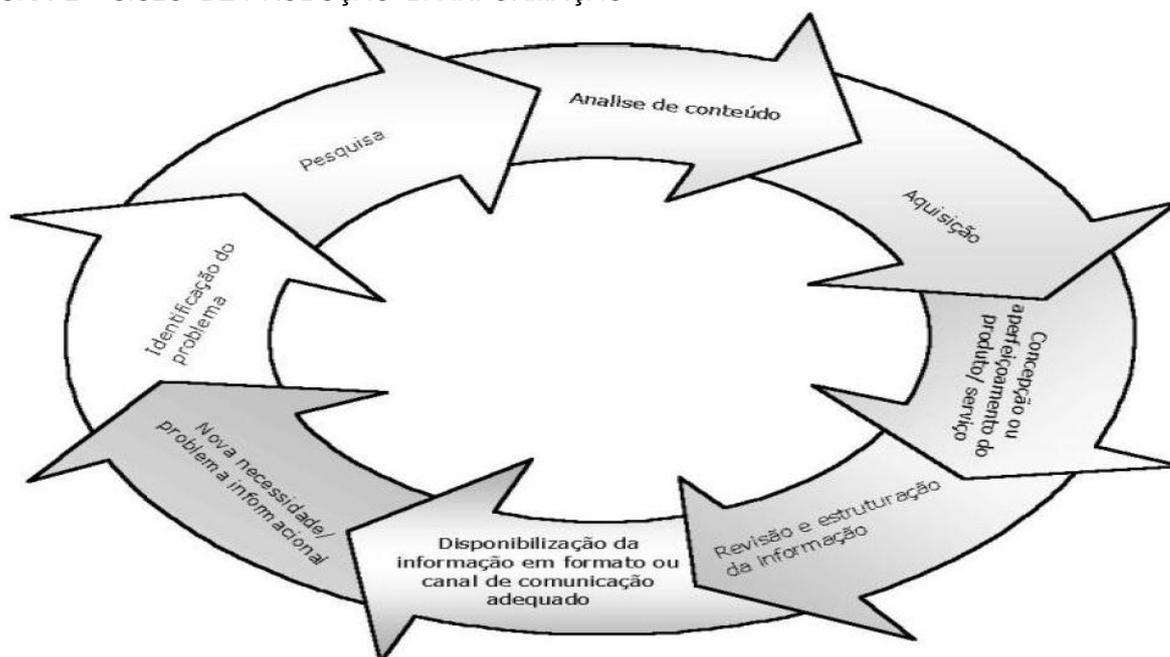
Fonte: Ponjuán Dante (1998)

Como revela o ciclo de vida da informação proposto por Ponjuán Dante (1998) representado na Figura 1, a informação deve possuir as fases de Geração, Seleção, Representação, Armazenamento, Recuperação, Distribuição e Uso, de uma natureza circular e contínua, para que possam ser destinadas ao seu objetivo, alinhado com a missão da organização. Os corretos direcionamentos dessas informações propiciam possibilidades para que elas sejam usadas como recursos facilitadores para a tomada de decisão. Ao adentrar o “último” elemento desse ciclo,

o uso, é possível descobrir o impacto que essas informações têm sobre o ambiente, e assim identificar o valor da informação conforme o contexto.

Ribeiro (2005) apresenta uma adaptação do modelo de produção da informação de Vaitsman (2001), conforme representado na Figura 2. Este ciclo se diferencia do modelo de Ponjuán Dante (1998) nos elementos que o compõe. Em ambos modelos, vale lembrar que assim como afirma Vaitsman (2001, p.22) “o processo de produção de informações é uma atividade cíclica, realimentada pela apresentação de novas necessidades de informação”.

FIGURA 2 – CICLO DE PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO



Fonte: Ribeiro (2005), adaptado de Vaitsman (2001, p. 23)

Relacionado às necessidades de informação e à utilização da mesma, o tópico a seguir vem com o objetivo de abordar conceitos que permitirão compreender o processo de aquisição do valor da informação.

### 2.1.3 Valor da Informação

A partir de uma estratégia organizacional, cada empresa é capaz de focar em diferentes conteúdos informacionais, de forma que reúna e analise apenas as informações mais importantes para o alcance de seus objetivos. Além disso,

dependendo do momento e da estratégia da empresa, até as informações prosaicas podem se tornar importantes. (DAVENPORT, 2002)

O valor da informação é responsável pela caracterização da necessidade de ampliação de estudo do processo de oferta e demanda informacional, pois é um dos elementos que determinam a oferta e a demanda. (RIBEIRO, 2005)

Beal (2008) classifica quatro diferentes fatores em que a informação de qualidade – relevante, precisa, clara, consistente, oportuna – apresenta um valor significativo para as organizações, visto que ela pode ser aplicada em diversos contextos:

- I. Fator de apoio à decisão: a informação serve como auxílio na qualidade da tomada de decisão, dependendo juntamente da qualidade da informação fornecida e da capacidade de interpretação e utilização pelos responsáveis pela tomada de decisão dentre as melhores opções.
- II. Fator de produção: a informação como elemento principal da criação de produtos e serviços de informação.
- III. Fator de sinergia: o fluxo informacional é o elemento que permite a transição de informações dentro de uma organização, e sendo assim, a organização se torna dependente da qualidade das relações entre as unidades, para que a informação seja utilizada com eficácia.
- IV. Fator determinante de comportamento: internamente, a influência da informação é exercida para fazer com que os indivíduos ajam de acordo com os objetivos da organização; e externamente, a fim de influenciar o comportamento dos envolvidos (clientes, parceiros etc), para facilitar que a organização atinja seus objetivos.

Diferente dos fatores apresentados pelo autor supracitado, que representam momentos em que a informação valiosa é importante, Cronin (1990) propõe quatro tipos de valores da informação:

- I. Valor de uso: baseado na utilização final da informação.
- II. Valor de troca: pode também ser chamado de valor de mercado, e trata-se do usuário preparado para pagar e que varia conforme as leis de oferta e demanda.

III. Valor de propriedade: é aquele que gera consequências no custo substitutivo de um bem.

IV. Valor de restrição: é referente a informações restritas a apenas algumas pessoas (secreta ou de uso comercial).

Acredita-se, portanto, que “o valor da informação é uma função do efeito que ela tem sobre o processo decisório” (MORESI, 2001, p. 115). Destarte, só será agregado o valor se a influência da mesma sobre o processo de decisão for benéfico, variando sempre com o contexto que a organização está inserida e seus objetivos.

#### 2.1.4 Modelos de Gestão da Informação

Para o gerenciamento de qualquer organização é importante considerar os elementos que a compõe, pois são esses que diariamente contribuem, trazem mudanças e visam alcançar os objetivos da organização. Chiavenato (2000) propõe as cinco variáveis básicas da administração: Tarefas, Estruturas, Pessoas, Ambiente e Tecnologias.

Assim, os modelos de gestão da informação não envolvem apenas dados e informação propriamente dita, visto que, assim como afirma Davenport (2002), o ser humano é responsável pelo processo de transformação dos dados em informação, e pode-se complementar que o ser humano também é responsável pelo gerenciamento e pela transformação da informação comum em informação valorosa.

Para Lima (2008) a gestão da informação é “um processo que trata de um conjunto estruturado de atividades que incluem o modo como as empresas obtêm, distribuem e usam a informação e o conhecimento”.

A fim de compreender os elementos que compõem esse processo, serão apresentadas a seguir as dimensões dos modelos de Gestão da Informação propostos por McGee e Prusak (2003), Davenport (2002), Choo (2006), e Beal (2008).

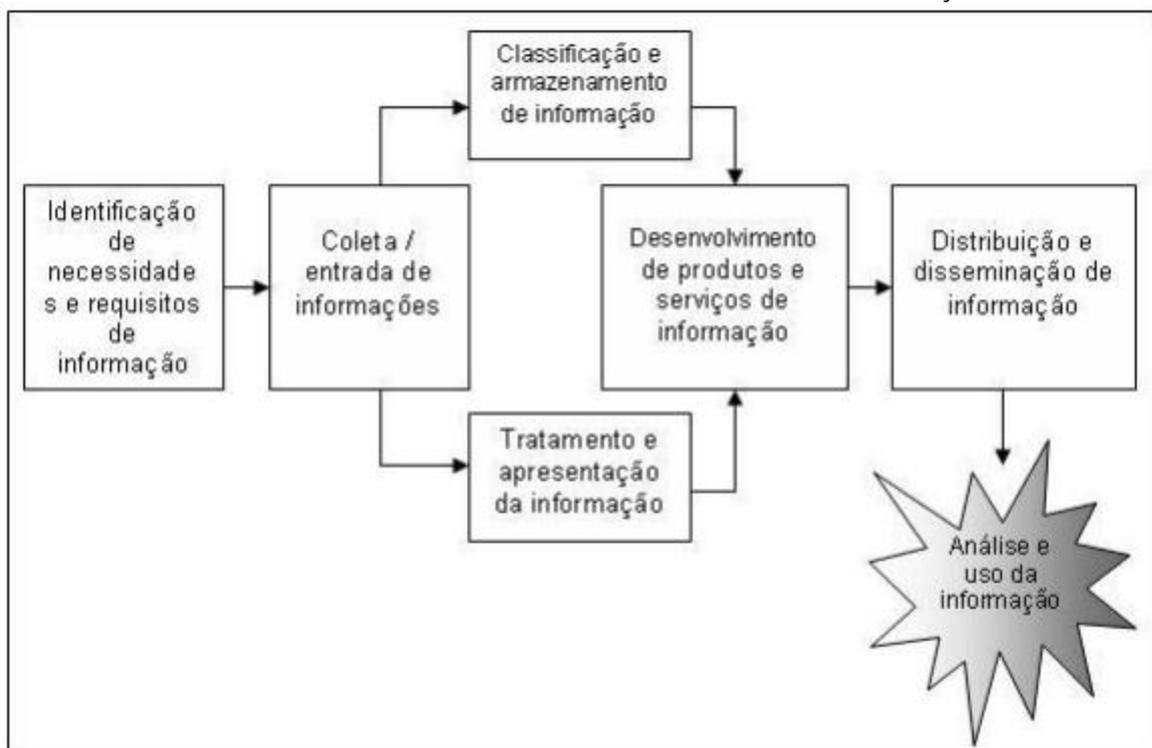
QUADRO 3 - ETAPAS QUE COMPÕEM OS MODELOS DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO

| Etapa   | McGee e Prusak (2003) | Davenport (2002) | Choo (2006) | Beal (2008) |
|---|-----------------------|------------------|-------------|-------------|
| Identificação de necessidades de informação           | X                     |                  | X           | X           |
| Determinação de exigências (requisitos) de informação | X                     | X                | X           | X           |
| Busca de Informação                                   |                       |                  | X           |             |
| Aquisição (obtenção) e coleta de informação           | X                     | X                |             | X           |
| Classificação da informação                           | X                     |                  |             |             |
| Análise da Informação                                 | X                     |                  |             | X           |
| Tratamento da informação                              | X                     |                  |             |             |
| Apresentação da informação                            | X                     |                  |             |             |
| Uso da Informação                                     | X                     | X                | X           | X           |
| Desenvolvimento de produtos e serviços de informação  | X                     |                  |             |             |
| Disseminação e distribuição da informação             | X                     | X                |             | X           |
| Armazenamento da Informação                           | X                     |                  |             | X           |
| Descarte da Informação                                |                       |                  |             | X           |

Fonte: A autora (2015)

Para McGee e Prusak (2003), as tarefas do processo de gerenciamento da informação são: Identificação e necessidade de requisitos de informação, coleta / entrada de informações, classificação e armazenamento de informação, tratamento e apresentação da informação, desenvolvimento de produtos e serviços de informação, distribuição e disseminação de informação e análise e uso da informação, como está representado na Figura 3.

FIGURA 3 - TAREFAS DO PROCESSO DE GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÃO



Fonte: McGee e Prusak (2003)

A identificação de necessidades e requisitos de informação é considerada para McGee e Prusak (2003) a tarefa mais importante. E é importante que se reconheçam três pontos importantes ao realizar essa tarefa: (a) variedade necessária de informações para alimentar o ambiente, (b) as pessoas não sabem o que não sabem, e é necessário que os profissionais conheçam as informações disponíveis, pois elas são valiosas na identificação das necessidades de informação, (c) aquisição / coleta de informação através de um plano sistemático (MCGEE; PRUSAK, 2003).

As tarefas que vem a seguir são a classificação / armazenamento da informação, simultaneamente ao tratamento e apresentação da informação, que agregadas, definem as formas de acesso as informações pelo usuário e onde serão armazenadas (MCGEE; PRUSAK, 2003).

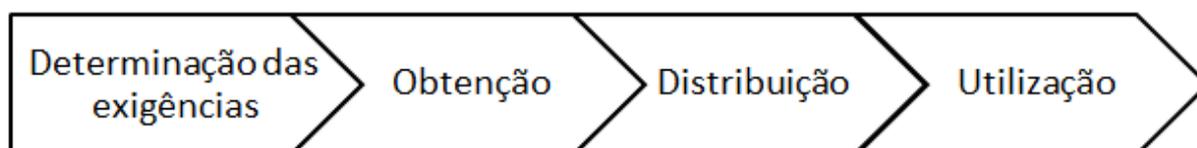
A tarefa colocada na terceira posição do processo é denominada desenvolvimento de produtos e serviços de informação, e para McGee e Prusak (2003) é nela que são apresentadas pelos usuários finais novas formas de compreender o processo, visto que possuem diferentes conhecimentos e experiências.

Em consonância com o que acreditam McGee e Prusak (2003), profissionais da informação, projetistas e desenvolvedores de sistemas costumam estar imersos em um misticismo teórico de suas técnicas, e, portanto, é preciso considerar opiniões de usuários finais, advindos de outras áreas do conhecimento, que possam apresentar novas perspectivas sobre o processo. Isto ocorre na tarefa denominada desenvolvimento de produtos e serviços de informação.

A tarefa final, de distribuição e disseminação da informação, segundo os autores supracitados, se refere ao momento em que os profissionais interagem com o processo.

O próximo modelo de gerenciamento de informação apresentado aqui será o de Davenport (2002), representado pela Figura 4.

FIGURA 4 - O PROCESSO DE GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO



Fonte: Davenport (2002)

A primeira tarefa proposta por Davenport (2002) é a Determinação das Exigências da organização, uma tarefa que deve ser concentrada em compreender o ambiente, os problemas e a situação, envolvendo uma perspectiva política, psicológica, cultural e estratégica, além de que seus gerentes deverão tentar selecionar as informações não estruturadas mais valiosas.

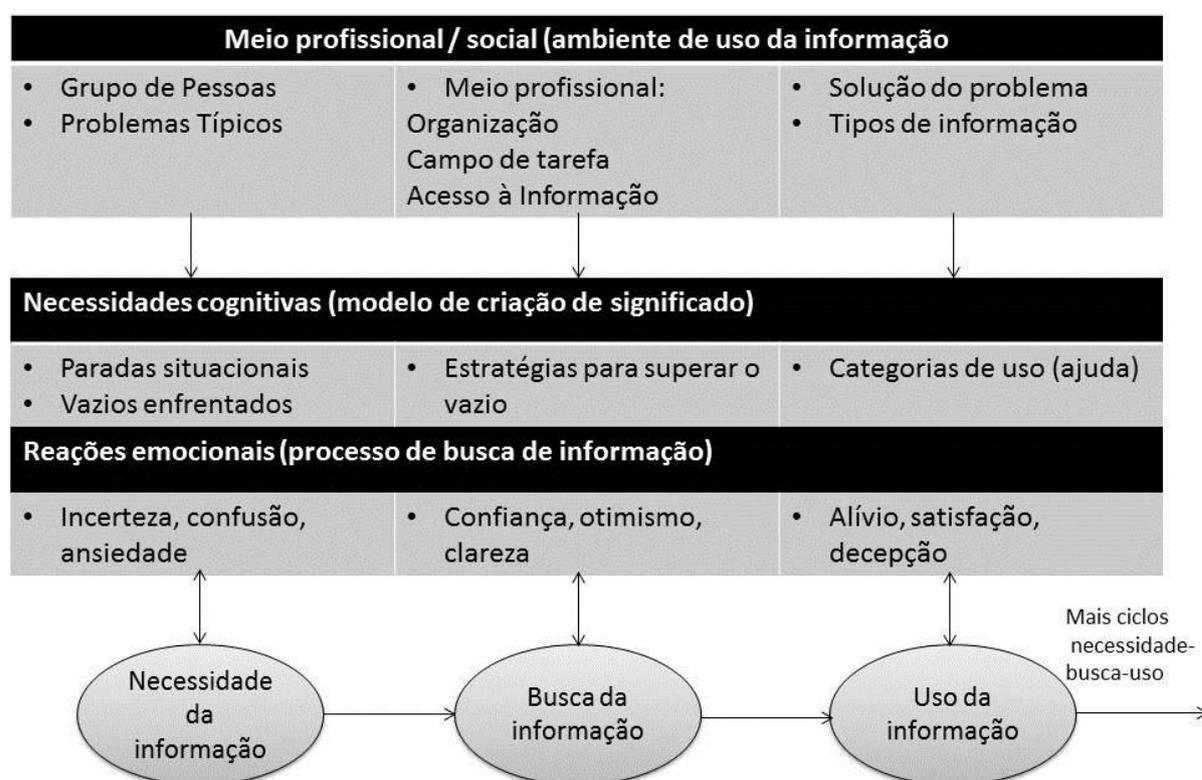
A segunda tarefa é a denominada Obtenção de Informações, uma atividade livre de interrupções, envolvendo atividades como a exploração do ambiente informacional, a classificação da informação, a formatação e a estruturação das informações (DAVENPORT, 2002).

Na sequência, Davenport (2002) coloca a Distribuição como a disseminação das informações, junto à busca e o interesse dos funcionários por elas. “A distribuição envolve a ligação de gerentes e funcionários com as informações de que necessitam. Se os outros passos do processo estiverem funcionando, então a distribuição será mais efetiva” (DAVENPORT, 2002, p.189).

Por fim, a etapa de Utilização, é aquela que para Chiavegatto (1999, p.5) “diz respeito à utilização da informação disponibilizada. Está ligado à maneira como se procura, absorve e digere a informação antes de tomar uma decisão”. Vale lembrar que o uso da informação é muito pessoal, e que é interessante buscar apoio, conhecendo o que o cliente verdadeiramente deseja. (DAVENPORT, 2002)

Diferente dos anteriores, o modelo de Choo (2006) é o que possui menos etapas, porém faz um relacionamento constante com os elementos sociais, cognitivos e emocionais.

FIGURA 5 – MODELO DE USO DA INFORMAÇÃO



Fonte: Choo (2006, p. 114)

Este modelo é composto pelas seguintes fases:

- Necessidade da informação;
- Busca da Informação; e,
- Uso da Informação.

O primeiro elemento, denominado Necessidade da informação se inicia quando o indivíduo sente-se levemente incomodado com seu grau de conhecimento, e por consequência o seu interesse sobre ela. (CHOO, 2006)

A Busca de Informação, que também pode ser chamada de aquisição da informação, é o segundo elemento que compõe o modelo de Choo (2006), e para ele, após a identificação das necessidades, é desenvolvida uma capacidade de desenvolver perguntas que ajudarão a encontrar as informações necessárias. É uma tarefa que na perspectiva cognitiva representa uma estratégia para superar os vazios, e na perspectiva emocional deve trazer a confiança, o otimismo e a clareza.

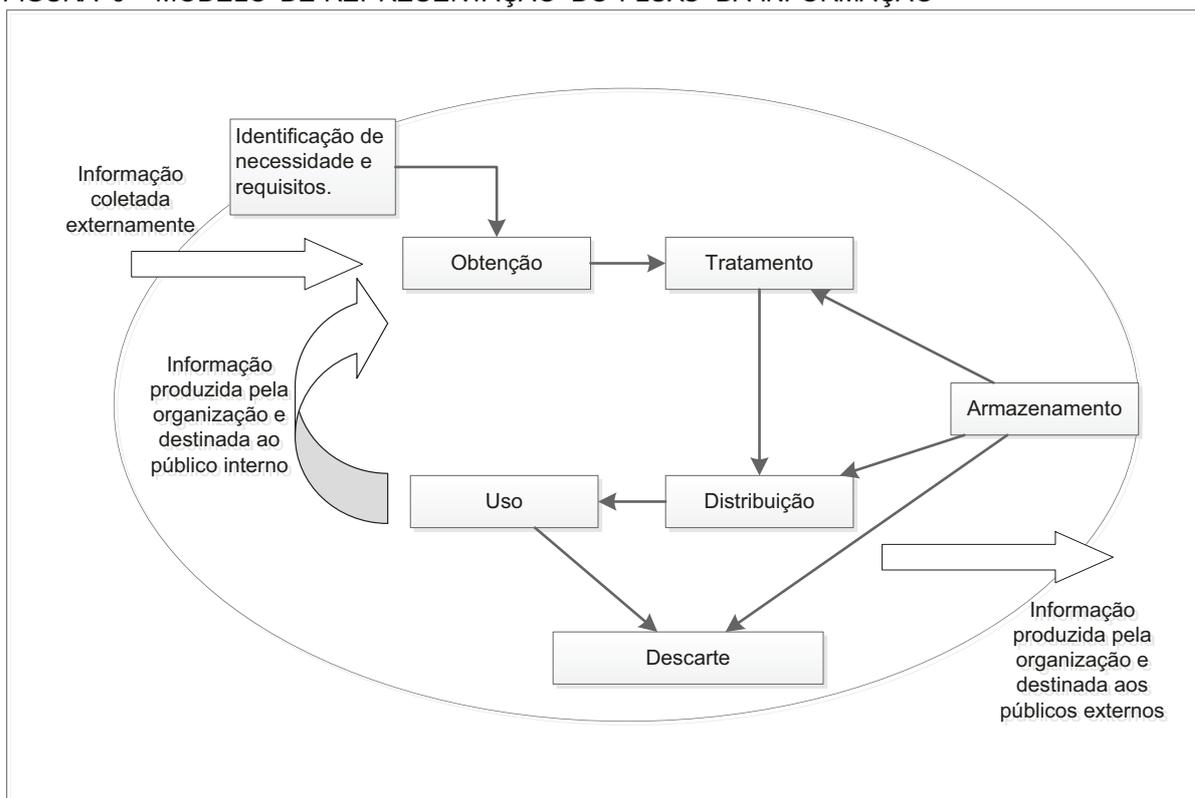
O último passo apontado como Uso da Informação, assim como todos os passos anteriores, depende das reações emocionais, das necessidades cognitivas e da influência do meio profissional/social, pois seu uso varia de acordo com a perspectiva que o usuário tem de que a informação possa dar bons resultados a ele. Ainda assim, poderá haver sentimento de decepção dependendo da qualidade da busca realizada, sendo necessário repetir a busca. Caso contrário o ciclo necessidade-busca-uso se reinicia. (CHOO, 2006)

O último e o mais recente modelo que será apresentado é o proposto por Beal (2008), representado pela Figura 6. A primeira tarefa desse modelo é a chamada Identificação de necessidades e requisitos de informação, e para Beal (2008) é essencial para que produtos informacionais possam ser elaborados de acordo com as necessidades de cada grupo.

A obtenção da informação é a etapa que dá sequência ao fluxo após a identificação das necessidades. É nela que “são desenvolvidas atividades de criação, recepção ou captura de informação, provenientes de fonte interna ou externa”. Normalmente esse processo “não é pontual” e depende de repetições contínuas para alimentar os processos organizacionais. (BEAL, 2008, p. 30)

A próxima etapa é a de Tratamento da informação, que para Beal (2008, p.30) tem o objetivo de torna-la mais recuperável e de melhor acesso, a partir de “processos de organização, formatação, estruturação, classificação, análise, síntese e apresentação”.

FIGURA 6 – MODELO DE REPRESENTAÇÃO DO FLUXO DA INFORMAÇÃO



Fonte: Beal (2008)

Em seguida, dá-se início a etapa de distribuição da informação. Para a autora supracitada, a qualidade da rede de comunicação é proporcional à eficiência da distribuição interna das informações, e conseqüentemente, do desempenho corporativo a partir das informações usadas para tomada de decisão e apoio de processos.

Na seqüência, ocorre a etapa de Uso da Informação, considerada a mais importante dentre as sete que compõe o modelo, e apesar de não ser reconhecida pelas organizações, é ela quem garante a melhoria dos resultados, além de ser a responsável pelo surgimento de novos conhecimentos, a partir da combinação de informações, alimentando o ciclo da informação para que este seja contínuo. (BEAL, 2008)

A etapa seguinte ao uso é a de armazenamento da informação, que permite o reuso de informações por meio de uma conservação que “exige uma série de atividades e cuidados visando manter a integridade e disponibilidade dos dados e informações existentes” (BEAL, 2008, p. 31).

Por fim, a autora apresenta a etapa de descarte, que para ela, é aquela que elimina a informação obsoleta dos repositórios de informação, trazendo diversificadas melhorias ao processo de gestão das mesmas.

#### 2.1.5 Gestão da Informação para reconhecimento de resultados e prospecção

Como revelado nos tópicos anteriores, a Gestão da Informação é composta de técnicas de Administração, Ciência de Informação aliada às tecnologias de informação. Reconhecer resultados e fazer prospecção de conhecimento são atividades estratégicas administrativas, e para Oliveira (2001, p.179) são “um instrumento administrativo facilitador e otimizador das interações da empresa com os fatores ambientais”. Dentre as técnicas utilizadas para análises estratégicas ressalta-se o uso da Análise SWOT, que para Kotler (2006, p.50) é “a avaliação global das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças [...] (dos termos em inglês *strengths, weaknesses, opportunities, threats*)”, e está relacionada ao monitoramento de fatores externos e internos ao ambiente.

A gestão da informação pode participar do reconhecimento de resultados “no monitoramento ambiental de modo a detectar mudanças no ambiente que possam afetar o desempenho do projeto” e na “busca de informações externas à organização e disponibilização aos tomadores de decisão” (MONTEIRO e FALSARELLA, 2007, p.87).

A definição de uma política de informação e de um modelo de gerenciamento de informação são elementos estratégicos, pois, assim como afirma Davenport (2002), devem ser escolhidos de acordo com a necessidade da organização.

Posta assim a questão, é de se dizer que:

A informação é um elemento essencial para criação, implementação e avaliação de qualquer estratégia. Sem o acesso a informação adequada a respeito das variáveis internas e do ambiente onde a organização se insere, os responsáveis pela elaboração da estratégia não têm como identificar os pontos fortes e fracos, as ameaça e oportunidades, os valores corporativos e toda a variedade de fatores que devem ser considerados na identificação de alternativas e na tomada de decisões estratégicas. (BEAL, 2008, p. 75)

Indubitável que, assim como lembra Tarapanoff (2001), a aquisição e o uso da informação serão critérios que ajudarão os gerentes a planejar as ações futuras e

como base para tomada de decisão. Em razão disso, serão apresentadas a seguir as políticas que regem as organizações, e que influenciam diretamente na forma que a informação é gerenciada e poderá ser utilizada.

## 2.2 Políticas

O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa conceitua política como um “sistema de regras respeitantes à direção dos negócios públicos”, ou ainda como um “conjunto de objetivos que enformam determinado programa de ação governamental e condicionam a sua execução”.

Desse modo, a política objetiva formar princípios e doutrinas necessárias para um bom governo, visando o bem-estar e o atendimento das condições sociais básicas do povo. (MACHADO e KYOSEN, 2000)

Oliveira (2008, p. 228-230) classifica as políticas quanto suas fontes de conceituação, de acordo com a forma de divulgação e quanto a sua abrangência.

No que se refere às fontes e conceituação, são classificadas em:

- I. Políticas Estabelecidas: são instituídas pela alta administração, e estão vinculadas a tomada de decisões.
- II. Políticas Solicitadas: ocorrentes quando os subordinados solicitam orientações da gerência para alguns procedimentos. Frequentemente vinculado a questões operacionais.
- III. Políticas Impostas: derivam de fatores do ambiente interno e externo. Frequentemente vinculadas a questões estratégicas.

De acordo com a forma de divulgação, são divididas em:

- I. Explícitas: podem ser escritas ou orais, e devem fornecer informações necessárias para o tomador de decisão.
- II. Implícitas: política informal, pois não é registrada em papel e não é falada.

Por fim, quanto a sua abrangência, são classificadas em:

- I. Políticas Gerais: representantes de princípios gerais. Podem ser subdivididas em políticas gerais de negócios, políticas gerais de direção e políticas gerais de gestão.

II. Políticas Específicas: são representantes de determinadas áreas dentro da organização.

As políticas que estão relacionadas aos festivais de música e ao gerenciamento das informações destes festivais são as Políticas de Cultura e as Políticas de Informação. Ambas se encaixam na categoria de políticas estabelecidas, por serem resultados de planejamentos estratégicos do governo.

### 2.2.1 Política de Cultura

Para entender o que é e o objetivo da existência de uma política de cultura, é necessário percorrer um caminho teórico acerca das políticas que envolvem este evento.

Sendo assim, o primeiro passo é compreender um conceito mais amplo: o que é política pública.

Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas e Lynn (1980), como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Peters (1986) segue o mesmo veio: política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos. Dye (1984) sintetiza a definição de política pública como “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”. A definição mais conhecida continua sendo a de Laswell, ou seja, decisões e análises sobre política pública implicam reponder às seguintes questões: quem ganha o quê, por quê e que diferença faz. (SOUZA, 2006, p.24)

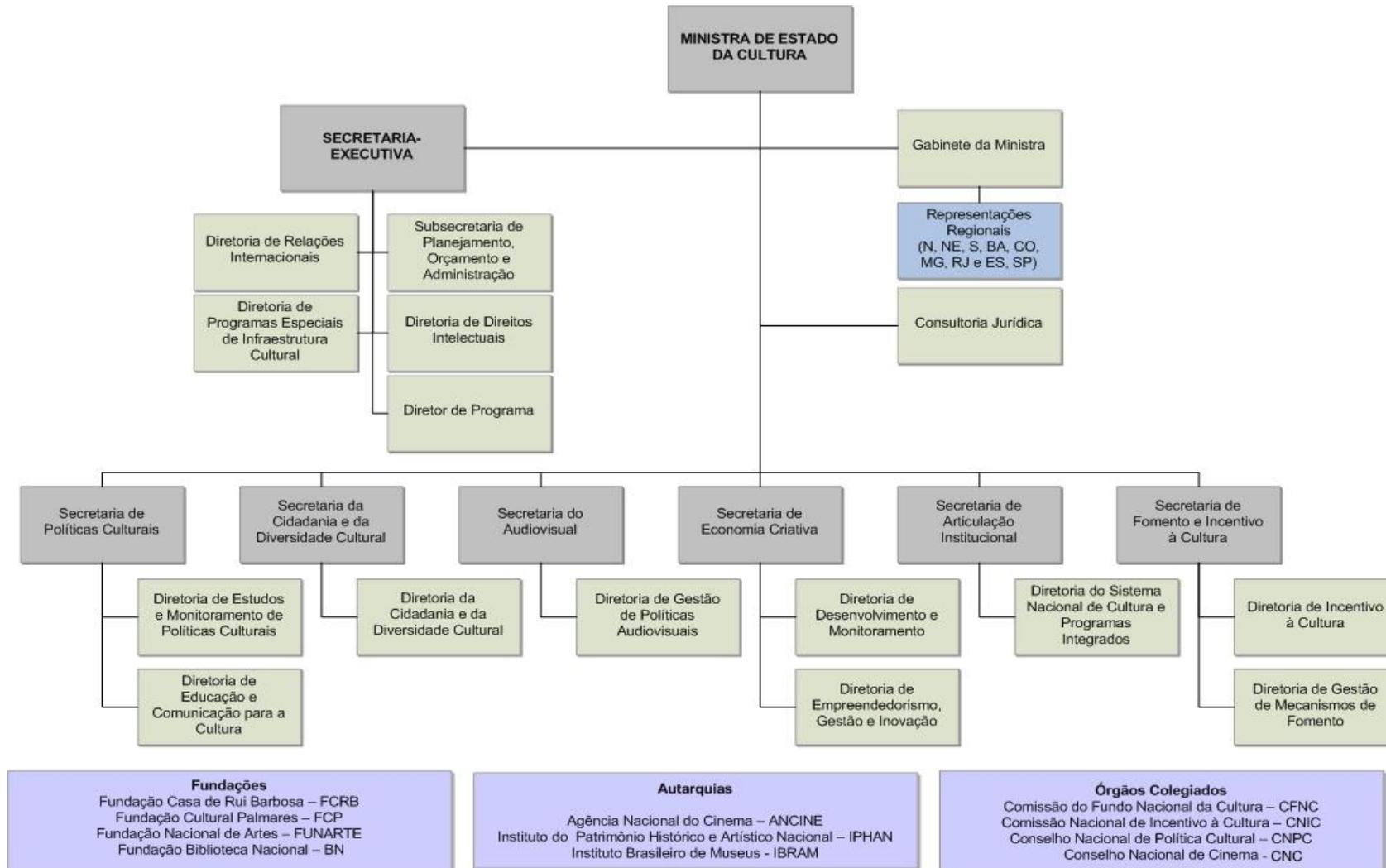
A partir das definições propostas pelos autores supracitados, podemos compreender que as políticas de cultura são uma das partes que compõe as políticas públicas. Para Porto (2009), as políticas de culturas são aquelas que permitem o reconhecimento através de expressões do ser e dão a garantia do reconhecimento público das particularidades artísticas, intelectuais e econômicas de cada indivíduo. Porto (2010, p.5) afirma que “uma boa política cultural é aquela que entrelaça dois campos da vida pública: o desenvolvimento estético e ético (valores) de uma sociedade”.

Porto (2005) aponta cinco objetivos principais para reforço das políticas culturais, como ponto de partida para um desenvolvimento mais igualitário, apresentados em um relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento, denominado Nossa Diversidade Criadora, apresentado na Conferência Intergovernamental de Cultura, realizada em Estocolmo, Suécia em 1988:

- i. A política cultural, enquadrada entre os elementos principais da política de desenvolvimento endógeno e sustentável, e precisa de uma implementação em consonância com outras áreas sociais.
- ii. As políticas culturais do próximo século devem ser adiantadas, a fim de responder simultaneamente aos problemas já existentes e às novas necessidades que estão por vir.
- iii. Em qualquer política cultural, a presença efetiva na sociedade de informação junto ao domínio das tecnologias da informação e comunicação compõem uma parte significativa.
- iv. Cabe ao governo, na elaboração e na realização de uma política cultural direcionada as estratégias de desenvolvimento, tentar instituir parcerias com a sociedade.
- v. A renovação das políticas culturais deve ser antevista ao mesmo tempo nos níveis local, nacional, regional e global, visto que o mundo está cada dia mais interdependente.

No Brasil, as políticas de cultura são responsabilidade do Ministério de Cultura. O órgão abrange, a partir do Plano Nacional de Cultura, instituído pela Lei 12.343, de 2 de dezembro de 2010, as seguintes dimensões: simbólica, cidadã e econômica. Essas dimensões são tratadas dentre as subdivisões existentes no Ministério da Cultura, representadas na Figura 7 (Site do Ministério da Cultura, 2014).

FIGURA 7 – ORGANOGRAMA DO MINISTÉRIO DA CULTURA



Fonte: Site do Ministério da Cultura (2014)

As políticas de cultura possuem variadas funções que interferem no cotidiano das pessoas. Portanto, devem ser estruturadas e executadas de forma que sejam benéficas para quem usufrui dela. A seguir, será abordado outro estilo de política: as políticas de informação, elemento que coordena o gerenciamento informacional dos ambientes.

### 2.2.2 Políticas de Informação: estilos de gerenciamento da informação organizacional

A temática de políticas tem uma tipologia variada e que pode ser direcionada a diversas áreas do conhecimento. Para a presente pesquisa, é importante que saibamos o que são as políticas de informação, suas classificações e como estas funcionam.

É sobretudo importante assinalar que

embora a literatura frequentemente faça referência a uma política de informação no singular, não existe uma única política que englobe todas as questões da informação. Ao contrário, as políticas de informação tendem a endereçar matérias específicas, às vezes fragmentadas, sobrepostas e contraditórias. [...] A política de informação vai além da esfera do Estado, alcançando diferentes tipos de organizações, associações e outros grupos tanto em nível nacional quanto internacional. É um campo que compreende ambos, ciência da informação e política pública, e que trata a informação tanto como mercadoria - quando remete aos direitos de propriedade - quanto como recurso a ser coletado, protegido, distribuído, manipulado e gerenciado. (HERNON e RELYEA, 1991 apud MAGNANI, 2011, p. 51)

As políticas de informação são aquelas que viabilizam orientações para elaboração de uma estratégia e programas destinados ao desenvolvimento e uso de sistemas de informação, serviços e recursos. (MONTVILOFF, 1990)

As políticas de informação são aplicáveis em nível organizacional, institucional, nacional, regional ou internacional, e envolvem a forma como cada elemento que compõe o ambiente deve tratar as informações pelas quais é responsável, bem como a interação entre elas. Portanto, as políticas de informação estão diretamente relacionadas ao ciclo de vida da informação, pois é ela quem dá subsídios para que o ciclo aconteça.

Sendo assim, definir qual a política que rege as atividades de uma organização é um dos primeiros passos para a gestão da informação nas organizações. McGee e Prusak (2003) e Davenport (2002) propõem estilos de

gerência da informação: utopia tecnocrática, anarquia, feudalismo, monarquia e federalismo. É possível que mais de um desses estilos esteja presente em uma mesma organização, principalmente em organizações de grande porte que contém grande quantidade de setores, porém é mais saudável que apenas um estilo de gerenciamento seja definido.

O primeiro estilo de gerenciamento de informação que será apresentado é a Utopia Tecnocrática. É uma abordagem diretamente relacionada à tecnologia, e sua principal ideia é moldar uma infraestrutura tecnológica que permita fazer uso eficiente das informações, e para tal, armazená-las e recuperá-las com eficácia. Para os utópicos tecnocratas, a informação possui o mesmo valor para todos os integrantes de uma organização, e a informação para a tomada de decisão é importante, porém evidente. Acredita-se que o único motivo que poderia bloquear o acesso a informação nesse estilo é a preocupação com a segurança corporativa. (MCGEE; PRUSAK, 2003) Já Davenport (2002) considera que esse modelo possui poucos elementos positivos e que sua principal falha é o desvio de atenção que causa aos gerentes. Ele afirma que esse modelo é aquele em que o governo informacional acredita que a tecnologia pode solucionar todos os problemas de governança existentes.

O segundo estilo a ser apresentado é a Anarquia, que é caracterizado pela falta de um modelo de gerência de informação. (MCGEE; PRUSAK, 2003). Para Amorim e Silva (2011) a anarquia é “a falta de qualquer política geral de gerência de informação, deixando para cada um a obtenção e gerência de suas próprias informações”. Pode-se dizer, portanto, assim como afirma Davenport (2002), que esse modelo não é conscientemente escolhido por nenhuma organização, e normalmente se instala quando os modelos centralizados falham, ou também, como afirma McGee e Prusak (2003), pelo desejo de informação e a facilidade instaurada pelos computadores pessoais que disponibilizam as informações necessárias a todo momento, sendo, então, importante que a grande facilidade de acesso a informação seja controlada e transformada em uma política mais rígida, para que a organização possa sobreviver.

O Feudalismo, terceiro modelo de gerenciamento que será apresentado, é o modelo em que o ciclo de vida da informação é tratado separadamente por executivos e seus departamentos. Cada setor apresenta suas informações, analisam

dados e fazem verificação dos seus resultados da sua maneira. Sendo assim, a autoridade centralizada é reduzida, tornando a tomada de decisões dividida, visando o bem individual de cada parte da organização, e não da organização como um todo. (MCGEE; PRUSAK, 2003). Por iguais razões, Davenport (2002) afirma que não há necessidade das unidades compartilharem todas as suas informações se elas tratam de elementos diferentes e não interligados, e sim, que utilizem suas informações relevantes de modo que se adaptem às suas necessidades.

Quando em uma organização o poder é centralizado, e existe uma pessoa responsável por repassar as normas referentes a como a informação deve ser gerenciada, ela é considerada uma organização que segue o modelo de gerenciamento da informação monarquista. Uma das desvantagens desta abordagem é a mortalidade do comandante da organização. Por a informação estar atrelada ao presidente, junto a suas tradições e culturas, a organização pode se desestabilizar e demorar a compreender a nova forma de agir do novo regente, prejudicando o gerenciamento de informações anteriormente definidas. (MCGEE; PRUSAK, 2003). Para Amorim e Silva (2011) a monarquia é a abordagem em que “a definição de categorias de informação e estruturas de prestação de contas pelos líderes da empresa, que podem, ou não, compartilhar a informação voluntariamente após coletá-la”.

Por fim, o Federalismo é a gerência da informação por meio da negociação, e considera a política como uma tarefa necessária para o trabalho de um grupo de pessoas. Assim, diferentes formas de pensar unem suas melhores partes em prol do objetivo da organização. (MCGEE; PRUSAK, 2003). Em relação à informação, Davenport (2002) ressalta que “esse modelo enfatiza que apenas poucos elementos precisam ser definidos e administrados centralmente, enquanto o restante pode ser administrado pelas unidades locais”, e deve haver um controle na negociação entre “grupos centrais e dispersos”. Além disso, McGee e Prusak (2003) acreditam que para que esse modelo seja efetivo, é necessário que a liderança seja forte e possua apoio do presidente, para que disponha de capacidade de utilizar a informação como recurso de compartilhamento, gerando ampliação de conhecimento para todos os integrantes da empresa.

Após compreender os modelos, é importante definir qual é o modelo de gerenciamento de informação que mais se adapta a estrutura e aos objetivos da

organização, de forma que a definição de um modelo proporcione uma boa gestão da informação e evite o gasto de recursos informacionais escassos.

## 2.3 Festivais de Música

A abordagem que seguirá nesta seção tratará de temas pertinentes aos Festivais de Música, como seus conceitos, tipologias, objetivos, e como eles são vistos como produtos de *marketing*.

### 2.3.1 Música

Mendes e Cunha (2004) revelam que a arte existe desde os tempos mais primórdios e é caracterizada por ser uma necessidade do ser humano de criar e de se expressar, em seu ambiente e em forma de relacionamento com os outros integrantes de seu meio. A arte é apresentada por Cruz (2009) como habilidades pessoais adquiridas para um fim definido, podendo ser estético, ético ou de utilidade. A autora revela que os gregos consideravam que dentre as ramificações da arte estão a música, a dança, a poesia, a oratória, o teatro, a pintura e a escultura.

A palavra música originou-se do grego *μουσική τέχνη* - *musiké téchne* e significa a arte das musas. Segundo Cruz (2009), esse nome foi dado porque era “atribuído às musas a inspiração do artista e sua paixão lúdica, podendo corresponder de fato a uma figura feminina real ou idealizada”, à quem poderia estar associada uma afeição passional e que permite justificar a criação de algo belo, dedicado a tal musa.

No dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa encontra-se a música conceituada como a “Arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido” ou ainda como “qualquer composição musical”.

A música possui significados subjetivos, que são compreendidos a partir da execução de sequências de sons e silêncios, e elaborados de forma que transfirmam o significado conforme objetivo pré-definido. (CRUZ, 2009)

A música é uma prática da cultura dos seres humanos e, portanto, é difícil conceituá-la de forma que seja possível abranger todos os seus significados.

### 2.3.1.1 História da Música

O contexto histórico está diretamente ligado às características da música, portanto, conforme propõe Duarte (2011), uma boa análise histórica da música não deve considerar só a importância da música, mas sim todos os agentes envolvidos com ela.

Para conhecer um pouco do percurso da música pelo tempo serão revisadas as características da música em cada época do mundo ocidental, visto que a população brasileira descende diretamente destas civilizações. Para dar início, será retornado à Pré-História, em meados dos 40.000 a.C, onde segundo Candé (2001) deu-se início oficialmente a criação dos primeiros instrumentos para imitar os sons da natureza, feitos de pedras, madeiras e ossos. Antes deste período já existia uma espécie de música feita com batidas de bastões, percussão corporal, gritos e imitações de sons da natureza. Mas só a partir de 9.000 a.C., com a elaboração de ferramentas, foi possível desenvolver instrumentos afináveis e, posteriormente, de metais.

Na Idade Antiga, que iniciou-se 4.000 a.C, as duas civilizações mais importantes eram a Grécia e a Roma. Segundo Chaves (2012), apesar de os gregos relacionarem a música a uma abordagem mística, o filósofo e matemático grego Pitágoras foi o responsável pela identificação do relacionamento entre a matemática e os tons harmônicos.

Em princípio, apenas a Grécia começou a considerar a música como fundamental para a formação dos indivíduos, bem como as outras áreas, e a partir da Idade Média a música tornou-se parte do *quadrivium*, perdurando por mais mil anos. Granja (2006) define o *quadrivium* como o currículo composto por quatro antigas disciplinas da escola pitagórica: a geometria, a astronomia, a aritmética, e, por fim, a música. A Grécia foi quem lançou o Teatro, que mais tarde viera a se mesclar com a música, criando uma nova modalidade, chamada Musical. (BARROS, 1974)

Salienta-se que na Idade Média, a música, bem como toda a sociedade, era direcionada às atividades religiosas. Portanto estas eram também classificadas em litúrgicas e profanas. Já em pleno século XVI, devido ao mantimento da polifonia

renascentista (nascida no século XIV), os homens queriam escutar músicas harmônicas. (FONTERRADA, 2008)

Na Idade Moderna, surgiram duas teorias que firmavam a estética barroca. A Teoria dos Afetos caracterizava mais de vinte modos de expressar os sentimentos por meio da música, como, por exemplo, a tristeza deve ser representada por “melodias de movimentos lentos”. A Doutrina das Figuras tinha como ideia de representar as figuras da oratória por meio da composição musical. (FONTERRADA, 2008).

Em meados da Idade Contemporânea presenciou-se o romantismo, que se caracterizava pelo emocionalismo, nascido da influência do iluminismo. Conforme revela Fonterrada (2008, p. 65),

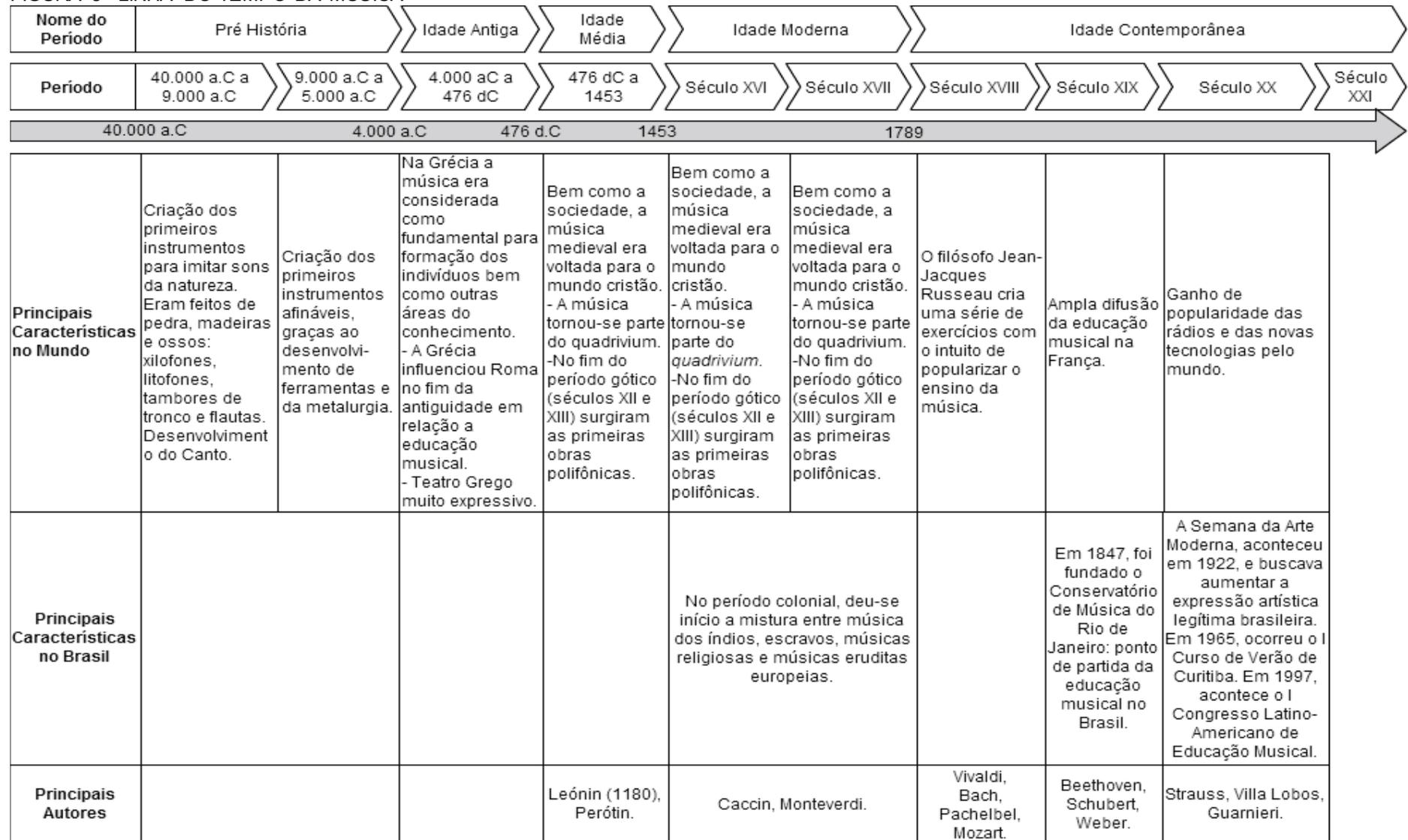
no início do século XIX, anunciam os sintomas da crise do iluminismo: a mudança na posição social e na função da música; o declínio da influência italiana (ópera); a valorização da música instrumental e o retorno à música antiga (notadamente Bach e Palestrina).

A autora também afirma que pouco tempo depois, do fim do século XIX ao século XX houve uma mudança em todos os âmbitos artísticos, transformando a música romântica mais individualista em uma música que valorizava o coletivo e características impressionistas.

Cruz (2009) revela que no Brasil, apenas até século XX o ensino de arte não era reconhecido. Fonterrada (2008) informa que ao adentrar este novo período surgiram músicos empenhados em desenvolver o ensino da música, como por exemplo, Dalcroze, Willems, Kodály (influenciador de Villa Lobos), Orff e Suzuki.

No ano de 1965 aconteceu o I Curso de Verão de Curitiba associado ao I Festival de Música do Paraná, que a partir da segunda de suas nove edições foi chamado de Curso Internacional de Música do Paraná. Era dividido em cinco temas: música religiosa, música antiga, música de câmara, música brasileira e música contemporânea. Após seis anos da extinção deste evento, tiveram início as atividades da Oficina de Música de Curitiba. (PAES, 2013)

FIGURA 8 –LINHA DO TEMPO DA MÚSICA



Fonte: FONTERRADA (2008); BARROS (1974); MASSIN (1997); CRUZ (2009); CANDÉ (2001);

Após essa revisão, é importante que sejam conhecidos os aspectos que envolvem a educação musical no mundo, direcionando-se para o Brasil, a fim de auxiliar na compreensão dos conceitos de festivais de música.

### 2.3.1.2 Educação Musical

A Educação Musical foi iniciada na Europa Medieval e era ministrada pelos monges; apenas anos depois seus ensinamentos foram transferidos para núcleos e escolas. (FONTERRADA, 2008)

O Brasil, por ser descendente de povos europeus, manteve relações eclesiásticas do século XVI até o século XVII, quando peças de teatro foram escritas para os propósitos educacionais da igreja, mas se expandiram para casas de ópera e teatros. Nos séculos seguintes, a educação musical passou a ter também influência política. Assim sendo, fica claro que a formação musical brasileira deriva diretamente das variadas raízes étnicas e culturais que compõe o Brasil: os europeus, principalmente portugueses e espanhóis; índios, mistura racial pré-existente; e africanos, pela presença de negros escravos. (OLIVEIRA, 2007)

Oliveira (2007) também relata que em 1932, foi criada no Brasil a SEMA, Superintendência de Educação Musical e Artística, com objetivo de implementar o movimento do Canto Orfeônico, revelado por Villa-Lobos, e assim, tornar a educação musical formal parte obrigatória das disciplinas das escolas. Apresenta ainda, os pontos principais da abordagem musical de Villa Lobos para educação:

1. Defesa da formação musical.
2. Educação musical obrigatória por lei e apoiada pelo governo.
3. Os potenciais efeitos socializadores da música tais quais a cidadania.
4. Altruísmo, fraternalismo e humanitarismo.
5. Integração de diferentes classes sociais.
6. A importância de se iniciar os estudos musicais desde a primeira infância.
7. A importância da voz.
8. Uso da música folclórica brasileira e da música de alto padrão composicional.

Ao se aproximar da década de 60, a escassez da criatividade se tornou uma tendência, a partir do momento em que o ser humano passou a viver em um coletivo

composto de condições massificadoras, repreensivas, de maquinaria e burocracia. No fim do século XX, alguns educadores criaram propostas para aperfeiçoamento de qualidades e sensibilidades humanas relacionadas à arte, com o intuito de combater essa tendência. (FONTERRADA, 2008)

Vale ressaltar que em meados da década de 90 houveram tentativas de corrigir as diretrizes da educação musical inicialmente enfatizadas pelo Canto Orfeônico proposto por Villa Lobos. A legislação da educação musical é falha no sentido de só se preocupar com a universalização de acesso a música, sem a formação necessária. (OLIVEIRA, 2007)

Mesmo com as características existentes nas diretrizes da educação musical, Swanwick (1994) acredita que:

Aprender a tocar um instrumento deveria fazer parte de um processo de iniciação dentro do discurso musical. Permitir que as pessoas toquem qualquer instrumento sem compreensão musical – sem realmente “entender música” – é uma negação da expressividade e da cognição e, nessas condições, a música se torna sem sentido (SWANWICK, 1994, p. 07).

No Brasil, há uma quantidade abundante de práticas musicais informais, que se acredita ser devido à ausência de educação musical formal nas escolas, tornando a condição social um critério para a formação musical (OLIVEIRA, 2007). Para complementar as ações de educação musical, extrapolando o ambiente das escolas, estão os festivais de música estudantil, muitas vezes desenvolvidos pelo poder público e caracterizados por aceitarem diversos níveis ou modalidade de formação musical (FIALHO, 2014a).

Em suma, a educação musical possui uma variedade de aspectos que podem ser abordados separadamente. Porém, a presente pesquisa se restringirá à educação musical direcionada para os festivais de música, apresentados nos tópicos seguintes.

### 2.3.2 Definição de Festival de Música

Falassi (1987) explica que festival é um derivado etimológico do latim *Festum*, que no português significa festa. O autor também descreve que Festival é um período de celebração. Então, os festivais são eventos e/ou fenômenos sociais, presentes na maioria das culturas, tendo como atrativos suas características, significados, raízes históricas e o envolvimento entre as pessoas.

Aponta Getz (2010, p. 7) que os “festivais são celebrações culturais” que incorporam “uma experiência intelectual, comportamental e emocional”, e eles podem impactar na comunidade de forma negativa ou positiva. Na atualidade, a diversidade de festivais é grande. São eventos que não são mais considerados apenas de entretenimento, mas como produtos que movimentam a economia.

Falassi (1987) e Getz (2010) concordam que a palavra chave de suas definições é celebração. O termo é explicado no Dicionário Houaiss (2001) como “ato de celebrar [...] acolhida festiva, exaltada, ruidosa; comemoração”.

Petininga (2008) comenta que os festivais iniciaram no século XIV, como comemoração de um feriado da igreja. Fialho (2014a) acrescenta que o interesse por festivais direcionados a educação musical são delineados no início do século XX.

Dentre as características dos festivais de música, convém ressaltar que conforme constata Maciel (2011):

O fato de ser algo que não está disponível no cotidiano dos indivíduos é o que torna os eventos especiais. Estes oferecem experiências únicas, e têm também uma duração limitada, o que torna esse evento algo que só está disponível por um período de tempo circunscrito, ou será até mesmo único numa cidade. (MACIEL, 2011, p. 8).

Cada participante dos eventos enxerga o mesmo com uma perspectiva diferente, e esses pontos de vista devem ser considerados para os festivais se tornem satisfatórios para ambas as partes. Neste sentido, Getz (2001, p. 425) indica que:

Do ponto de vista do consumidor, ou da audiência, um evento especial é a oportunidade para o lazer, para uma experiência social ou cultural fora da rotina diária. Do ponto de vista do organizador, um evento especial é um acontecimento único e não frequente, fora do padrão normal das atividades (GETZ, 2001, p. 425 apud PETININGA, 2008, p. 36).

Mas, independente da opinião de consumidores e organizadores, sabe-se que os festivais reforçam a identidade local, pois intensificam as atividades de apreciação das artes e das capacidades interculturais, visto que atraem grupos de afinidades e impactam sobre o público. (KARLSEN, 2011).

Os festivais de música possuem grande potencial educativo musical. Karlsen (2011) defende que os festivais são uma fonte de aprendizagem informal, por meio de mídias e experiências musicais, incorporadas em diferentes cenários e com diferentes atividades. “Em sua tese, ela [Karlsen, 2011] defende que a

aprendizagem – e não o conhecimento – se dá a partir das relações entre as pessoas, as atividades e o mundo.” (FIALHO, 2014b, p. 106)

Cumprir enfatizar que os festivais variam conforme seu objetivo, público-alvo, organizadores, entre outros elementos. Portanto no tópico a seguir serão descritas algumas classificações de festival de música propostas por diferentes autores.

### 2.3.3 Tipos de Festivais de Música

Não há um padrão de tipologia de festival de música definido ou eventos musicais, porém, assim como foi discutido no tópico anterior, há uma variedade de festivais de música que possuem diferentes facetas de acordo com seus objetivos.

Alguns autores pesquisam sobre festivais de música e eventos musicais e criaram classificações em seus estudos. O primeiro autor que será apresentado é Getz (2007), por meio do que revela Maciel (2011). Ele classificou os eventos em Eventos Econômicos e de Marca, Eventos Premier ou de Prestígio, Mega-Eventos, Eventos Mediáticos, Eventos relacionados com uma Causa, Eventos Empresariais, Truque Publicitário e Eventos Especiais, especificados a seguir. O Quadro 5 descreve as principais características de cada um desses tipos.

QUADRO 4 – TIPOLOGIA DE EVENTOS PROPOSTO POR GETZ

| <b>Tipo</b>                        | <b>Características</b>  |
|------------------------------------|---|
| Eventos Econômicos e de Marca      | Apresentam vantagem competitiva ao espaço, comunidade ou destino que os acolhe.                                     |
| Eventos Premier ou de Prestígio    | Evento máximo dentro de uma categoria específica.   |
| Mega-Eventos                       | Que causa “mega” impactos ao local que o recebe ou, em termos de número, que excede um milhão de visitantes.        |
| Eventos Mediáticos                 | Criado para públicos irradiados, usando facilidades de Internet ou televisão.                                       |
| Eventos Relacionados com uma Causa | Objetiva angariar dinheiro ou promover uma causa.   |
| Eventos Empresariais               | Produzidos por uma empresa para lançar um produto.  |
| Truque Publicitário                | Desenhado para fazer publicidade e associado a políticos ou estrelas de cinema.                                     |
| Evento Especial                    | Desenhado para ser diferente e único, seja em termos de estilo, hospitalidade, simbolismos, temática, entre outros. |

Fonte: Adaptado de Getz (2007) apud Maciel (2011).

Small (2007), por sua vez, baseado também no modelo de Getz (2007), faz uma adaptação para uma tipologia que contempla apenas os Mega-Eventos e Eventos de Marca, anteriormente já propostos, adicionando Eventos Comunitários / Locais, como representado no Quadro 6.

QUADRO 5 – TIPOLOGIA DE EVENTOS PROPOSTA POR SMALL

| <b>Tipos</b>                  | <b>Características</b>  |
|-------------------------------|---|
| Mega- Eventos                 | São os maiores na escala dos eventos, tanto em tamanho como importância, com grandes impactos na comunidade.  |
| Eventos de Marca              | Relacionado com um determinado lugar, de forma que o lugar e o evento se tornam inseparáveis. Criados para aumentar a atratividade de um destino turístico. |
| Eventos Comunitários / Locais | Criados para oferecer oportunidades sociais e de entretenimento para a comunidade local.  |

Fonte: Adaptado de Small (2007) apud Maciel (2011).

Por fim, no Quadro 7 estão caracterizadas as classes destacadas por Fialho (2014a) que divide sua tipologia musical em nativistas presentes especialmente no Sul do Brasil, os de “Caráter Misto”, os festivais específicos em algum gênero/estilo

ou modalidade musical, os festivais de música popular e os festivais de música estudantil. Estas classes foram identificadas a partir da análise do cenário dos festivais de música no Brasil.

QUADRO 6 – TIPOLOGIA DE FESTIVAIS PROPOSTO POR FIALHO

| Tipos   | Características  |
|---|--|
| Os nativistas presentes especialmente na região Sul do Brasil         | Caracterizado por uma variedade de gêneros musicais considerados tradicionais. São festivais que englobam competições musicais, com gravação de um disco para os finalistas, premiações em dinheiro e troféus.   |
| “Caráter misto”   | Englobam mostras musicais e cursos / oficinas de música. São mostras musicais, compostas de concertos e apresentações musicais. Cursos de curta duração de práticas instrumentais/vocais e/ou de teoria e/ou de pedagogia da música. Concursos de performances, com premiações diversas. |
| Os festivais específicos em algum gênero/estilo ou modalidade musical | Objetivam a congregação e o fortalecimento de pessoas vinculadas a um determinado segmento musical.  |
| Os festivais de música popular  | Envolvem bandas e grupos musicais, de diferentes estilos, gêneros e níveis técnico-musicais. São produções do segundo e terceiro setor, não produzidos por quaisquer entes governamentais.   |
| Os festivais de música estudantil                                     | Focada em músicas produzidas por estudantes – independente do nível ou modalidade de formação – ou <i>cover</i> de outros compositores. Pode ter um caráter institucional, comumente realizado pelo poder público.   |

Fonte: Adaptado de Fialho (2014a)

Além de conhecer estas tipologias, vale lembrar que dentre elas existem os modelos competitivos e não competitivos, como explica Homem de Mello (2003, p. 13):

O modelo de festival competitivo é corrente no Brasil e no mundo. Há, porém, festivais de caráter não competitivo. Estes têm por meta reunir e apresentar produções artísticas “durante certo período de tempo”, tais como teatros, filmes, gêneros musicais, artes visuais. (HOMEM DE MELLO, 2003, p. 13, *apud* Fialho, 2014a, p.29)

É perceptível que as tipologias descritas são identificadas a partir do objetivo traçado para o festival.

A partir da apresentação dos modelos supracitados, pode-se perceber que não é fácil especificar classes de eventos que comportem todo tipo e multiplicidade de celebração, motivo pelo qual os mesmos possuem classes e características tão diferentes.

### 2.3.4 Turismo e Marketing da Informação presentes nos Festivais de Música

Os turistas escolhem seu local de visitação não apenas pela beleza ou pelo patrim nio monumental, mas também pelos aspectos culturais nele contidos. (MACIEL, 2011).

Reis (2007) acredita que o turista quer participar daquela outra realidade que foi conhecer. Ele deseja viver o contexto e ser mais que apenas um expectador passivo.

O Ministério do Turismo define o Turismo Cultural como as atividades que se relacionam com elementos significativos da cultura. Estes eventos, muitas vezes temporários, ajudam a revelar a identidade, a memória das popula es e a definir os patrim nios culturais materiais e imateriais. (Site do Ministério do Turismo, 2014)

Segundo o Caderno de Orienta es Básicas do Turismo Cultural do Ministério do Turismo, uma das principais motiva es de viagens continua, desde o renascimento, derivando do interesse cultural, que inicialmente eram destinadas aos grandes conjuntos arquitet nicos. Com o passar dos anos, os limites dos objetivos de visita foram ampliados.

Maciel (2011, p.18) afirma que:

Em termos de marketing, os festivais e eventos podem ser muito positivos para as percep es de marca, uma vez que são capazes de projetar uma imagem vibrante e viva dos lugares. Podem melhorar o perfil de destino através de cobertura de imprensa, difusão positiva de informa o, nomeadamente de caráter informal, e apresentar uma oferta cultural mais diversificada que complementa outras atra es fixas mais conhecidas.

Para (FREY, 1994) os festivais já não são uma novidade, e existem na maioria das regiões, mesmo assim   incrível o fato de que o número de participantes continua crescendo.

Por já existirem em muitos locais, os festivais e suas localidades "têm que competir uns com os outros, tal como qualquer entidade comercial, sendo que o setor público tem que se adaptar a novos contextos de flexibilidade nos quais o território   comercializado como um bem ou serviço." (SARMENTO, 2007/13, p. 8).

A partir das afirma es discorridas,   perceptível que os festivais influenciam no aspecto turístico e econ mico dos locais que os oferecem.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de alcançar os objetivos propostos é necessário identificar os procedimentos que servirão como diretriz para nortear o desenvolvimento da presente pesquisa. A partir disso, esta seção apresentará elementos como a caracterização da pesquisa e suas fases, e a caracterização do ambiente em que a mesma será realizada.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

A presente investigação se deu inicialmente com uma pesquisa bibliográfica / revisão de literatura, para dar suporte ao estudo de caso, e por fim, teve a análise de conteúdo para reconhecimento dos resultados.

A pesquisa bibliográfica tem uma abordagem exploratória. Piovesan e Temporini (1995) caracterizam este tipo de pesquisa por estudo que busca significado da variável em questão juntamente a seus conceitos e contexto. Já a pesquisa bibliográfica caracterizada por Sá-Silva *et. al* (2009) por ser responsável por fazer a unir os aportes de vários autores.

Após a fase de revisão da literatura, a pesquisa toma uma abordagem descritiva. A pesquisa descritiva é conceituada por Gil (1989) por delinear características de uma amostra, população ou fenômeno e definir o relacionamento entre suas variáveis.

Portanto, para compreender os fatos ocorrentes na Oficina de Música de Curitiba, foi realizado um estudo de caso. O estudo de caso é definido por Miguel (2007, p.223) como “uma espécie de histórico de um fenômeno, extraído de múltiplas fontes de evidências onde qualquer fato relevante à corrente de eventos que descrevem o fenômeno é um dado potencial para análise”. Considera-se, portanto, que sejam aplicadas três técnicas para uma melhor compreensão desses eventos.

No estudo de caso em questão, a primeira técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista, que para Marconi e Lakatos (2005) tem por objetivo a obtenção de informações de outro indivíduo sobre algum assunto específico.

Na sequência foi realizada a análise documental que, na visão de Bardin (1994), é um conjunto de operações que objetiva facilitar a compreensão dos

documentos por meio da transformação do mesmo a partir de uma representação diferente.

Sá-Silva *et. al* (2009) afirma, também, que a pesquisa documental se diferencia da pesquisa bibliográfica por abordar dados e documentos não tratados.

A entrevista e a análise documental foram ferramentas complementares na identificação das políticas de informação e nos modelos de gerenciamento utilizados.

Por fim, a análise de conteúdo será realizada para “tornar os dados válidos e significativos” GIL (1989, p. 164). Salieta-se que a análise de conteúdo também não é um instrumento, mas sim um conjunto de técnicas que pode ser aplicado em qualquer comunicação portadora de significado e que deverá ser traduzido por meio da mesma.

Todos esses elementos que compõem a pesquisa serão descritos nos tópicos a seguir.

### 3.1.1 Estudo de Caso

Após a pesquisa bibliográfica deu-se início ao estudo de caso. Esse tópico do projeto é conceituado por Yin (1989, p. 19) como:

a observação detalhada e profunda de um contexto ou indivíduo e de um conhecimento específico (o caso), representando uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. Pode incluir tanto estudos de caso único quanto de múltiplos, assim como abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa. (YIN, 1989, p.19)

Assim, é necessário que a pesquisa seja aprofundada usando uma variedade de técnicas para atingir o objetivo traçado.

Lüdke e André (1986, p.18) acreditam que o estudo de caso “procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo, pressupondo que a realidade pode ser vista sob diferentes olhares”.

Assim, para o aprofundamento nas análises da presente pesquisa foram utilizadas as técnicas: entrevista, análise documental e análise de conteúdo. Estas técnicas nortearam e posteriormente permitiram a identificação das políticas de

informação e do modelo de gerenciamento de informação utilizado ao longo dos 32 anos de Oficina de Música de Curitiba.

Devido à necessidade de conhecer o que são essas técnicas e sobre como serão utilizadas, elas serão descritas separadamente nas seções a seguir.

### 3.1.2 Entrevista e coleta de dados

Marconi (1999) afirma que a entrevista é uma espécie de investigação onde uma pessoa objetiva identificar informações que a outra tenha sobre determinado conteúdo através de uma conversa profissional.

A entrevista visa também encontrar dados, objetivos e subjetivos, que não seriam encontradas apenas a partir da pesquisa bibliográfica (BONI; QUARESMA, 2005).

Fez-se uma entrevista com todos os presidentes responsáveis pela Oficina de Música de Curitiba ao longo de seus 33 anos, para que possam ser identificados o modelo de política de informação utilizado pela alta gerência e o modelo de gestão da informação utilizado pelos integrantes da equipe do evento.

A entrevista é de natureza padronizada / estruturada, que para Marconi (1999) significa que o roteiro de perguntas é pré-estabelecido (Apêndice A). As diretrizes utilizadas para as entrevistas foram as propostas pelo autor supracitado que inclui contato inicial, formulação de perguntas, registro das respostas, término da entrevista e respostas com atendimento aos critérios de validade, relevância, especificidade e clareza, profundidade e extensão.

### 3.1.3 Análise documental

Bardin (1994) afirma que a análise documental é uma operação que permite transformar o conteúdo de um documento (primário) e um novo documento, que representa o conteúdo do primeiro.

Por sua vez, Sá-Silva *et. al* (2009, p. 10) acrescentam que:

A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os fatos devem ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada.

Essa pesquisa documental analisou os relatórios e documentos referentes ao controle gerencial interno da Oficina de Música de Curitiba, conforme protocolo de coleta apresentado no Apêndice B.

Dentre as técnicas de pesquisa propostas por Marconi (1999), - pesquisa em documentação indireta, pesquisa bibliográfica e pesquisa em documentação direta - foi utilizada a pesquisa em Documentação Direta. Esta pesquisa é caracterizada pelo autor por buscar os dados necessários no lugar onde os fenômenos acontecem e pode ser feita através de pesquisa de campo ou pesquisa de laboratório. Assim, a presente pesquisa se encarregou-se de fazer o estudo de campo quantitativa-descritiva, responsável por fazer a coleta de dados sobre as variáveis de forma que posteriormente seja possível analisar características de acontecimentos e avaliar as atividades.

#### 3.1.4 Análise de conteúdo

O último elemento do estudo de caso que foi realizado é a análise de conteúdo. Trata-se de um conjunto de técnicas que objetiva analisar as comunicações

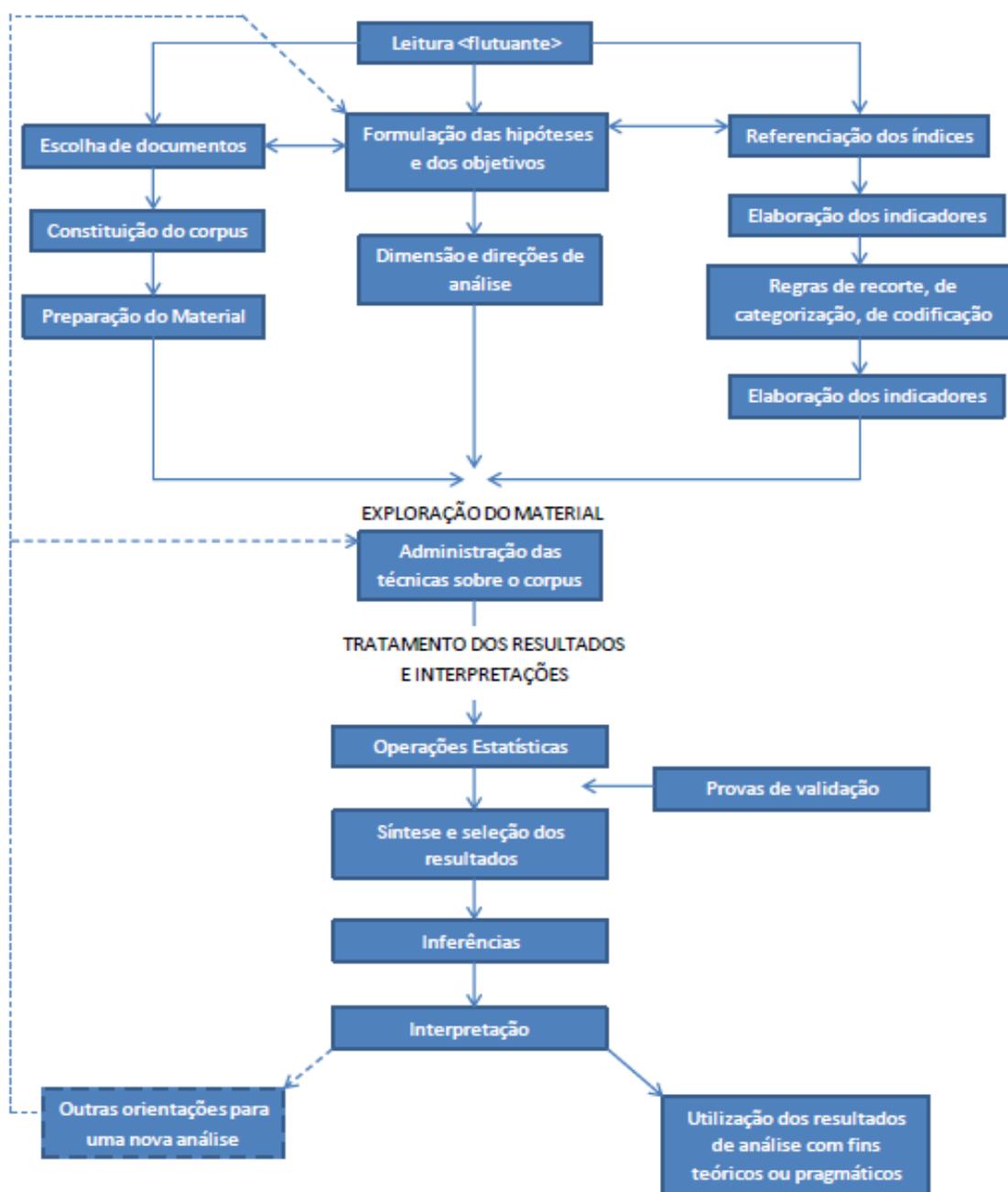
A análise de conteúdo propõe como motivo para avaliar a Justificação: organização de dados para apresentação a instâncias decisórias como objetivo de adquirir recursos para desenvolvimento de atividades.

Na concepção de Berelson (1984, p.18), acredita-se que a “análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa”.

Bardin (1995) categoriza a análise de conteúdo em análise de significados (análise temática) e análise dos significantes (análise léxica, análise de procedimentos).

A análise de conteúdo é uma das técnicas mais utilizadas para o tratamento dos dados de entrevista. Também para o tratamento dos dados da análise documental foram aplicadas técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin (1995). Dentre as categorias de análise existentes, foi aqui utilizada a análise de significados ou análise temática. Esta etapa específica está disponível na Figura 9.

FIGURA 9 - DESENVOLVIMENTO DE UMA ANÁLISE  
PRÉ-ANÁLISE



Fonte: Bardin (1994, p. 102)

Bardin (1994) apresenta as etapas que compõe a análise de conteúdo como:

1. pré análise: que tem como missão a escolha dos documentos, o desenvolvimento das hipóteses e objetivos e a preparação de indicadores.
2. exploração do material: é literalmente a fase de análise e consiste em administrar sistematicamente as decisões, que podem ser

procedimentos manuais ou mecânicos de codificação, enumeração ou qualquer regras previamente definida em cima do material.

3. tratamento dos resultados, inferência e interpretação: é a transformação dos dados brutos em informações significativas. Utiliza de técnicas estatísticas.

A partir dessas etapas, realiza-se uma análise de conteúdo e tabulação de dados, em complemento a análise documental, visando compreender a evolução e os benefícios do evento.

Para apresentação das constatações e dos comparativos resultantes da análise de conteúdo utiliza-se as ferramentas: *Excel*, para análises estatísticas e geração de gráficos; o *Cacoo*, pra desenvolvimento de fluxogramas ou mapas mentais; o *Tableau Public*, para geração dos mapas de representatividade; o *Wordle.net*, para desenvolvimento da nuvem de palavras; e, o *PikToChart* e o *Infogr.am*, para o desenvolvimento de infográficos.

Visando a aplicação dos métodos que foram expostos é importante que seja conhecido o ambiente em que eles serão realizados, o qual será apresentado a seguir.

### **3.2 Caracterização do ambiente**

A Oficina de Música de Curitiba iniciou-se no ano de 1983, completando em 2015, trinta e três edições realizadas nos meses de janeiro.

Paes (2013) revela que em princípio, a cravista, idealizadora e coordenadora da Oficina, Ingrid Müller Seraphim e a então presidente da FCC, Lucia Camargo, tinham como objetivo organizar cursos de aperfeiçoamento para os músicos integrantes da Camerata Antiqua de Curitiba.

Dando continuidade ao Festival de Música de Curitiba, da década de setenta, a Oficina de Música se diferencia por oferecer um espaço direcionado a música popular brasileira. (KLEBER; CACIONE; 2007)

Em sua primeira edição, a Oficina ofereceu nove cursos, nove concertos e duzentos alunos inscritos, durante doze dias, e segundo o Site do evento (2014), em sua última edição durou 20 dias, dividido nas fases erudita e popular, com em torno de 100 cursos, disputados por 1900 alunos de todos os continentes do mundo.

O evento foi reconhecido e cresceu em uma proporção em que foram abertas possibilidades para um maior público, abrangendo novos estilos musicais e novos cursos, desfazendo a direção específica para a música antiga e sendo redirecionado para a contribuição para o desenvolvimento artístico da população. (PAES, 2013)

No ano de 2004, o gerenciamento executivo do evento foi passado a uma organização social, o Instituto Curitiba de Arte e Cultura (ICAC) e os funcionários da FCC tiveram de ser remanejados. Durante esse período de transição, houveram atrasos na organização do evento, e por consequência, diversos protestos incluindo o setor hoteleiro, que expôs a importância da oficina para economia local.

A linha do tempo representada na Figura 10 representa os integrantes que compuseram a gerência do evento ao longo desses 32 anos (apenas os anos que possuíam dados em relatório), e que eram responsáveis pela política de gerenciamento de informação empregada. Infere-se na linha que nos anos em destaque ocorreu mudanças de equipe de trabalho.

FIGURA 10 - LINHA DO TEMPO DAS DIREÇÕES DA OFICINA DE MÚSICA



| Gerente A  |  |  |  |  |   | Gerente B  |   |  |  |
|--|--|--|--|--|---|--|---|--|--|
| <b>Coordenação Geral:</b> Ingrid Seraphim e Walter Hoerner<br><b>Direção Artística:</b> Roberto de Regina<br><b>Presidente da FCC:</b> Lúcia Camargo | <b>Coordenação Geral:</b> Ingrid Seraphim, Walter Hoerner e Glaci Gotardello | <b>Coordenação Geral:</b> Ingrid Seraphim e Glaci Gotardello | <b>Coordenação Geral:</b> Ingrid Seraphim e Glaci Gotardello | <b>Coordenação Geral:</b> Ingrid Seraphim<br><b>Direção Artística:</b> Paulo Bosísio | <b>Coordenação Geral:</b> Ingrid Seraphim | <b>Coordenação Geral:</b> Janete Andrade<br><b>Direção Artística:</b> Alex Klein | <b>Coordenação Geral:</b> Janete Andrade<br><b>Direção Artística:</b> Alex Klein<br><b>Presidente da FCC:</b> Cássio Chamecki | <b>Coordenação Geral:</b> Janete Andrade<br><b>Direção Artística:</b> Janete Andrade<br><b>Coordenação da MPB:</b> Sérgio Albach e Glauco Sölter | <b>Coordenação Geral e Direção Artística:</b> Janete Andrade<br><b>Coordenação da MPB:</b> Sérgio Albach e Glauco Sölter<br><b>Coordenação de Música Erudita:</b> Rodolfo Richter<br><b>Coordenação de Música Antiga:</b> Cláudio Cruz |

Fonte: Adaptado de Paes (2013)

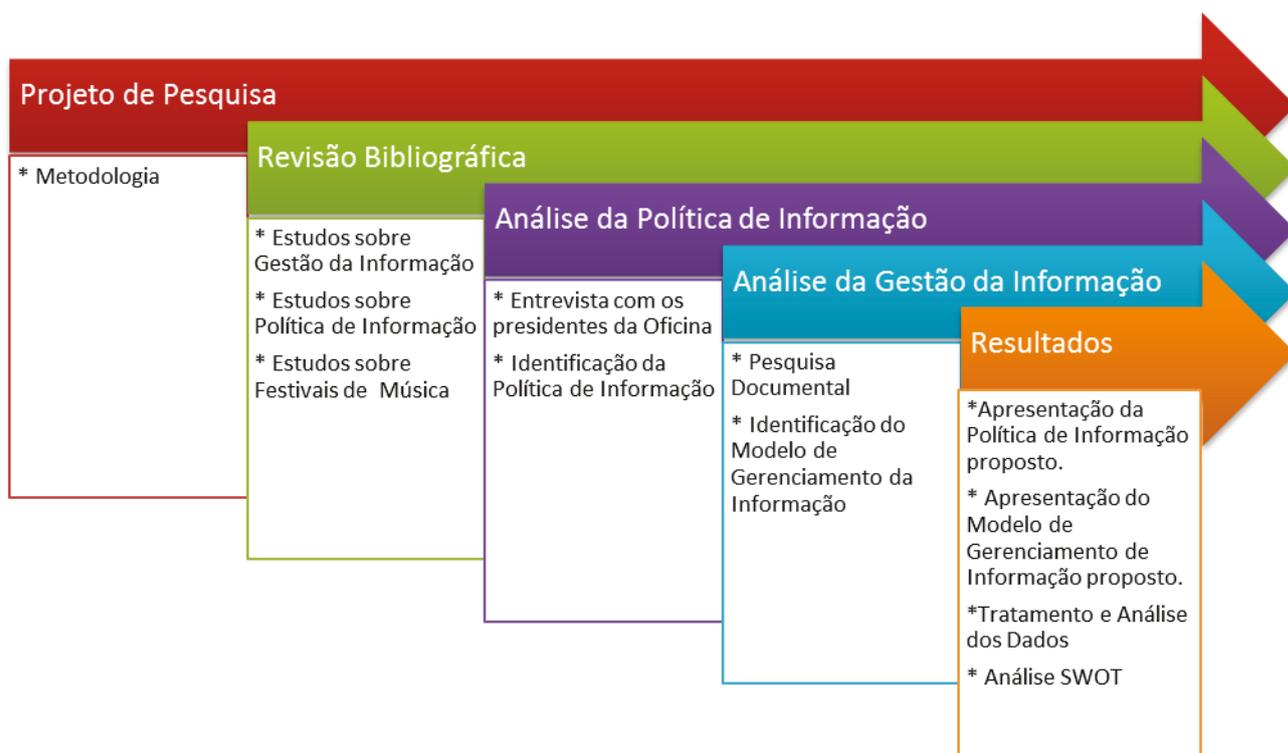
Em 2015, o evento continua sob responsabilidade do FCC e do ICAC e a direção permanece com Janete Andrade que assumiu o cargo desde 2002. Os integrantes da Figura 10 representada acima puderam fazer parte do corpo de entrevistados desta pesquisa, a fim de identificar características do evento que não podem ser identificadas a partir de análise documental. Ressalta-se que as gerentes supracitadas, foram nomeadas durante a apresentação dos resultados desta pesquisa como Gerente A e Gerente B, afim de manter a integridade moral e ética do trabalho desenvolvida pelas mesmas em seu período de gestão.

### **3.3 Fases da pesquisa**

Os procedimentos metodológicos da presente pesquisa se desenvolveram nas seguintes fases (Figura 11):

- (1) Estudo e revisão bibliográfica
- (2) Entrevista estruturada - com as presidentes da Oficina de Música de Curitiba (Apêndice A):
  - a. resgate histórico dos 33 anos do evento;
  - b. identificação das Políticas de Informação exercidas; e
  - c. identificação do modelo de Gerenciamento de Informação exercido.
- (3) Protocolo de coleta e Pesquisa Documental (Apêndice B):
  - a. análise documental e dos registros referentes aos 33 anos da Oficina de Música de Curitiba. (em especial, documentação sobre alunos, professores, cursos e infraestrutura);
  - b. análise de conteúdo: tabulação e análise das variáveis mais representativas dos dados das 33 Oficinas de Música de Curitiba; Análise SWOT

FIGURA 11 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



Fonte: A autora (2014)

A primeira etapa, revisão bibliográfica, aqui delimitada está apresentada a partir da seção 2 no tópico intitulado A Gestão e a Política de Informação da Informação em Festivais de Música. As demais etapas serão especificadas a seguir.

## **4 REFLEXÕES E DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS**

Nesta seção serão apresentadas as reflexões e discussões sobre a coleta e análise da informação e de dados, bem como serão apresentados a avaliação da política e modelo de gestão da informação encontrados e discorrido sobre eles. Por fim, serão apresentadas as tabulações dos dados revelando a progressão do evento e as necessidades identificadas.

### **4.1 Análise da Informação**

A direção da Oficina de Música de Curitiba foi alterada apenas uma vez em 33 anos de existência. Portanto, os resultados referentes à política de informação e o modelo de gerenciamento de informação são apresentados com apenas uma mudança.

#### **4.1.1 Análise da Política da Informação**

Dentre as formas de Política de Informação estudadas, a que foi identificada na Gerência A que perdurou entre os anos de 1983 até 2001, foi o Federalismo, conforme representado no Quadro 7.

Nesta gerência, o Federalismo perdurou porque é aquela política que acredita que um grupo de pessoas deve trabalhar em função do objetivo da organização, cada qual colaborando dentro de suas possibilidades. A Gerente A, em entrevista, se declarou altamente aberta a todo tipo de sugestão e colaboração que pudesse vir dos envolvidos com o evento, independente do nível hierárquico do colaborador na Oficina. No que diz respeito à documentação, segundo a gerente, não havia motivos para que as pessoas não tivessem acesso a todo tipo de informação e os álbuns que eram elaborados por ela com o registro das informações da oficina estavam disponíveis para consulta.

A Gerente A lembra que inicialmente a Oficina de Música contava com apenas quatro organizadores, mas que com o passar do tempo foi criada uma equipe capacitada para realizar o evento, mesmo em caso de ausência de algum integrante.

A documentação por meio de relatórios físicos ainda foi mantida até o ano de 2012, porém a quantidade de informação foi reduzida. Deixou-se de fazer recortes de jornais e diminuiu-se a preocupação em manter as notícias armazenadas fisicamente, visto que com a evolução da tecnologia, tudo ficaria disponível digitalmente.

QUADRO 7 - POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO DA OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA POR PERÍODO

|                 | Gerência A (período de 1983 a 2001)   | Gerência B (período de 2002 a 2015)   |
|-----------------|---|---|
| Características | Política: Federalismo   | Política: Monarquista   |
|                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gerenciamento descentralizado: acesso a todo tipo de informação.</li> <li>• Colaboratividade: Necessidade de colaboração de funcionários de todos os níveis hierárquicos.</li> <li>• Poucos elementos definidos e administrados centralmente, enquanto o restante pode ser administrado pelas unidades locais.</li> <li>• Acompanhamento pessoal do acontecimento do evento.</li> <li>• Documentação desenvolvida pela gerente, com auxílio da equipe de comunicação para o fornecimento de cópias.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gerenciamento centralizado: predominância de informações com a gerência.</li> <li>• Gerente com Contato direto com patrocínios.</li> <li>• Informações com acesso restrito apenas ao primeiro nível de hierárquico de funcionários, incluindo gerentes e diretores.</li> <li>• Não compartilhamento da informação voluntariamente após coletá-la.</li> </ul> |

No segundo período de gerência, a partir de 2002, observa-se que a política adotada pela Gerente B foi a Monarquista, também representada no Quadro 7.

Isso se justifica pelo fato de que por possuir uma maior rede de contatos, incluindo professores, consulados e pessoas que pudessem colaborar com a Oficina, a gerente tornou o trabalho mais centralizado. Além disso, a Gerente B relatou que ela desenvolve as ementas dos cursos e o conteúdo do sítio da Oficina da primeira fase sozinha. Nessa nova fase, os colaboradores têm acesso apenas àquelas informações que envolvem suas funções na Oficina, pois as demais ficam restritas a gerentes e diretores.

A gerente B reconhece um dos problemas encontrados na política monarquista, em que inúmeros problemas são desenvolvidos caso o gerente não

esteja mais presente, pois todos os conhecimentos para o desenvolvimento da função estão atrelados a ele. Ela acredita que precisa treinar uma equipe que possa desenvolver autonomamente as suas funções, mas que não tem conhecimento de como realizar essa atividade.

Identificadas as políticas de informação, será descrita a seguir a análise realizada sobre os modelos de gerenciamento de informação identificados no ambiente dessa pesquisa.

#### 4.1.2 Análise do Modelo de Gestão da Informação

No referencial teórico do presente estudo foram apresentadas etapas que compõem os modelos de gerenciamento da informação propostos por Davenport (2002), McGee e Prusak (2003), Choo (2006) e Beal (2008). (Quadro 3)

O Quadro 8, por sua vez, demonstra as mesma etapas, porém evidenciando aquelas que são encontradas nos diferentes períodos de Gerência da Oficina, além de apresentar críticas e sugestões referentes a cada uma das etapas.

QUADRO 8 - ETAPAS QUE COMPÕEM A GESTÃO DA INFORMAÇÃO NA OMC

| Etapas  | Gestão<br>1983 a<br>2001 | Gestão<br>2002 a<br>2015 | Observações  |
|---|--------------------------|--------------------------|--|
| Identificação de necessidades de informação           |                          |                          | Não existe um critério para identificar as necessidades informacionais.  |
| Determinação de exigências (requisitos) de informação |                          |                          | Não existe um critério para determinar as exigências (requisitos) de informação.   |
| Busca de Informação                                   | X                        | X                        | Não existe um critério para busca de informações. É possível encontrar informações, porém, com difícil recuperação. O material físico, da primeira gerência possui melhor recuperação.               |
| Aquisição (obtenção) e coleta de informação           | X                        | X                        | As informações que são obtidas, sem um controle ou processo definido, são apenas dados brutos existentes para o controle das atividades da Oficina.  |
| Classificação da informação                           | X                        |                          | Na primeira gestão, a informação era classificada e armazenada. Na segunda gestão, a informação era armazenada como obtida.  |
| Análise da Informação                                 | X                        | X                        | Não são realizadas análises das informações coletadas.   |
| Tratamento da informação                              | X                        |                          | O tratamento da informação é um procedimento raro, que aconteceu nos anos dos Simpósios de Musicologia, e nos relatórios apenas no ano de 2012.  |
| Apresentação da informação                            | X                        | X                        | Não existe padronização na apresentação das informações.   |
| Uso da Informação                                     | X                        | X                        | O uso da informação acontece tanto para confirmação de participação de alunos, quanto para tomada de decisão para as próximas edições.   |
| Desenvolvimento de produtos e serviços de informação  | X                        | X                        | Raras as ações identificadas sobre como as informações são utilizadas para compor livros e informes sobre a Oficina.   |
| Disseminação e distribuição da informação             | X                        |                          | Unicamente os livros gerados pelo Simpósio de Musicologia eram distribuídos.   |
| Armazenamento da Informação                           | X                        | X                        | O armazenamento físico é permanece mesmo depois que as documentações se tornaram digitais, mantendo uma cópia no Acervo da Casa da Memória.<br>O acervo digital não tem critério para armazenamento. |
| Descarte da Informação                                |                          |                          | Não existe descarte de informações.  |

Em virtude das informações apresentadas, é importante lembrar que nenhuma das etapas descritas possuía um processo definido, e que os mesmos se alteravam, até dentro da mesma gestão, porém são procedimentos que existem dentro de qualquer organização.

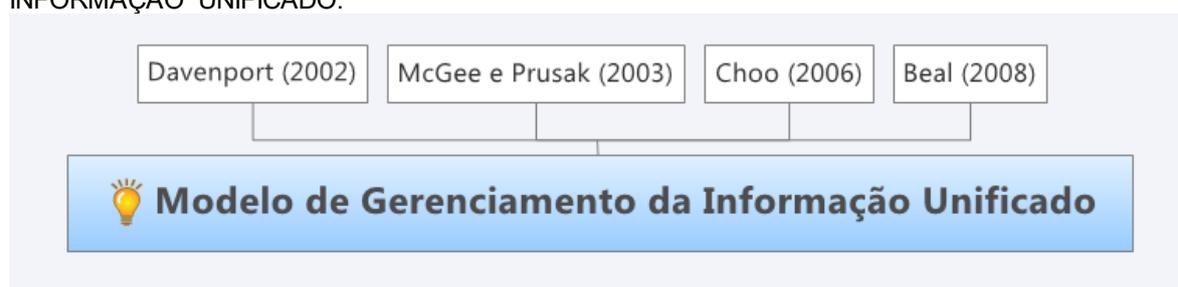
A Gerente A, demonstra claramente em entrevista sua preocupação em documentar o evento, e afirma ter feito uma cópia de segurança de todos os seus álbuns, e mantendo-os em casa. Ela também afirma que isso foi uma atitude importante, pois por muitos anos os álbuns ficaram perdidos na Casa da Música (Atual Casa da Memória) e que a documentação armazenada servia como confirmação para o currículo dos participantes que fizeram parte do evento.

Já a Gerente B foi a responsável por implantar um sistema de inscrições digital. Segundo a mesma, antes de adentrar a gerência da Oficina ela trabalhava em cidades menores do Paraná que já possuíam sistema digital de inscrições e ficou estarecida por não existir na capital, colocando como projeto primordial para Oficina. Porém, o sistema que é digital apenas serve para inscrições, gerando uma lista de alunos e seus respectivos dados, não sendo um processo informatizado.

Na atual gerência, a Diretora Executiva é responsável por identificar variáveis como as de público, valores e participantes. Porém, não existe nenhum tratamento; as informações apenas são armazenadas. Portanto, ao analisar o ambiente, percebeu-se que existem práticas de gerenciamento da informação não padronizadas, e que um modelo de gestão da informação definido não existe. Dentre as etapas dos modelos estudados, algumas foram identificadas, porém, sem um processo definido e aplicado formalmente. A partir disso, propõem-se um modelo de gerenciamento da informação unificado, que pode atender de forma mais direcionada as necessidades da Oficina de Música.

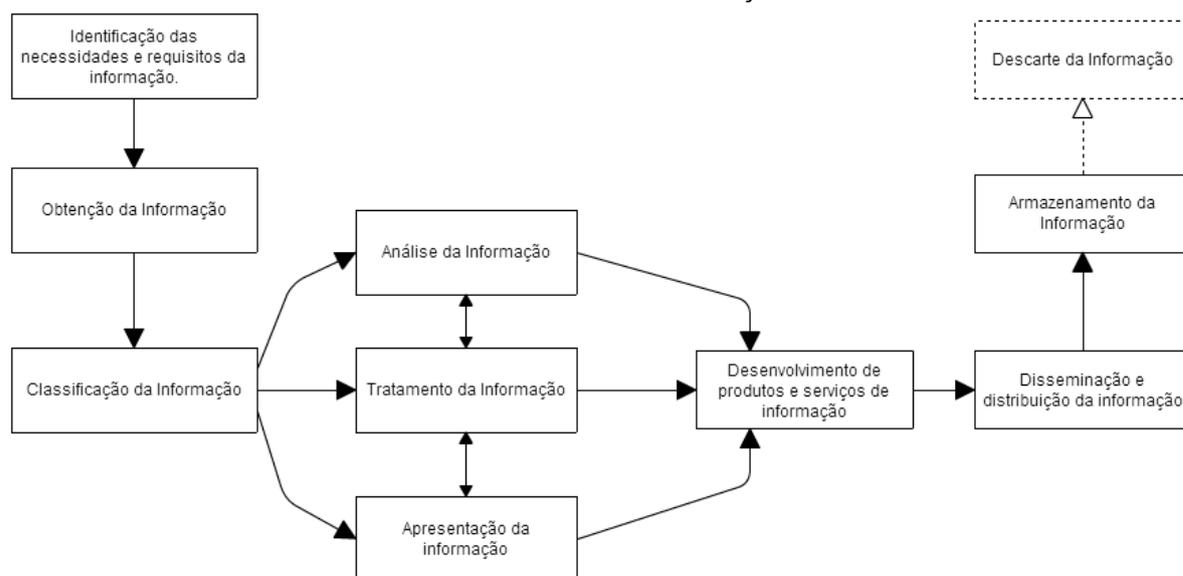
A Figura 12 representa os autores de modelos de gerenciamento da informação que forneceram subsídios para o desenvolvimento do modelo de gerenciamento de informação unificado.

FIGURA 12 – FONTES PARA O DESENVOLVIMENTO DO MODELO DE GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÃO UNIFICADO.



O fluxograma apresentado na Figura 13 representa o Modelo de Gerenciamento da Informação Unificado proposto, que é composto das etapas consideradas mais pertinentes para o desenvolvimento das atividades informacionais da Oficina de Música de Curitiba.

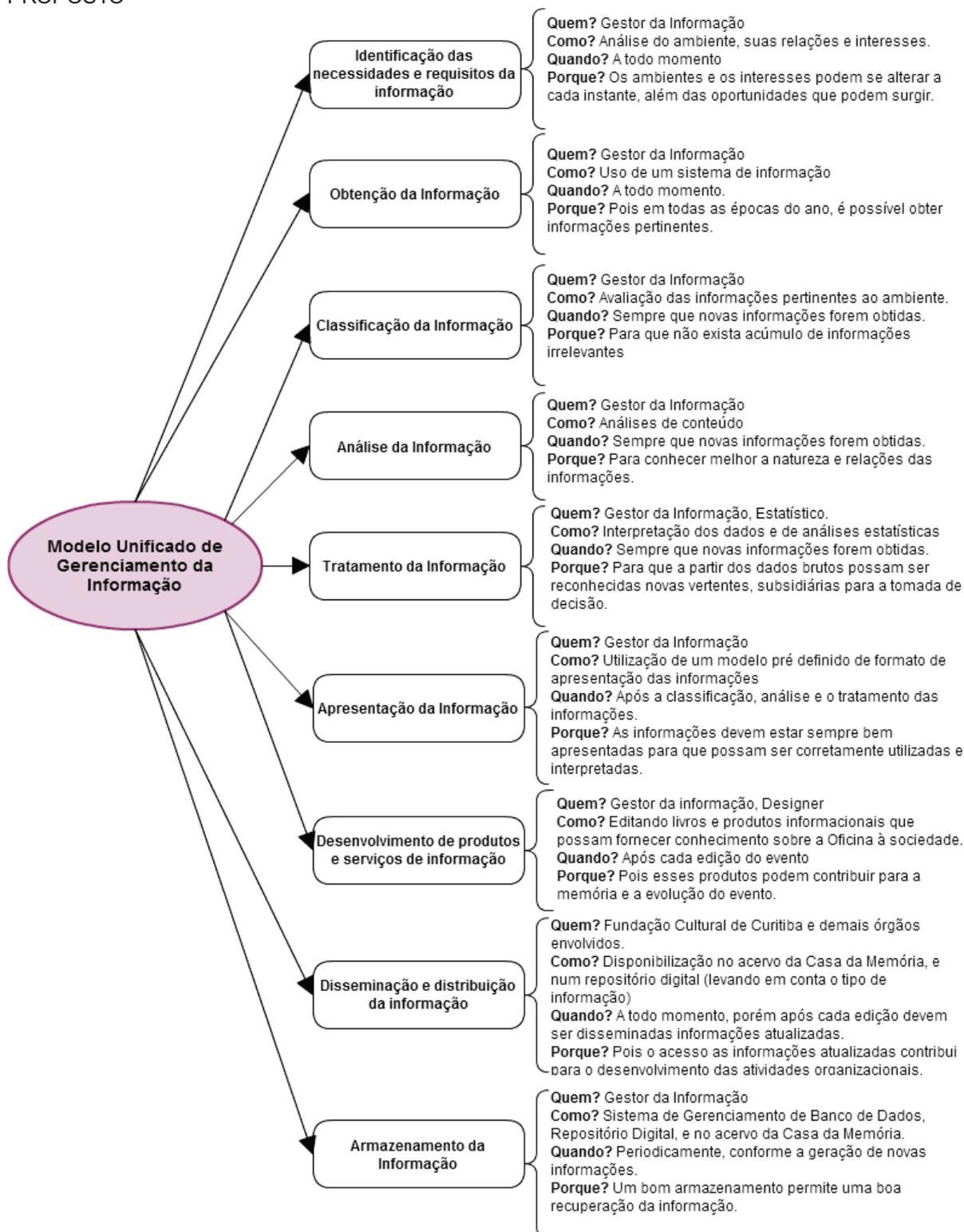
FIGURA 13 – MODELO DE GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO UNIFICADO.



No caso específico de como as informações da Oficina são gerenciadas no momento, a etapa de descarte da informação não existe pois os documentos da Oficina caracterizam memória organizacional, sendo até o material digital, impresso para armazenamento no acervo da Casa da Memória. No entanto, com o desenvolvimento das tecnologias e com o crescimento do volume informacional é possível que a etapa de descarte seja necessariamente incluída na forma de gerenciamento informacional, visto que segundo a Tabela de Temporalidade do Arquivo Público do Paraná, os tipos de documentos guardados sobre a Oficina possuem um tempo de armazenamento que varia de um a trinta anos.

A partir do modelo proposto, o mapa mental ilustrado na Figura 14 revela detalhes de cada etapa do modelo como: quem realiza a etapa, como ela é realizada, quando deve ser realizada e porque é necessário sua realização.

FIGURA 14 - MAPA MENTAL DO MODELO DE GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÃO UNIFICADO PROPOSTO



Por tais razões expostas, conclui-se que não existe um modelo de gerenciamento da informação, mas que considera-se importante a utilização do modelo unificado proposto nesta etapa do projeto.

A seção a seguir apresenta o tratamento e a análise dos dados realizada a partir da documentação encontrada sobre a Oficina de Música de Curitiba em seus 33 anos de existência.

## **4.2 Análise de conteúdo:** estatísticas e progressão do evento

O material disponível para realização da análise das variáveis possui falhas. Dentre os anos de 1983 e 2009 as informações foram registradas em material físico. A partir de 2010 e até o presente momento, os relatórios e demais informações passaram a ser registrados em formato digital. Cada variável possui quantidades diferentes de informações devido à divergência no formato dos relatórios de cada ano. Vale ainda lembrar que não foram analisadas quaisquer informações referentes ao ano de 1990, visto que o material do ano foi extraviado. Para apresentação das constatações e dos comparativos apresentados foram utilizadas como ferramentas o *Excel*, o *Tableau Public*, o *Wordle.net*, o *PikToChart* e o *Infogr.am*.

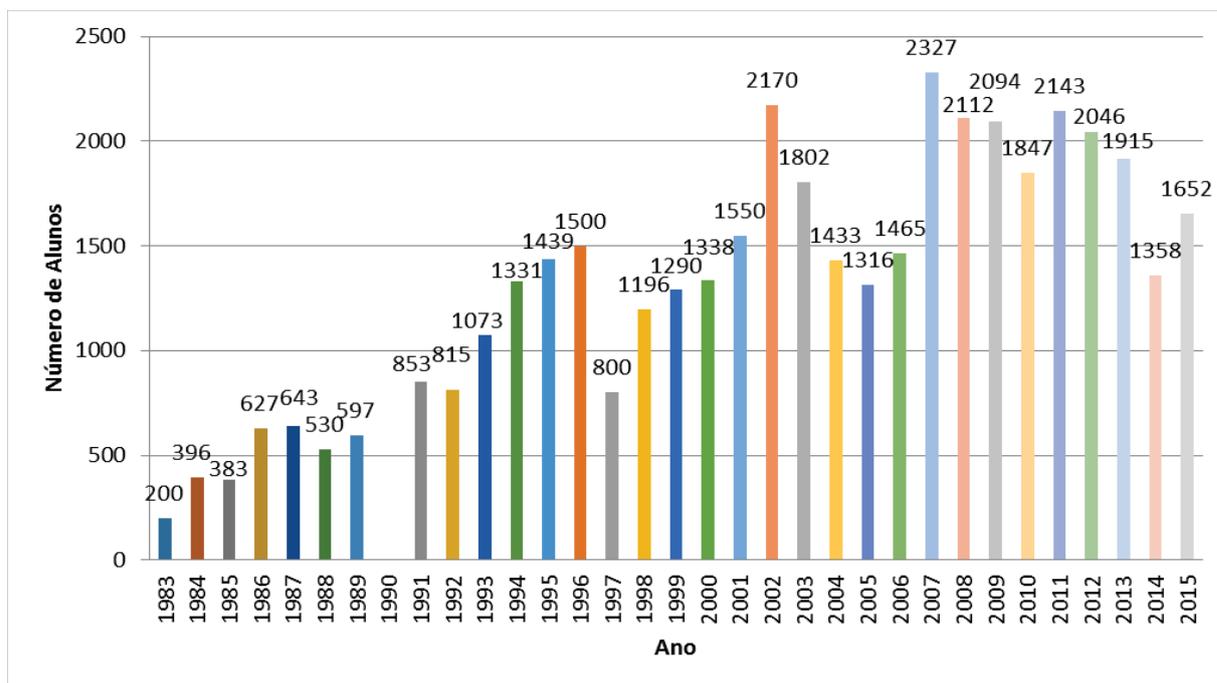
### 4.2.1 Alunos x Professores

Para dar início a apresentação das variáveis informacionais da Oficina de Música de Curitiba, é importante apresentarmos inicialmente os dados básicos, como a quantidade de alunos e professores participantes no decorrer dos 33 anos de evento. Ao longo destes anos o evento obteve uma média de 1320 inscritos por ano. Separando esses dados pelos anos das gerências analisadas encontra-se uma média de 920 inscritos na primeira gerência (1983 - 2001) e uma média de 1834 na segunda gerência (2002 – 2015).

A Figura 15 representa a quantidade de alunos inscritos nos cursos da Oficina. O vácuo no ano de 1990, que não possui dados em nenhuma das variáveis, representa como a falta de informação pode prejudicar a análise dos dados.

O ano de 1996, por sua vez, representa uma média de valores encontrados em recortes de jornais, visto que, nesse ano o relatório é composto apenas dessas reportagens e sem nenhuma informação registrada pela gerência da Oficina.

FIGURA 15 - GRÁFICO DO NÚMERO DE ALUNOS INSCRITOS



Até o ano de 2001 a contagem de alunos era feita pelo número de alunos inscritos, independente do número de cursos que o mesmo aluno poderia fazer. Posteriormente, acredita-se que a contagem começou a ser feita pelo número de inscritos nos cursos, não sendo levado em conta se o participante era o mesmo em vários cursos.

A representatividade da participação de alunos na Oficina de Música de Curitiba, advindos do mundo inteiro, apresentada na Figura 16, foi realizada numa amostra de 19 aleatórios anos dos 33 de Oficina existentes. Essa amostra foi definida por serem especificamente os anos que possuem dados registrados em relatórios.

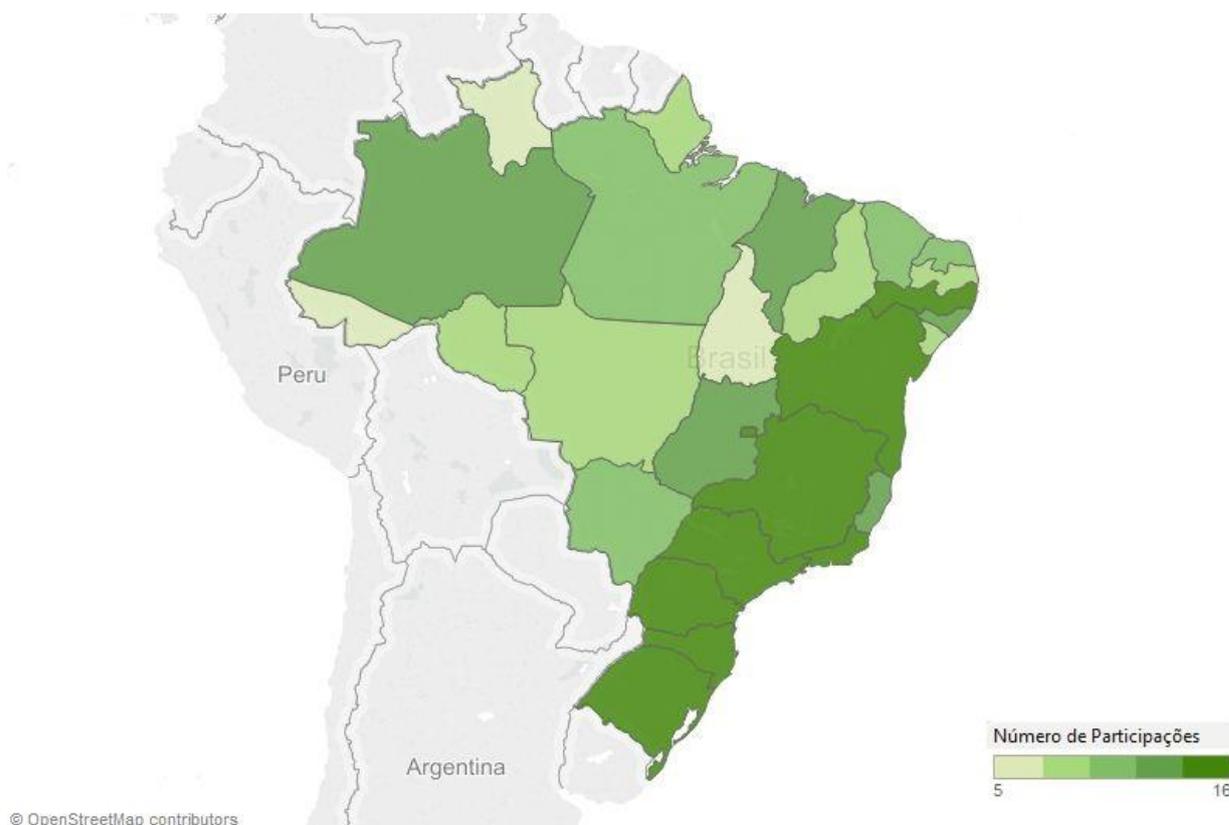
Como se observa na imagem, a partir de sua escala, o Brasil é o país que possui 100% de participação nos anos analisados. Em segundo lugar, com 30,40% (16 anos), está a Argentina. Logo em seguida, vem o Uruguai, com 24,70% (13 anos). Os demais países possuem uma representatividade menor que 20% nos anos analisados, estando empatados em último lugar, com participação em um ano a Bolívia, Holanda, Inglaterra, Islândia, Portugal e a Suécia. Ademais, nos relatórios de 1999 e 2001, é utilizado o termo “Mercosul” nos dados de países participantes.

FIGURA 16 – REPRESENTATIVIDADE MUNDIAL DE ALUNOS NA OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA



Observam-se na Figura 17, que diz respeito à representatividade nacional dos alunos da Oficina, que todos os estados do Brasil em algum momento foram representados por participantes do evento. A amostra utilizada para demonstração dos dados é de 16 anos aleatórios dos 33 anos existentes, visto que apenas esses anos possuíam dados registrados. Lembra-se, que alguns desses dados são advindos de relatórios e recortes de reportagens guardados pela gerência da Oficina. Dentre os estados que possuem 100% de participação na amostra, encontram-se Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e o Distrito Federal. Os que possuem menor participação, por sua vez, são os estados que estão presentes em 5 anos (31,25%), Acre e Tocantins.

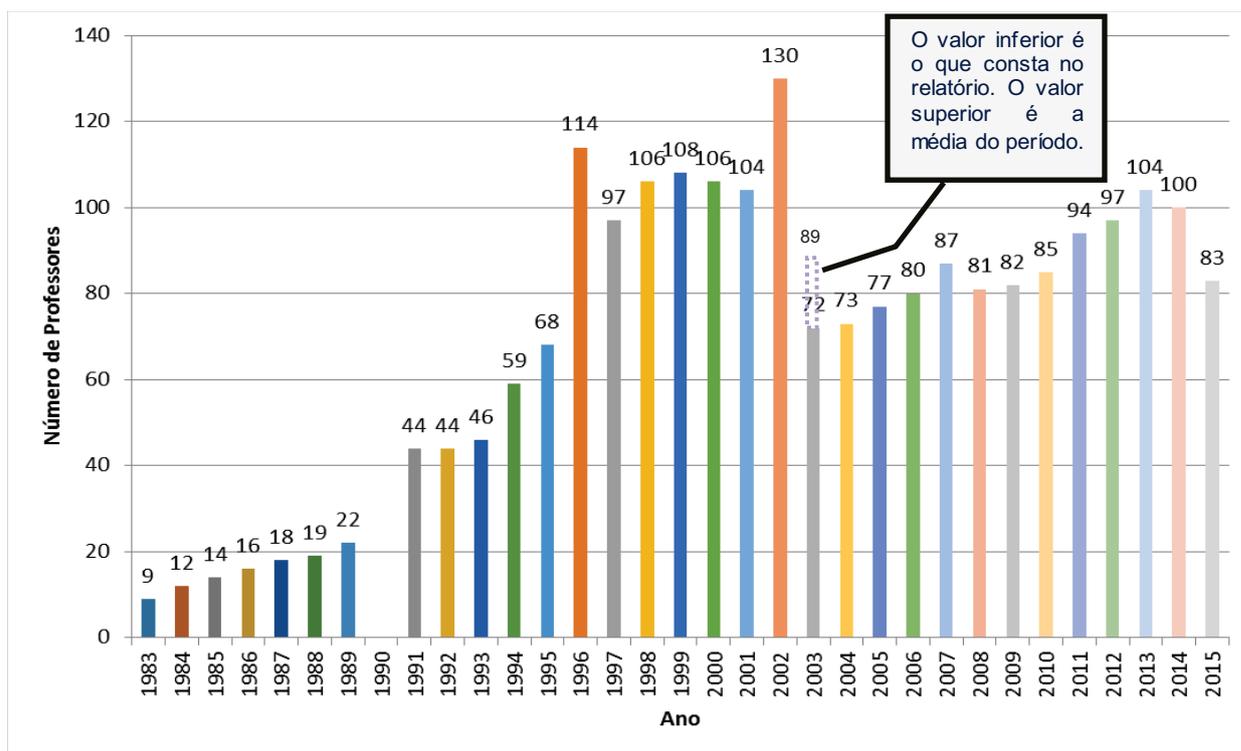
FIGURA 17 - REPRESENTATIVIDADE NACIONAL DE ALUNOS NA OFICINA



Assim como na Figura 15 que representa o número de alunos inscritos na Oficina, a Figura 18, que representa o número de professores participantes durante toda a existência do evento, também possui um vácuo no ano de 1990, o qual não existe dado em relatório. A média de professores participantes no primeiro período do evento (Gerência A - 1983 a 2001) é de aproximadamente 56 professores. No segundo período (Gerência B – 2002 a 2015) é de aproximadamente 89 professores. A média geral, que abrange de 1983 até 2015 é de 70 professores.

O relatório de 2003 não inclui em sua contagem o número de professores do conjunto de cursos da fase de MPB. Portanto, ao elaborar o gráfico, foram representados além do valor original advindo dos relatórios, a média de cursos do período. Acredita-se que os dados da fase de MPB podem ter sido ignorados também em 2004, visto que seus relatórios têm o mesmo formato e na variável número de cursos, esta é ignorada. Porém, não é possível afirmar com precisão devido à falta de informações.

FIGURA 18 - GRÁFICO DO NÚMERO DE PROFESSORES



A Figura 19 apresenta a representatividade mundial de professores na Oficina, ou seja, apresenta quais foram os países que participaram e a intensidade de sua participação ao longo dos anos, em uma amostragem de 24 anos aleatórios dos 33 anos de evento através da escala de cores. O critério usado para definir essa amostragem foi anos que possuíam relatórios.

Como o evento é realizado no Brasil, os professores advindos deste são os que possuem maior frequência. Segundo a Gerente A, a coordenação do evento dava preferência aos professores locais, para que assim a Oficina não contribuísse apenas para o crescimento dos alunos, mas também para a docência.

Em segundo lugar, com 83,33% de participação (20 anos) encontra-se os Estados Unidos da América, seguido de um empate entre Alemanha e Inglaterra, ambos com 66,66% de participação (16 anos).

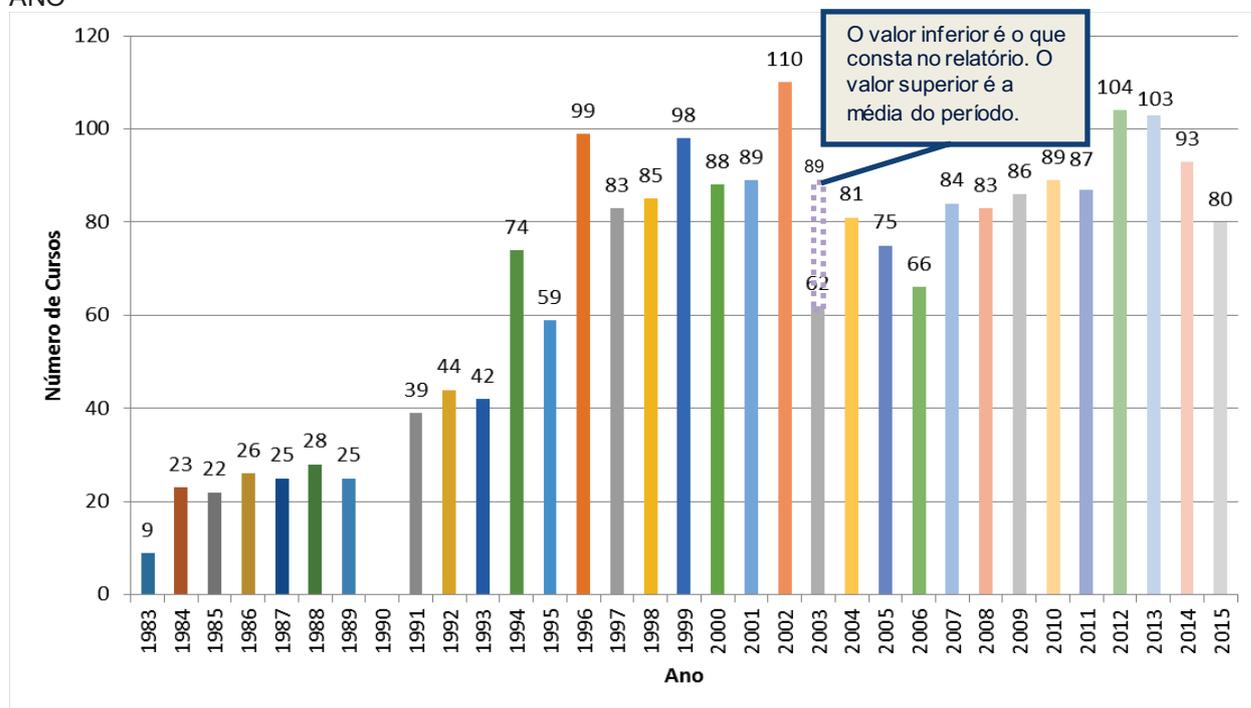
Os professores representaram quatro dos cinco continentes do mundo (Américas, Europa, Ásia e Oceania). Dentre eles, ressalta-se a Rússia, com 14 anos de participação, totalizando 58,33% de presença, Israel com participação em três anos, e Estônia, Romênia, Mônaco, Panamá, Islândia todos com um ano de participação.





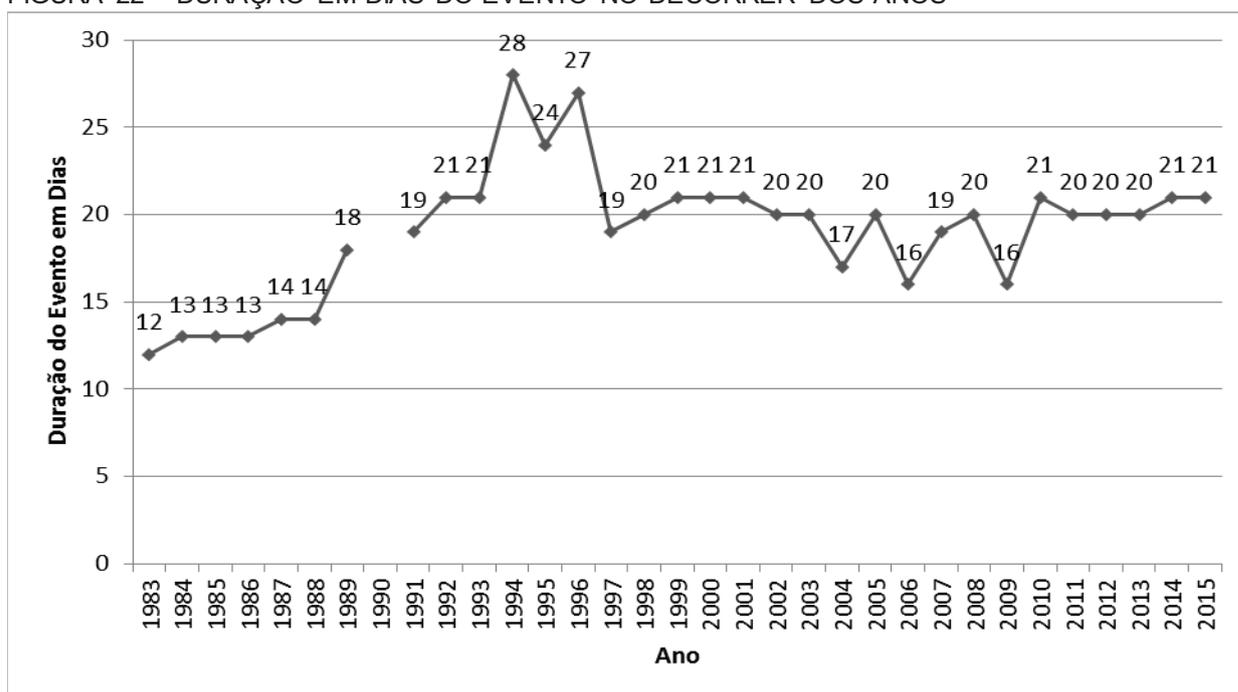
reconhecimento de que na contagem de cursos não foram incluídos os cursos da Fase de MPB.

FIGURA 21 – NÚMERO DE CURSOS REALIZADOS NA OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA POR ANO



Uma das variáveis com menos dispersão foi a representada na Figura 22, que representa a duração do evento, em dias, no decorrer dos anos de existência do evento.

FIGURA 22 – DURAÇÃO EM DIAS DO EVENTO NO DECORRER DOS ANOS



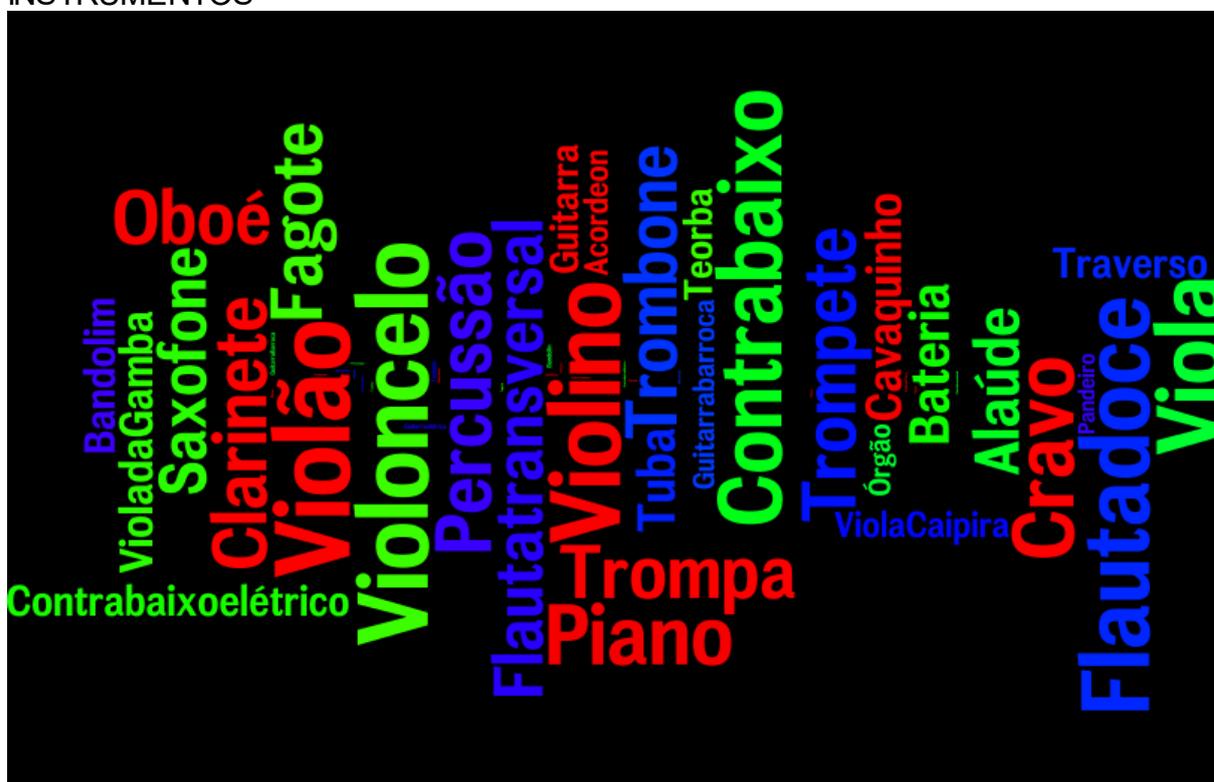
O evento que chegou a conter até quatro fases, sendo elas, de cursos, encontros, mini oficinas e MPB, se estabilizou ao manter apenas duas fases em um período entre 20 e 21 dias. Assim, a primeira fase contém cursos de música antiga e erudita, e a segunda fase de MPB e música eletrônica, além dos cursos em Ruas da Cidadania que acontecem durante todas as fases. Segundo a Gerente A, a divisão em fases se deu inicialmente pelo fato de que não seria possível realizar uma quantidade tão alta de cursos no mesmo período, devido a falta de estrutura. A elaboração da fase de MPB foi a responsável pelo incentivo à FCC, para que a mesma criasse o Conservatório de Música Popular Brasileira de Curitiba.

Registre-se também que, apesar de se restringirem a duas fases, existiram outros eventos compondo a Oficina. Eventos como Encontro de professores de Piano e Simpósio de Musicologia Latino-Americano. O Simpósio de Musica Latino-Americano trazia importantes musicólogos para apresentar seus trabalhos, os quais posteriormente eram transformados em livros e a Fundação Cultural de Curitiba os distribuía.

Os instrumentos que participaram dos anos de Oficina, foram identificados a partir dos cursos ofertados, e sua representatividade foi apresentada na Figura 23. Para essa análise, foram estratificados 30 anos aleatórios dos 33 anos de Oficina de Música existentes, e que foram definidos a partir dos relatórios que continham dados

para análise, totalizando 30. Os termos compostos da figura estão sem espaço, pois a ferramenta não avaliava os termos compostos.

FIGURA 23 - NUVEM DE PALAVRAS DA REPRESENTATIVIDADE DE INSTRUMENTOS



Em primeiro lugar na lista de representatividade de instrumentos, encontram-se empatados o Violino e o Violoncelo, ambos com 100% de participação, seguidos da Flauta doce (96,66%) e da Viola (93,33%), respectivamente. Em oposição a estes, os menos participativos são o Berimbau, Flautim, Harpa, Pífano, Vihuela e Harmônica Cromática, com uma participação de apenas 3,33% cada.

Para uma avaliação da representatividade dos instrumentos por categoria, foi necessário reconhecer a classe em que cada um se encontra. Para tal, desenvolveu-se a seguinte categorização (Quadro 9).

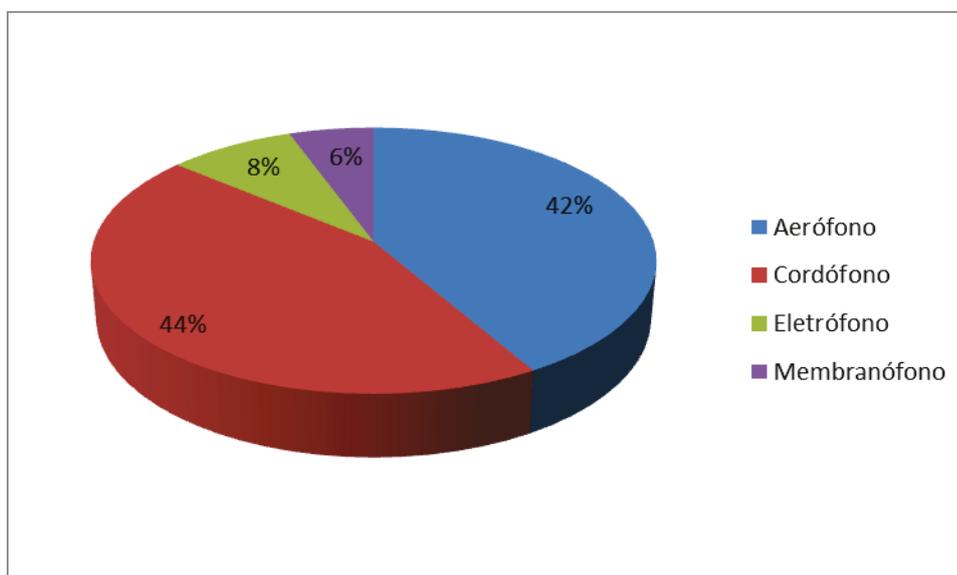
Para fim de aprofundamento de conhecimento, o glossário de instrumentos disposto no Apêndice C apresenta todos os instrumentos e as características daqueles que compuseram o evento ao longo de sua existência.

QUADRO 9 – CATEGORIAS DE INSTRUMENTOS MUSICAIS PARTICIPANTES DA OMC

| Categorias de Instrumentos |                  |                      |              |
|----------------------------|------------------|----------------------|--------------|
| Aerófono                   | Cordófono        | Eletrófono           | Membranófono |
| Acordeon / Acordeão        | Alaúde           | Contrabaixo elétrico | Bateria      |
| Clarinete ou Clarineta     | Bandolim         | Guitarra             | Pandeiro     |
| Fagote                     | Berimbau         | Teclado              |              |
| Flauta doce                | Cavaquinho       |                      |              |
| Flauta transversal         | Contrabaixo      |                      |              |
| Flautim                    | Cravo            |                      |              |
| Oboé                       | Guitarra barroca |                      |              |
| Órgão                      | Harpa            |                      |              |
| Pífano                     | Piano            |                      |              |
| Saxofone                   | Teorba           |                      |              |
| Traverso                   | Vihuela          |                      |              |
| Trombone                   | Viola            |                      |              |
| Trompa                     | Viola Caipira    |                      |              |
| Trompete                   | Viola da Gamba   |                      |              |
| Tuba                       | Violino          |                      |              |
|                            | Violoncelo       |                      |              |

Ademais, a Figura 24 apresenta a participação de cada categoria de instrumentos na Oficina. Esta representatividade foi desenvolvida a partir da amostragem de 30 anos aleatórios dos 33 anos de evento que possuíam dados sobre instrumentos, onde foram identificados 36 diferentes instrumentos e categorizados conforme o quadro supracitado.

FIGURA 24 - REPRESENTATIVIDADE DOS INSTRUMENTOS POR CATEGORIA



Os cordófonos e aerófonos representam juntos em torno de 86% dos instrumentos encontrados na Oficina. Ainda assim, existem variados cursos para instrumentos eletrofonos e percussão, sendo eles para música antiga, erudita, MPB, blues e música eletrônica.

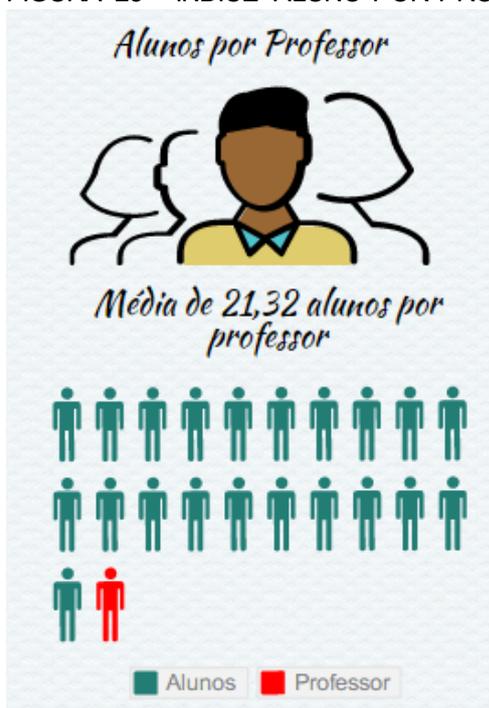
#### 4.2.3 Cruzamento de Variáveis

Para compreender aspectos sobre a estrutura da Oficina, necessita-se realizar o cruzamento de algumas variáveis. Para tal, verificou-se quais elementos poderiam ter correlação com os demais, e assim realizando a comparação desses valores.

Os cruzamentos mais relevantes aqui apresentados foram: Índice aluno por professor, índice curso por professor, índice número de cursos por duração do evento, taxa de atratividade e a correlação entre o a duração do evento e o número de cursos ofertados.

O índice de aluno por professor representa quantos alunos cada professor teve em cada ano. A Figura 25, por sua vez, demonstra a média deste índice no período total de existência da Oficina (excluindo o ano de 1990, que não possui dados), que é de 21,32 alunos por professor. Porém, destaca-se que, esse índice possui uma amplitude de 8,24 até 39,18 alunos por professor.

FIGURA 25 – ÍNDICE ALUNO POR PROFESSOR



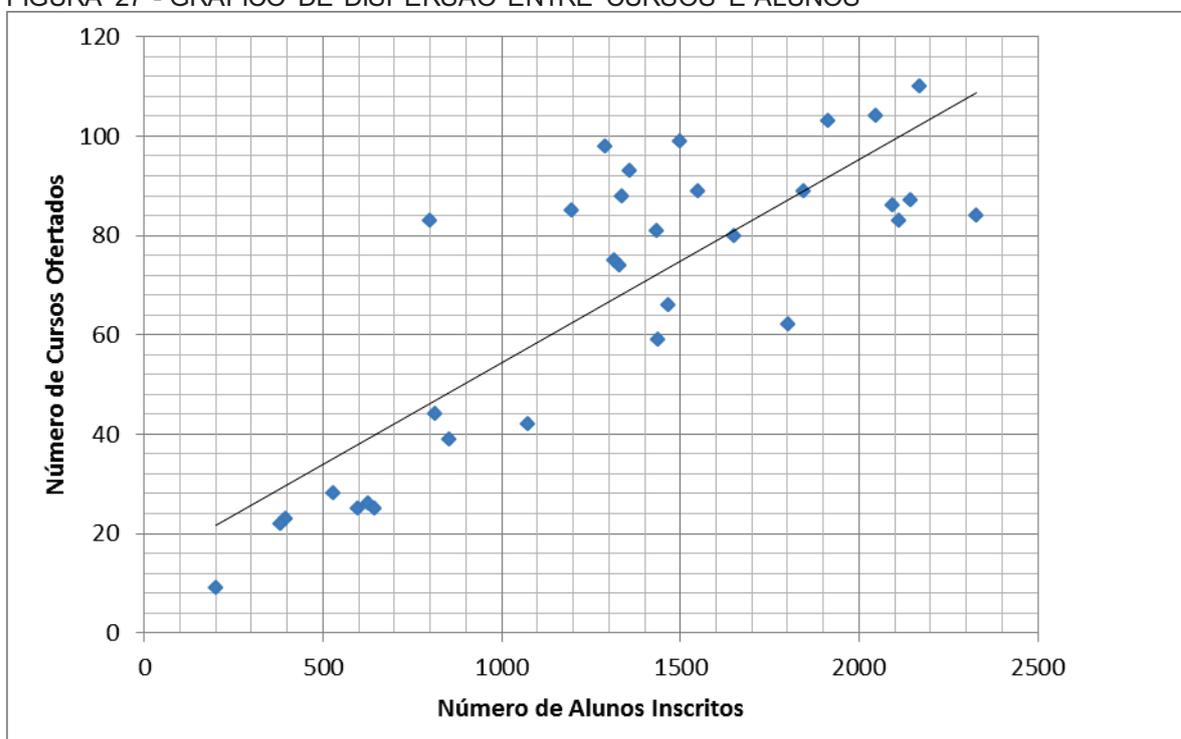
O índice de curso por professor demonstra quantos cursos cada professor ministrou na Oficina, embora a Figura 26 represente apenas a média de 1,05 cursos ministrados por professor durante 32 anos da Oficina, visto que o ano de 1990 não contém relatórios. Porém, a amplitude deste índice revela um valor mínimo de 0,8 cursos por professor, que poderia ser explicado pela existência de professores e assistentes juntos em sala de aula. Já o valor máximo encontrado é de 1,91 cursos por professor, identificados nos primeiros anos da Oficina, onde a estrutura do evento era menor.

FIGURA 26 – ÍNDICE CURSO POR PROFESSOR



A constatação de que aumentar a quantidade de cursos ofertados aumentava a atratividade da Oficina para o público pôde ser obtida por meio do gráfico de dispersão entre quantidade de cursos ofertados versus alunos inscritos na Oficina, exemplificado por meio da Figura 27.

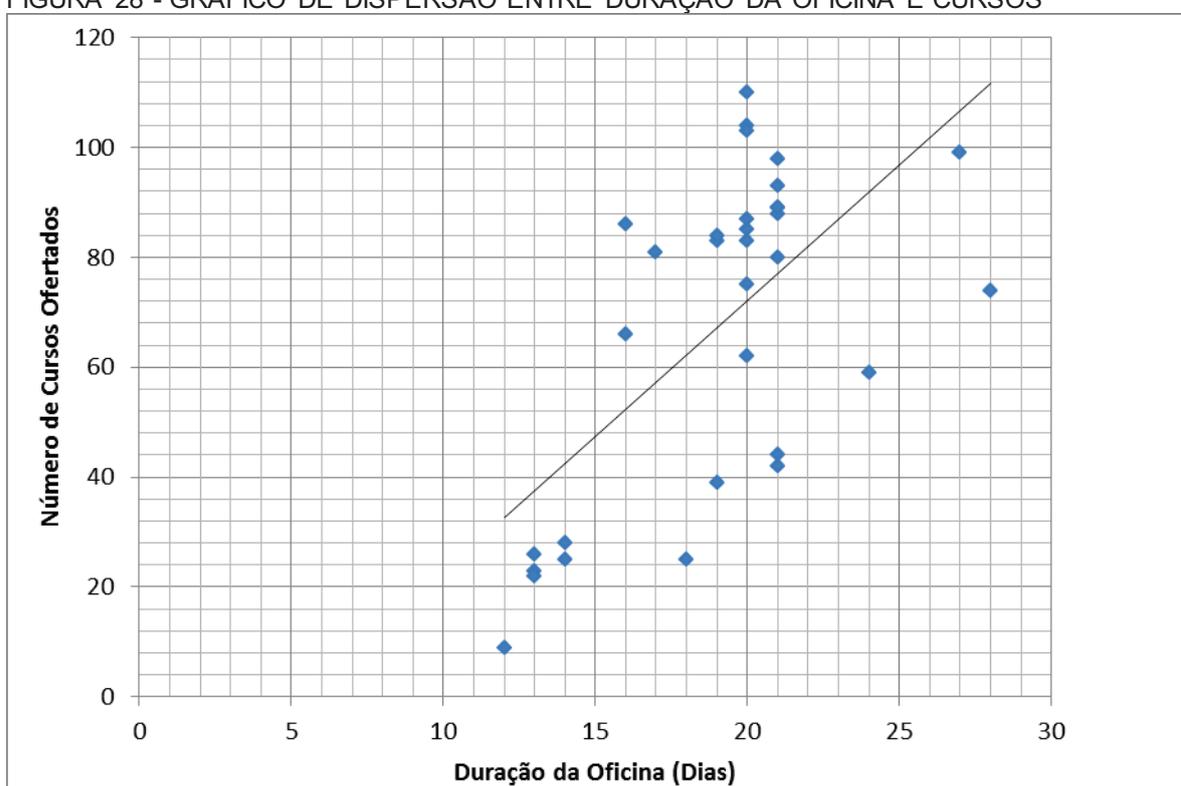
FIGURA 27 - GRÁFICO DE DISPERSÃO ENTRE CURSOS E ALUNOS



Ao obter como Coeficiente de Correlação de Pearson o valor de 83% (100% seria uma correlação perfeita) ficou comprovada que existe relação direta entre o aumento destas variáveis.

A Figura 28, por sua vez, revela o gráfico de dispersão entre a duração do evento em dias versus o número de cursos ofertados. Este dispõe de um Coeficiente de Correlação de 62% que, embora em menor proporção que no caso anterior (visto que o resultado se afasta de 100%), denota que existe também correlação entre as variáveis.

FIGURA 28 - GRÁFICO DE DISPERSÃO ENTRE DURAÇÃO DA OFICINA E CURSOS



Em síntese, as análises realizadas nas seções anteriores fornecem subsídio para a realização e apresentação da análise SWOT descrita na próxima seção deste projeto.

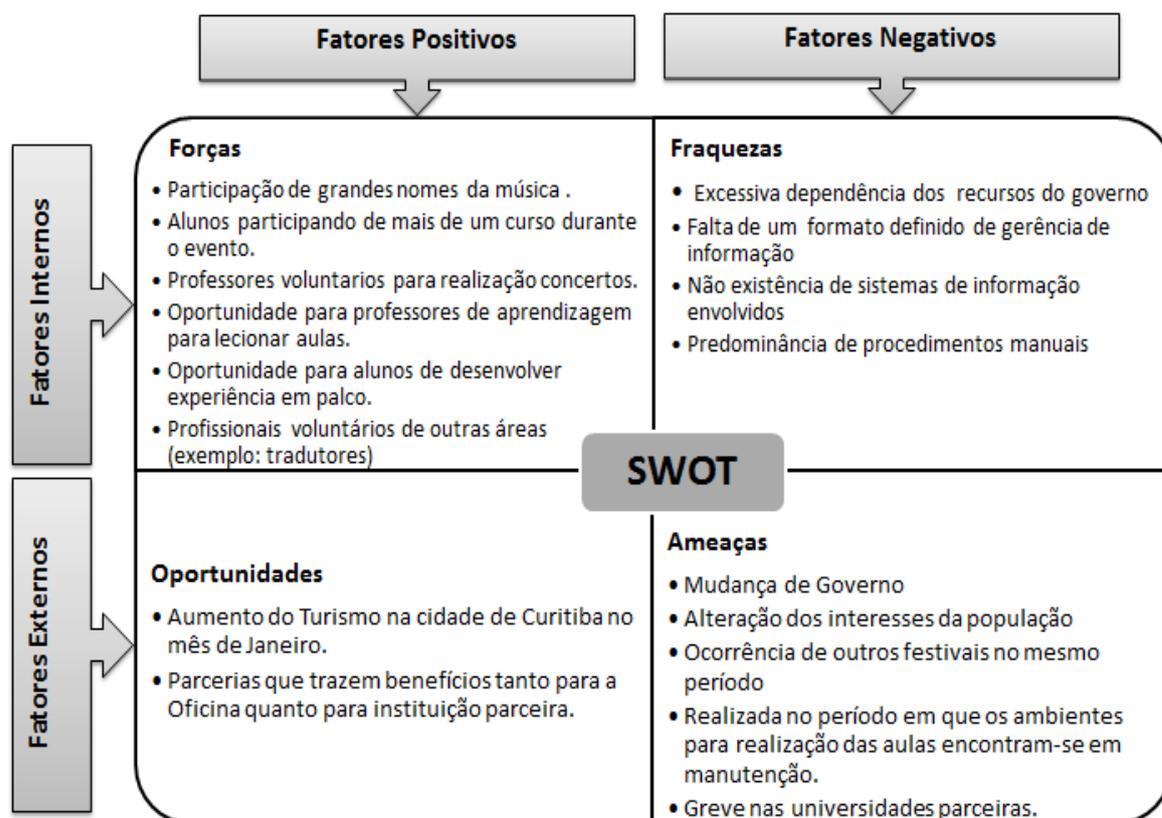
### 4.3 Análise SWOT

Para um posterior desenvolvimento de um planejamento estratégico torna-se necessário identificar alguns fatores que podem impulsionar ou abater um ambiente informacional. Assim, foram reconhecidos aspectos referentes as forças e fraquezas

advindas das influências internas, e as oportunidades e ameaças advindas das influências externas. Essas características, representadas na Figura 29, foram identificadas através da entrevista com as gerências da Oficina, bem como através da análise de seus relatórios.

Dentre os fatores positivos encontrados, estão as oportunidades criadas pelo evento para diferentes tipos de participantes: professores e assistentes com possibilidade de aprender a lecionar; desenvolvimento de experiência de palco para os alunos; e oportunidade para profissionais em idiomas praticarem atuando como tradutores no evento. A Gerente B aponta que as parcerias realizadas entre instituições e a Oficina são benéficas para ambos os lados, citando como exemplo as instituições musicais parceiras que ganham bolsas de estudos para seus alunos ao contribuir para a realização da Oficina, além da visibilidade do nome da instituição na divulgação do evento.

FIGURA 29 - ANÁLISE SWOT DA OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA



Os fatores negativos internos são os identificados a partir da presente pesquisa, que incluem a falta de um modelo de gerenciamento da informação e de

um sistema de informação para facilitar a realização dos processos dentro da Oficina. Porém, o fator que mais ameaça a existência da Oficina é a mudança de governo, que pode considerá-la desnecessária ou apenas como não prioridade dentro dos projetos da prefeitura, e a redução dos subsídios.

Ademais, outra ameaça é o Festival de Música de Santa Catarina – Femusc, criado em 2005, denominado festival-escola não competitivo e que acontece em Jaraguá do Sul e Guaramirim no estado vizinho, também no mês de janeiro, com características semelhantes a Oficina de Música de Curitiba.

A Gerente A acredita que um dos fatores de sucesso que contribuiu para o desenvolvimento da Oficina foi a credibilidade, graças aos bons concertos apresentados. Além disso, os bons professores e a disciplina também contribuíram para o desenvolvimento do evento.

A Gerente B, por sua vez, acredita que uma das ameaças, além da financeira, que poderá prejudicar o evento é a mudança no perfil do aluno e a evolução da sociedade. Ela completa que a natureza do trabalho realizado da Oficina de Música é do século XIX, mas que a técnica para se aprender um instrumento não é facilitada pelo desenvolvimento cibercultural, sendo ainda necessário exclusivamente muito estudo.

Apesar de formalmente não serem definidas ações estratégicas das gerentes, ambas apresentam tomadas de decisões que poderiam ser consideradas estratégicas. Não houve nenhum ensino de como fazer para que evento fosse realizado, descreve a Gerente B que indica que tudo foi aprendido intuitivamente.

A Gerente A afirma que para identificar a estrutura que seria necessária para o ano seguinte, as inscrições eram realizadas com bastante antecedência, reconhecendo a procura. Já a Gerente B, registra que nos últimos anos tenta-se manter a Oficina do tamanho em que está, pois já possui uma estrutura grande e o seu aumento dependeria de mais recursos, que se encontram reduzidos.

Para conseguir recursos, visto que só a contribuição da prefeitura não é suficiente, é necessário buscar assistência em instituições parceiras. Alguns clubes, escolas e instituições fornecem espaços e os consulados enviam professores para ministrar as oficinas.

Por todo o exposto, a seguir apresenta-se a avaliação dos resultados e as necessidades identificadas a partir de todas as análises realizadas.

## 4.4 Resultados

Esta seção será responsável por apresentar os resultados encontrados a partir dos dados que foram analisados na pesquisa e demonstrados na seção anterior, evidenciando tanto aspectos que influenciaram no sucesso quanto no insucesso da Oficina.

### 4.4.1 Avaliação dos Resultados

Os resultados encontrados a partir do desenvolvimento desta pesquisa podem contribuir para a compreensão de diversos fatores positivos e negativos que se mantinham camuflados pela falta de um gerenciamento adequado de informação.

Primeiramente, no que diz respeito à Política de Informação, percebe-se que é necessário uma mudança no formato existente. O atual modelo Monarquista causa prejuízos à instituição em caso de ausência da gerência. Como sugestão, defende-se o retorno à política federalista, que possui atividades informacionais colaborativas.

Da mesma forma, os resultados apresentaram que a Oficina possui ânsia da utilização de um modelo de gerenciamento de informação que atualmente não existe. O modelo proposto neste projeto é adequado para suprir as necessidades de gerenciamento informacional na organização.

Essas mudanças serão responsáveis por diminuir o número de dificuldades encontradas no desenvolvimento dessa pesquisa (Quadro 10), em um processo de recuperação, seleção e uso da informação, bem como nas atividades organizacionais.

A análise de conteúdo realizada apresentou variáveis que justificam a importância da existência da Oficina. A gerente A, em entrevista revelou um receio em chamar a Oficina de Música de festival, pois o termo remetia a um grande evento, e a OMC tratava-se inicialmente apenas de uma oficina de cursos para estudantes de música da Camerata Antiqua de Curitiba. Ela também afirma que tinha como critério para tomada de decisão a efetividade do evento (o reconhecimento do público que conseqüentemente contribuía para que a Fundação Cultural de Curitiba aumentasse o investimento no evento). Assim, se em um ano a tentativa de uma estrutura maior funcionou, no ano seguinte, tenta-se algo um pouco

maior. Estas afirmações se comprovam no confronto com os gráficos de crescimento de cursos, alunos e professores, que acontece de forma gradual. Neles também se identifica que nos últimos anos a Oficina busca uma estabilidade na sua estrutura, conforme relatado pela Gerente B, que justifica o fato devido às contribuições com o evento cada vez mais reduzidas.

QUADRO 10 - DIFICULDADES ENCONTRADAS NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA A PARTIR DO CICLO DE VIDA DA INFORMAÇÃO.

| Dificuldades  |   |
|---------------|---|
| Geração       | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Coleta de dados apenas na Casa da Memória de Curitiba</li> <li>• Não existência do material da maioria dos anos (1983 – 2009) em formato digital</li> </ul>  |
| Seleção       | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Divergência das informações do material digital e do material físico.</li> </ul>   |
| Representação | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O ano de 1996 possui apenas reportagens. Sem informações precisas.</li> <li>• Relatórios com informações imprecisas como: países participantes do mercosul, participação de diversos estados brasileiros, cursos de instrumentos de sopros.</li> <li>• Alguns anos com dados separados: professores e assistentes; Outros com dados juntos: professores + assistentes.</li> <li>• Até o ano de 2001 a contagem de alunos era feita pelo número de alunos inscritos, independente do número de cursos que o mesmo aluno poderia fazer. Posteriormente, acredita-se que a contagem começou a ser feita pelo número de inscritos nos cursos.</li> </ul> |
| Armazenamento | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Material digital armazenado no computador da gerente, e com alguns documentos guardados em CD-ROM. Porém o CD contém também documentos que não dizem respeito a Oficina, não permitindo o acesso de outras pessoas.</li> </ul>   |
| Recuperação   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de acesso dos funcionários a informações de anos mais antigos.</li> <li>• Inexistência de qualquer informação referente ao ano de 1990. (Material extraviado).</li> </ul>  |
| Distribuição  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Material físico disponível apenas na Casa da Memória de Curitiba. Material digital disponível apenas com os funcionários da Oficina de Música, na Fundação Cultural de Curitiba.</li> </ul>  |
| Uso           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Informações dos últimos cinco anos indisponíveis para acesso do público.</li> </ul>  |

Também na análise de conteúdo, a Oficina de Música possui uma variedade de alunos e professores advindos de todo o país e do mundo, trazendo contribuições para o desenvolvimento de outras oportunidades como as representadas na Análise SWOT. Apesar da Oficina já impactar positivamente no desenvolvimento cultural e

social da população, estas oportunidades, se exploradas, poderão gerar outros benefícios para os alunos, professores, entidades envolvidas e para a sociedade.

Nesse contexto, a seção a seguir apresenta as necessidades identificadas através dos resultados, e algumas sugestões que podem impulsionar um desenvolvimento positivo da Oficina de Música.

#### 4.4.2 Necessidades Identificadas

A partir das avaliações realizadas, foram identificadas as necessidades que podem transformar positivamente o ambiente informacional estudado.

Dentre essas necessidades, a primordial é a inserção de uma equipe de profissionais de Gestão da Informação no departamento da Oficina de Música de Curitiba, capazes de desenvolver todas as etapas de um modelo de gerenciamento da informação.

Posteriormente, sugere-se que sejam desenvolvidos estes processos padronizados de gerenciamento da informação, facilitando a identificação das necessidades de informação, classificação e análise de dados no decorrer dos anos. Deve-se também tratar os dados anualmente, e em seguida valorizar as informações que são trazidas com as análises. Como foi apresentado no tópico 2.1.4 as informações possuem valor se utilizadas estrategicamente em favor da organização.

A implantação de um sistema de informação facilita a obtenção de informação que estará organizada, disponibilizada e apresentada para sua utilização. Existe interesse da Gerente B em obter um sistema informatizado para o gerenciamento de todos os tipos de informações, não se restringindo às inscrições, mas também para procedimentos internos, sem deixar de manter os álbuns de relatórios em formato físico, armazenados no acervo da Casa da Memória juntamente aos demais.

A criação de um repositório digital oferece possibilidades de disseminação e distribuição das informações que são de interesse da sociedade. A implantação de um Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados, por sua vez, faz-se importante por permitir armazenar os dados internos da Oficina de Música, facilitando uma posterior recuperação.

Ainda poder-se-ia citar, a título de sugestão, a inserção de maiores possibilidades para compra de ingressos e pagamento de inscrições via internet, que

pela facilidade serve como atrativo para o público da Oficina. Porém, a Gerente B justifica que ainda não existe possibilidade de implantação desta opção, devido ao valor de taxas monetárias cobradas pra esse tipo de funcionalidade que alterariam o valor dos ingressos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A importância da Oficina de Música de Curitiba no que diz respeito a elementos sociais e culturais para estudantes e admiradores da música que vem dos mais diversos lugares mundo fornece subsídios para a justificativa desta pesquisa. Assim sendo, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar as potencialidades da Oficina de Música de Curitiba até 2015.

Conclui-se que o objetivo geral foi alcançado, pois a partir da presente pesquisa é possível demonstrar de forma explícita a evolução do evento no decorrer do tempo e as potencialidades do seu formato de política e gerenciamento de informação. Além disso, outros elementos como deficiências no processo de gestão da informação, pontos fortes e fracos da Oficina também puderam ser encontrados.

Cabe também lembrar que, além dos objetivos especificados, esta pesquisa contribuiu para o avanço científico dos estudos nesta temática que ainda é pouco explorada pela gestão da informação.

Ademais, a próxima seção revela a estrutura de como os objetivos específicos propostos foram apresentados na presente pesquisa.

### **5.1 Resultados dos objetivos**

Os objetivos específicos foram cumpridos nas etapas descritas nos seguintes momentos:

A revisão de literatura e os estudos bibliográficos visando à compreensão dos elementos que compunham esta pesquisa foram devidamente concluídos e apresentados no Capítulo 2.

O Capítulo 3 apresenta os aspectos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, incluindo a sua caracterização e o ambiente.

Os demais objetivos específicos foram atingidos e apresentados no Capítulo 4. O reconhecimento e a apresentação das políticas de informação existentes na Oficina de Música de Curitiba ao longo dos seus 33 anos de existência, Federalista e Monarquista (4.1.1). E as práticas de gerenciamento da informação verificadas, a não utilização de um modelo, e a proposta de um modelo de gerenciamento de informação específico para Oficina, por sua vez, são demonstradas no tópico 4.1.2.

O último objetivo específico, que pretendia mensurar dados da evolução e das potencialidades das Oficinas de Música de Curitiba, está descrito no Capítulo 4.2, com dados sobre professores, alunos, cursos, duração do evento, instrumentos e suas categorias. Dentre os dados mais importantes identificados estão a evolução da estrutura da Oficina e a crescente internacionalização de professores e alunos participantes. A partir da realização desse objetivo específico, o Capítulo 4.3 exibe as avaliações e aspectos identificados a partir dos demais, além de sugestões que se utilizadas contribuem para o desenvolvimento organizacional. O Apêndice D apresenta imagens que representam as seis participações da autora como aluna da turma de Violino Suzuki e Violino na Oficina de Música de Curitiba.

Julgando atingidos todos os objetivos, e que a presente pesquisa trata de um incentivo a estudos informacionais em ambientes culturais, apresentam-se sugestões para trabalhos futuros. Estas poderão contribuir para a compreensão da importância de um gerenciamento de informações eficiente e destacar a relevância da existência da Oficina de Música de Curitiba e outros ambientes semelhantes.

## **5.2 Sugestões de trabalhos futuros**

Ainda que tenham sido encontradas dificuldades, como as descritas no Quadro 10, o tema abordado possui uma gama de possibilidades para novas pesquisas. Além disso, é pertinente realizar um aprofundamento em cada um dos tópicos considerados como críticos neste projeto.

Portanto, como proposta para trabalhos futuros identifica-se:

- Análise dos modelos de gerenciamento da informação e das políticas de informação existentes em outros festivais de música.
- Avaliação das contribuições da Oficina de Música de Curitiba para a economia e o turismo local.
- Desenvolvimento de uma padronização nos processos de gerenciamento da informação na Oficina de Música de Curitiba.
- Identificação de um sistema de informação adequado ao ambiente da Oficina de Música de Curitiba.
- Desenvolvimento de projeto de memória organizacional para a Oficina de Música de Curitiba.

### **5.3 Perspectiva de atuação do Gestor da informação na temática de estudo**

Caberá ao Gestor da Informação explorar ainda muitos aspectos relacionados à grande área de conhecimento da Música. Constatou-se uma escassez de pesquisas que relacionem a música com a gestão da informação.

É elevado o número de festivais de música existentes no Brasil e no mundo, e não se sabe ao certo como são geridas as informações dos mesmos. O presente projeto estimula o gestor da informação a explorar essas novas possibilidades de estudo disponíveis, e de revelar sua habilidade para atuar neste ambiente.

O currículo do gestor da informação dispõe de uma formação multidisciplinar que permite uma atuação em distintos tipos de organização. Essa formação admite a abertura de uma gama de perspectivas para a participação do profissional para o gerenciamento das informações envolvidas à música nos mais diversos ambientes em que ela se encontra.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, F. B.; SILVA, T. E. da. A política de informação como agente modificador da cultura organizacional. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 5, n. 1, p.51-65, abril 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/HpwENA>>. Acesso em: 30 out. 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BARROS, Armando de Carvalho. **A música: sua história geral em quadros rápidos, ambientes históricos, artes comparadas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Americana, 1974.
- BEAL, A. **Gestão estratégica da informação: como transformar a informação e a tecnologia da informação em fatores de crescimento e de alto desempenho nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2008.
- BERELSON, B. **Content analysis in communication research**. New York: Hafner; 1984.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, jan.-jul., 2005.
- BRAGA, A.; A Gestão da Informação. **Revista Millenium**, Vol. 19, 2000.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural**. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/turismo/programas\\_acoes/regionalizacao\\_turismo/estrutura\\_acao\\_segmentos/turismo\\_cultural.html](http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estrutura_acao_segmentos/turismo_cultural.html)> Acesso em: 30 set. 2014.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano Nacional de Cultura (PNC)**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/plano-nacional-de-cultura-pnc->> Acesso em: out. 2014.
- CANDÉ, R. **História Universal da Música**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 1 v.
- CANONGIA, C. et al. Convergência da inteligência competitiva com construção de visão de futuro: proposta metodológica de sistema de informação estratégica (SIE). **DataGramZero – Revista da Ciência da Informação**. v. 2, n. 3, jun. 2001. Disponível em: <[http://www.datagramzero.org.br/jun01/Art\\_02.htm](http://www.datagramzero.org.br/jun01/Art_02.htm)>. Acesso em: 30 out. 2014.
- CELEBRAÇÃO. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CHAVES, A.J. **Comunicação e Música**. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2012
- CHIAVEGATTO, M. V.; **A Gestão da Informação e o Processo Decisório na Administração Municipal de Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado em Informática Pública da Fundação João Pinheiro, dez. 1999.
- CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. 6. ed. rev e atual. São Paulo: Campus, 2000.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. Tradução: Eliana Rocha. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CRONIN, B.: Esquemas conceituais e estratégicos para a gerência da informação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 19, n. 2, p. 195-220, set 1990.

CRUZ, A. J. da P.; **A música e a infância**: uma reflexão sobre as contribuições da música na educação infantil. UNEB. Salvador, 2009

DAVENPORT, T. **Ecologia da Informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 2002

DAVENPORT, T.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**: Como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. 10. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

DUARTE, M. J. F.; **A música e a construção do conhecimento histórico em aula**. 2011. 170 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/lhfZQh>>. Acesso em: 17 out. 2014.

FALASSI, A.; Festival: Definition and morphology. In: FALASSI, Alessandro (Ed.). **Time out of time: Essays on the festival**. Albuquerque, University of New Mexico Press. p. 1-10, 1987.

FANTINI, S. R. **Aplicação do Gerenciamento Eletrônico de Documentos: estudo de caso de escolha de soluções**. Florianópolis, 2001. Tese de mestrado. UFSC.

FIALHO, V. M.; **Aprendizagens e práticas musicais no Festival de Música Estudantil de Guarulhos**. Tese de Doutorado em Música, UFRGS. Porto Alegre, 2014a

FIALHO, V. M.; **As aprendizagens e práticas musicais no Festival Musical Estudantil de Guarulhos**. Londrina: Revista da ABEM, v.22, nº32, p. 104-116, jan-jun 2014b.

FONTEERRADA, M. T. de O.; **De tramas e fios**: um ensaio sobre música e educação. 2. Ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

FREY, B. S. **The Economics of Music Festivals**. Journal of Cultural Economics, 18: p. 29- 39, 1994

GETZ, Donald. The nature and scope of festival studies. **International Journal of Event Management Research** v. 5, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/NRg1KI>>. Acesso em: 20 out. 2014.

GIL, A. C.; **Métodos e técnica de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GRANJA, C. E. S. C.; **Musicalizando a escola**: música, conhecimento e educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2006

- KARLSEN, S. **The music festival as an arena for learning**: Festspel i Pite Älvdal and matters of identity. 2007. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Música, Department Of Music And Media, Luleå University Of Technology, Piteå, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/9B7aU3>>. Acesso em: 10 out. 2014.
- KLEBER, M.; CACIONE, C.; A Educação Musical no Paraná: focalizando aspectos a partir da história cultural. In: OLIVEIRA, A.; CAJAZEIRA, R.; (Org.). **Educação Musical no Brasil**, Salvador: P&A, 2007.
- KOTLER, P.; KELLER, K. **Administração de marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.
- LIMA, Eduardo Lapa Jorge. Gestão da informação e as novas tecnologias de informação. In: STAREC, Claudio et. al (Org.). **Gestão Estratégica da Informação e Inteligência Competitiva**. São Paulo: Saraiva, 2008, p. 255 - 270
- LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.
- MACIEL, B. P. **Festivais de Música e Turismo, dois estudos de caso**: Les Araluinares e Milhões de Festa. Faculdade de Letras de Universidade do Porto, 2011.
- MACHADO, E. M.; KYOSEN, R. O. Política e Política Social. **Serviço Social em Revista**. UEL, v. 3, n.1, Jul/Dez 2000
- MAGNANI, M. C. B.. **Política de Informação**: o programa cultura viva do Ministério da Cultura. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011
- MALIN, A. M. B. Gestão da Informação Governamental: em direção a uma metodologia de avaliação. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 7, n.5, out. 2006.
- MARCHIORI, P. Z. A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, ago. 2002.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS; E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MASSIN, J. **História da Música Ocidental**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- MCGEE, J. V.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação**: aumente a competitividade e a eficiência de sua empresa utilizando a informação como uma ferramenta estratégica. 12. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

MENDES, A.; CUNHA, G. Um universo sonoro nos envolve. In: FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas. Ed. Papyrus. São Paulo, 2001. p.79 – 114.

MIGUEL, P. A. C. Estudo de caso na engenharia de produção: estruturação e recomendações para sua condução. **Produção**, v. 17, n.1, p. 216-229. jan./abr. 2007

MONTEIRO, N. A.; FALSARELLA, O. M. **Um modelo de gestão da informação para aprendizagem organizacional em projetos empresariais**. Perspectivas em ciência da informação [online]. 2007, vol.12, n.2, pp. 81-97. ISSN 1413-9936. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n2/v12n2a06.pdf> > Acesso em: 12 set. 2014

MONTVILOFF, V.; **Políticas nacionales de información: manual sobre la formulación, aprobación, aplicación y funcionamiento de una política nacional sobre la información**. París : UNESCO, 1990. (PGI, 90/WS/II). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000869/086995sb.pdf>> Acesso em: 14 out 2014

MORESI, E. A. D. Monitoramento Ambiental. In: TARAPANOFF, K **Inteligência Organizacional e Competitiva**. Brasília: UNB, 2001. p. 93 – 95.

MÚSICA. In: FERREIRA, A. B. de H.; Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA. Site Oficial. Disponível em: <<http://www.oficinademusica.org.br/> > Acesso em: out. 2014

OLIVEIRA, A. de J. **Aspectos Históricos da Educação Musical no Brasil e na América do Sul**. In: OLIVEIRA, A.; CAJAZEIRA, R.; (Org.). Educação Musical no Brasil, Salvador: P&A, 2007.

OLIVEIRA, D. P. R. de.; **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 15. ed. rev. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, D. P. R. de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 25. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PAES, L. **Oficina de Música de Curitiba, 1983-2011**. Curitiba, Edição da Autora, 2013.

PETININGA, C. S.; **Festival de Verão Salvador: significado para o turismo, a música independente, a economia e o marketing da cidade**. UFBA, 2008

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R.; **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Revista Saúde Pública, vol. 29, n. 4, 1995.

POLÍTICA. In: FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PONJUÁN DANTE, G. **Gestión de información en las organizaciones**: principios, conceptos y aplicaciones. Santiago: CECAPI –Universidad de Chile, 1998.

PONJUÁN DANTE, G. Gestão de informação: precisões conceituais a partir de sus orígenes. **Informação & Informação**, Londrina, v.13, n. esp., p. 26-38, 2008.

PORTO, M.; Caminhos para uma política cultural para a cidade do Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO “RIO 2022 – IDEAL HOJE, REAL AMANHÃ”, ,2005, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: SESC Rio, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/Wg5xLD> > Acesso em: 12 out. 2014.

PORTO, M.; **Cultura e desenvolvimento em um quadro de desigualdades**. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009. Disponível em: <[http://www.cultura.ba.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/vol\\_2\\_porto.pdf](http://www.cultura.ba.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/vol_2_porto.pdf) > Acesso em: 29 set. 2014.

PORTO, M. **Arte, Cultura e o espírito de um tempo**. Cadernos CENPEC, Educação e Cultura nº 07, 2010. Disponível em: <<http://www.martaporto.com.br/dialogos/wp-content/uploads/2010/08/revista-cenpec2010.pdf> > Acesso em: 12 out. 2014.

REIS, A. C. F. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. Barueri, SP: Manole, 2007. 354p.

RIBEIRO, L. S. **Estratégia para o gerenciamento da informação organizacional em micros e pequenas empresas do comércio varejista de Curitiba**. Curitiba, UFPR, 2005.

SARMENTO, J. **Festivais de Música de Verão: artes performativas, turismo e território**. GEO – Working Papers. Série Investigação, 2007/13.

SÁ-SILVA, J. R. ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F.; Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. v. I, n. I, jul. 2009. Disponível em: <[http://redenep.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_documental\\_pistas\\_teoricas\\_e\\_metodologicas.pdf](http://redenep.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf) > Acesso em: 03 nov. 2014.

SETZER, V. W. Dado, Informação, Conhecimento e Competência. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação** - n. zero dez/1999. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/datagrama.html> > Acesso em: 29 set. 2014

SIANES, M. Compartilhar ou proteger conhecimentos? grande desafio no comportamento informacional das organizações. In: STAREC, Claudio et. al (Org.). **Gestão Estratégica da Informação e Inteligência Competitiva**. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 255 – 270

SMALL, K. E. **Understanding The Social Impacts Of Festivals On Communities**. 2007. 276 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, University Of Western Sydney, Sydney, 2007.

SORDI, J. O. de. **Administração da informação**: fundamentos e práticas para uma nova gestão do conhecimento. São Paulo: Saraiva, 2008.

SOUZA, C. **Políticas Públicas: uma revisão de literatura**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45 Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16> > Acesso em: 02 out. 2014

SWANWICK, K. Ensino Instrumental enquanto ensino de música. In: \_\_\_\_\_. **Cadernos de Estudo: Educação Musical**. São Paulo: Através, 1994. p. 7-14.

TARAPANOFF, K. **Inteligência Organizacional e Competitiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

VAITSMAN, H. S. **Inteligência empresarial: atacando e defendendo**. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

YIN R.; **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.

**APÊNDICES**

|   |     |
|---|-----|
| APÊNDICE A – Entrevista .....                                   | 99  |
| APÊNDICE B – Protocolo de pesquisa documental .....             | 100 |
| APÊNDICE C – Glossário de Instrumentos Musicais .....           | 101 |
| APÊNDICE D – Ilustrações da Oficina de Música de Curitiba ..... | 107 |

## **APÊNDICE A – Entrevista**

### **CABEÇALHO**

|                      |                      |
|----------------------|----------------------|
| Entrevistado:        | Data da Entrevista:  |
| Dia da semana:       | Horário:             |
| Local da entrevista: | Tempo de duração:    |
| Meio de gravação:    | Data da transcrição: |

### **Identificação do entrevistado**

Nome:  
 Função na Oficina:  
 Período:

### **Sobre o Festival**

- 1) Quais são os objetivos da Oficina?
  - 2) Quem é o órgão de maior instância responsável pela Oficina?
  - 3) Quem promove a Oficina?
  - 4) Existem parcerias?
  - 5) Qual o interesse dos parceiros?
  - 6) Quais são os profissionais que compõe a equipe de organização do evento durante seu período?
  - 7) Como funciona o processo de inscrições?
  - 8) Como a documentação sobre o evento é feita?  
 Digital (Planilhas, Relatórios)  
 Papel (Colagem de papel, escritas, fichas)
  - 9) Quem é responsável por fazer a documentação do evento?
  - 10) Qual é o procedimento para criação e armazenagem da documentação do evento?
  - 11) Todo o corpo de funcionário tem acesso a todo tipo de informação?  
 Sim  Não
- Justificativa: \_\_\_\_\_
- 12) Como é prevista a estrutura que se deve organizar para o próximo ano?
  - 13) Como funciona o processo de aquisição de novos recursos para o evento (desde verba até a contratação de professores)?
  - 14) Se você não estiver mais podendo organizar o evento, os demais integrantes conseguem organizar, ou a informação é centralizada?
  - 15) Quais são as fraquezas e ameaças ao evento?
  - 16) Quais são as forças e oportunidade que o evento possui?

**APÊNDICE B – Protocolo de pesquisa documental**

| <b>Categoria</b>  | <b>Variáveis</b>                 |
|-------------------|----------------------------------|
| Alunos            | Número de Inscritos, Origem.     |
| Professores       | Número de Professores, Origem.   |
| Cursos            | Número de Cursos, Instrumentos.  |
| Duração do Evento | Duração Total, Fases Existentes. |

### APÊNDICE C – Glossário de Instrumentos Musicais

|   | Nome       | Descrição  |
|---|------------|--|
|    | Acordeon   | Um instrumento musical portátil, com teclado e fole para forçar o ar através de pequenas palhetas de metal e assim produzir som.   |
|    | Alaúde     | Instrumento de cordas, de origem árabe, com caixa de ressonância em forma de meia pêra e braço relativamente longo.  |
|   | Bandolim   | Instrumento musical de quatro cordas duplas, de dimensões menores que a guitarra, e que geralmente se toca com palheta.  |
|  | Bateria    | Conjunto de instrumentos de percussão utilizados em bandas, constituído de bumbo, caixa, tarol e pratos, tocados por um só executante.   |
|  | Berimbau   | Instrumento de corda percutida, de origem africana, constituído por metade de uma cabaça presa a um arco de madeira, com um fio de arame retesado (atuando como uma corda) que é percutido com uma vara. |
|  | Cavaquinho | Instrumento musical de quatro cordas e sons agudos, lembra uma viola pequena.  |

|   |                               |   |
|---|-------------------------------|---|
|    | <p>Clarinete ou Clarineta</p> | <p>Instrumento de sopro, com palheta simples e tubo cilíndrico. Possui orifícios laterais como os da flauta e chaves para auxiliar o abrir e fechar desses furos na obtenção das diferentes notas.</p>  |
|    | <p>Contrabaixo</p>            | <p>Contrabaixo é um instrumento de cordas, tocado com arco ou em pizzicato. Embora tenha semelhança em formato com o violino, não pertence à família desse instrumento mas, a família da viola da gamba, de onde originou-se.<br/>É normalmente usado em música clássica, mas é muito comum em um jazz ou bandas de dança.<br/>Nome informal: rabecão</p> |
|  | <p>Contrabaixo elétrico</p>   | <p>Equivalente eletrificado que tem o mesmo tom e afinação como um contrabaixo, É eletricamente amplificado. Pode possuir quatro ou cinco cordas.</p>   |
|  | <p>Cravo</p>                  | <p>Instrumento de cordas pinçadas com um ou dois teclados, da família do virginal e da espineta, maior que esta e cujo som é produzido por palhetas internas, os chamados <i>plectros</i>, que puxam as cordas fazendo-as vibrar.</p>   |
|  | <p>Fagote</p>                 | <p>Instrumento de sopro, de palheta dupla e tubo cônico, utilizado em orquestra.</p>  |
|  | <p>Flauta doce</p>            | <p>Flauta: Designação genérica dos instrumentos de sopro direto. Um dos mais antigos instrumentos musicais formados por um tubo oco com orifícios, num dos quais o executante sopra, ao mesmo tempo que ocupa os dedos em tapar ou destapar os demais, para obter</p>   |

|   |                    |  |
|---|--------------------|--|
|   |                    | <p>variações nas alturas dos sons.</p> <p>Flauta doce: Flauta posicionada verticalmente e soprada na extremidade; flauta inglesa, flauto.</p>  |
|    | Flauta transversal | <p>Designação genérica dos instrumentos de sopro direto. Um dos mais antigos instrumentos musicais formados por um tubo oco com orifícios, num dos quais o executante sopra, ao mesmo tempo que ocupa os dedos em tapar ou destapar os demais, para obter variações nas alturas dos sons.</p> <p>Flauta transversal: Instrumento de sopro direto e lateral, feito de madeira ou metal, que integra orquestras; flauta alemã.</p> |
|    | Flautim            | Instrumento soprano (mais agudo) da família das flautas transversas.   |
|   | Guitarra           | Instrumento de cordas, com um braço dividido em semitons por filetes de metal (chamados trastes). (Na guitarra elétrica, os sons são obtidos através de captadores, transformados em sinal elétrico e posteriormente amplificados).  |
|  | Guitarra barroca   | Instrumento musical de cordas dedilhadas originada no séc. XVII, possui 5 pares de cordas. É menor e mais leve que o violão. Possui trastes amarrados sobre o braço.   |
|  | Harmônica          | Instrumento musical de palhetas livres, as quais vibram devido à passagem de ar, produzindo os sons desejados. Pode ser diatônica ou cromática. Gaita-de-boca.   |
|  | Harpa              | Instrumento bastante antigo, composto de cordas estendidas numa moldura aberta, que, na execução se dedilha. Pode possuir chaves ou pedais que afetam a afinação das cordas, gerando sons cromáticos. Existe em diversos tamanhos.   |

|   |          |   |
|---|----------|---|
|    | Oboé     | Instrumento musical de sopro com corpo em madeira, tubo de forma cônica e com palheta dupla. É o instrumento utilizado para dar a nota para afinação da orquestra.  |
|    | Órgão    | Instrumento musical da família dos aerófonos, cujo som é produzido pela passagem do ar num sistema de tubos, controlado através de uma consola que pode ter um ou mais teclados e a pedaleira, uma espécie de teclado para ser tocado com os pés. |
|    | Pandeiro | Instrumento musical de percussão, formado por um aro de madeira ou metal com uma pele estendida sobre o mesmo, guarnecido de soalhas ou guizos, é tocado com as mãos.   |
|  | Piano    | Instrumento de teclado (88 teclas) com cordas percutidas por martelos revestidos de feltro. Possui um complexo mecanismo de acionamento dos martelos a partir das teclas. Pode ser vertical ou de cauda, existindo em tamanhos diversos.          |
|  | Pífano   | Instrumento de sopro, parecido com a flauta, mas menor e de som agudo.  |
|  | Saxofone | Membro de uma família de instrumentos de sopro, de palheta simples e boquilha similar a do clarinete, criado no século XIX por Adolf Sax.   |
|  | Teclado  | Instrumento musical de teclado. Possui uma série de recursos que permitem a reprodução do som de outros instrumentos musicais.  |

|   |          |  |
|---|----------|--|
|    | Teorba   | Instrumento da família dos alaúdes, dotado de duplo braço e dois cravelhais, estando um conjunto de cordas para fora do espelho.   |
|    | Traverso | Instrumento musical de sopro, com tubo oco e orifícios na lateral para a obtenção de diferentes sons. Geralmente construído em madeira, podendo ser uma peça inteiriça ou em seções que se encaixam.   |
|    | Trombone | Instrumento de sopro de metal, com bocal, constituído por um longo tubo dobrado sobre si mesmo, terminando por uma campânula que projeta o som para frente, com dispositivo de vara (menos comuns os com pistons) para produzir a diferenciação das notas. Trombão.        |
|  | Trompa   | Instrumento de sopro com bocal, constituído por um tubo enrolado sobre si mesmo, terminando por uma campânula, tendo, válvulas rotativas para produzir a diferenciação das notas.  |
|  | Trompete | Instrumento de sopro, semelhante ao clarim, constituído por um cilindro metálico com um bocal numa extremidade e uma campânula na outra, dotado habitualmente de três pistons.   |
|  | Tuba     | Instrumento musical de sopro que consiste em um tubo de metal enrolado sobre si mesmo com uma extremidade em forma de campânula. Dotada de três ou quatro pistons, é usada em bandas de músicas e orquestras. Possuem sons graves e existem em vários tamanhos. Bombardão. |
|  | Vihuela  | Tipo de instrumento renascentista espanhol de cordas dedilháveis, com formato semelhante ao violão e seis cordas de tripa.   |

|   |                |   |
|---|----------------|---|
|    | Viola          | Instrumento de arco e cordas friccionáveis semelhante ao violino, de maiores dimensões e som mais grave que o deste. O instrumento é sustentado na posição horizontal.  |
|    | Viola Caipira  | Instrumento de cordas dedilháveis, semelhante ao violão, porém menor, com cinco ou seis cordas duplas de metal, de larga utilização na música rural brasileira e portuguesa. Também chamada de viola brasileira por alguns autores.   |
|   | Viola da Gamba | Qualquer instrumento de uma família de arco largamente utilizado no século XVII; caracteriza-se por caixa de ressonância de fundo chato, presença de trastes, seis cordas e posiciona-se verticalmente entre as pernas, quando da execução.   |
|  | Violino        | Instrumento cordófono, de madeira, executado com um arco e desenvolvido no século XVI, a partir da família das violas; suas quatro cordas, hoje metálicas, são afinadas em quintas (sol, ré, lá, mi) e sua extensão é de quase quatro oitavas (sol a mi); o instrumento é sustentado na posição horizontal. |
|  | Violoncelo     | Instrumento de arco e cordas friccionáveis, que corresponde ao baixo da família dos violinos, executado, porém, verticalmente, e apoiado no espigão; <i>cello</i> ; rabecão pequeno.  |

Fonte: Adaptado de Houaiss (2001); Priberam (2015); WordReference (2015);

## APÊNDICE D – Ilustrações da Oficina de Música de Curitiba



*Imagem da Autora participando do Concerto dos alunos do curso de Método Suzuki da Oficina de Música de Curitiba de 2003, no Memorial de Curitiba, sob regência da Professora Simone Sawitsky.*



*Imagem da Autora participando do Concerto dos alunos do curso de Método Suzuki da Oficina de Música de Curitiba de 2003, no Auditório do Sesc da Esquina.*



## D E C L A R A Ç Ã O

Declaramos para os devidos fins que **CRISTIANE G. B. SOUZA**, participou da **XXI Oficina de Música de Curitiba – 2003**, no Curso de “**VIOLINO – MÉTODO SUZUKI**” no horário das 09h às 12h e das 13h30 às 15h30, de segunda à sábado, no período de 05 a 15 de janeiro de 2.003.

Por ser verdade, firmamos a presente.

Curitiba, 15 de janeiro de 2.003.



Conselheiro Artístico da  
XXI Oficina de Música de Curitiba



*Declaração de participação da Autora no curso de Violino – Método Suzuki do ano de 2003*



*Imagem da Autora em participação da Oficina de Música de Curitiba de 2006, em apresentação no Hall do Sesc da Esquina.*



*Autora junto à Fundadora da Oficina de Música de Curitiba, em 2015.*



*A autora, a professora orientadora, a atual gerente da Oficina, o presidente do ICAC, a banca examinadora e os familiares da autora.*